VARIAS POEZIAS
DO VENERAVEL PADRE
Fr. AGOSTINHO
DA CRUZ

Religioso da Provincia da Arrabida,

DEDICADAS

AO

EXCEL., E REVEREND. SENHOR

D. Fr. MANOEL
DO CENACULO,

Bispo de Beja, do Conselho de Sua Magestade, Confessor, e Mestre do Sereníssimo Principe da Beira, e Presidente da Real Meza Censoria.

POR

JOZE' CAIETANO
DE MESQUITA

Professor de Rhetorica, e Logica do Collegio Real de Nobres.

LISBOA.

Na Offic. de MIGUEL RODRIGUES,
Impres. do Emin. S. Card. Patr.

M. DCC. LXXI.

Com licença da Real Mesa Censoria.

Já livre de tamanhos dezatinos ,
O fogo morto , rotas as cadêas
Canto alegre aos Ceos Odas , e Hymnos.

Bernardes : Carta 1. *V*. 43. *e ſeg.*

EX.^mo, E REV.^mo SENHOR.

TIve até agora cuidado em fazer que reviveſſem muitos Eſcriptores, noſſos naturaes, que mais floreceraõ em obras de Proza, ou Verſo, tanto em Latim, como em Vulgar. Aſſim o pratiquei com Diogo de Teive, com Franciſco Martins, com Bernardes, e com muitas das obras do meu Fr. Luiz de Souza. Bernardes me fez lembrar de ſeu irmaõ o Padre Fr. Agoſtinho da Cruz, que mais do que outro algum tinha eſtado eſcondido até

aos nossos dias, e apenas tinha apparecido delle em publico alguma breve parte entre as obras de seu irmaõ, e na Chronica da sua Provincia. O que só servia para fazer as outras mais desejadas. Era isto talvez effeito da humildade dos seus Religiosos Irmaõs, que até do que póde ter a menor apparencia de gloria do seculo fogem escrupulosamente, por julgarem, que assim he decente á sua estreitissima Reforma. Com este motivo merece desculpa a sua omissaõ. Mas eu a naõ devia merecer, se naõ as procurasse para as publicar, depois de ter publicado a maior parte das de Bernardes.

Procurei-as do Convento da Arrabida, e as fiz copiar com diligencia, e quero agora imprimilas. Pareceu-me que era justo, e devido obsequio dedicar a VOSSA EXCELLENCIA este meu trabalho por serem obras de hum Religio-

so

ſo da ſua Ordem ; de hum Reli-
gioſo de talento , e goſto muito
polido ; de hum Religioſo cheio
de grandes virtudes proprias do
ſeu Inſtituto, digno exemplar pa-
ra a imitaçaõ ; mas ſobre tudo ,
porque por eſte modo tinha oc-
caſiaõ de fazer ver aos que hoje
vivem , e tambem aos que haõ de
viver depois de nós o que VOSSA
EXCELLENCIA muitas vezes tem
moſtrado , e dito em publico , e
em particular ; que he meu ami-
go. Diz VOSSA EXCELLENCIA , que
o faz aſſim , diſtinguindo-me , e
attendendo-me ; porque acha em
mim affecto aos eſtudos , talento,
e zelo para o emprego que Sua
Mageſtade me confiou ; amor da
minha Patria , fidelidade , e ſin-
ceridade com as peſſoas de quem
ſou amigo. A verdade he que neſ-
tes motivos tem muita parte a ſin-
gular bondade , e grande honra
de VOSSA EXCELLENCIA. Mas eu
naõ devo calar eſtas admiraveis
virtu-

virtudes de VOSSA EXCELLENCIA, e a gloria que me resulta do effeito dellas. Se tenho affecto aos estudos, zelo do meu officio, e amor da minha Patria fidelidade, e sinceridade para com os meus amigos; VOSSA EXCELLENCIA me tem dado o exemplo. O que eu unicamente asseguro he, que pelo muito que estimo todo o favor de VOSSA EXCELLENCIA, mereço aquelle nome, com que VOSSA EXCELLENCIA me trata, e me acredita; e para que o naõ desmereça nunca, sirva esta minha confissaõ, e o testimunho, que agora dou neste piqueno obsequio, que lhe faço. Dême VOSSA EXCELLENCIA a sua sagrada bençaõ, que eu aceito com toda a veneraçaõ que lhe he devida. Collegio de Nores, 18 de Junho de 1771.

De V. Excellencia
Subdito muito fiel, e obrigadissimo

Jozé Caietano de Mesquita.

VIDA

VIDA
DO VENERAVEL PADRE
Fr. AGOSTINHO
DA CRUZ,
ESCRITA
POR JOZE' CAETANO DE MESQUITA.

A Villa da Ponte da Barca eſtá ſituada meia legoa da villa d' Arcos da parte do Sul do rio Lima; ſeis legoas da villa de Vianna, ao Naſcente, indo o meſmo rio aſſima. Foi ella onde naſceu o Veneravel ſervo de Deos Fr. Agoſtinho da Cruz no anno de 1540. Chamava-ſe no ſeculo Agoſtinho Pimenta. Seu pai Diogo Bernardes Pimenta era peſſoa grave daquella villa; e ſeu irmaõ o inſigne Poeta Diogo Bernardes he bem conhecido entre nós pelo ſeu raro ingenho, e compoziçoens Poeticas, cheias de ſuavidade, e elegancia natural.

Eſtando ainda muito nos primei-

nos

ros annos, ſeu pai o acommodou em caza do ſenhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, neto d' ElRei D. Manoel. Como aquelle Principe tinha herdado de ſeu pai ſingular goſto das bellas Letras, e rara eſtimaçaõ dos bons ingenhos, facilmente admittio ao ſeu ſerviço hum moço, que já naquelles annos dava claros ſinaes, do que foi depois. Eraõ quaſi da meſma idade: tinhaõ propenſaõ aos meſmos eſtudos; e talvez até o entrever o meſmo Principe em Agoſtinho Pimenta hum animo proprio á piedade, e devoçaõ, fazia que o diſtinguiſſe muito entre todos os ſeus criados.

Concorriaõ a caza do ſenhor D. Duarte os Fidalgos mais bem inſtruidos daquelle tempo: converſavaõ com Agoſtinho Pimenta, e elle os obrigava de ſorte com as ſuas delicadas Poezias, e ainda mais com huma natural viveza, e graça, que lhes fazia muito deſejado o ſeu trato, e companhia. Entre eſtes Fidalgos era mais frequente o Duque de Aveiro D. Alvaro, a quem, e a ſeu filho o Duque de Torres Novas D. Jorge, deveu Agoſtinho Pimenta muito

muito favor no ſeculo, e muito mais depois na Religiaõ.

Com todas eſtas diſtinçoens, e commum applauſo promettia o mundo a Agoſtinho Pimenta os maiores adiantamentos, e fortunas; mas Deos, que o reſervava para outro deſtino mais alto, lhe fazia entre ellas experimentar os diſſabores, e amarguras, que melhor excitaõ o animo para conhecer o caduco, e enganoſo dos bens com que o meſmo mundo liſongea.

Obſervava elle, que todas aquellas amizades unicamente lhe ſerviaõ para entreter o tempo que ſó aproveitaria bem, ſe o occupaſſe comſigo, e com Deos. Da parte dos que lhe invejavaõ a ſua fortuna encontrou emulaçaõ: em algumas partençoens teve o ſucceſſo menos feliz: os amigos a quem ſe prendia muito eſtreitamente pela ternura, e bondade de ſeu coraçaõ, lhe naõ correſpondiaõ como elle lhe merecia: tudo iſto lhe trazia muitas vezes á lembrança, que o voltaſſe de todo para quem lho aceitaſſe ſeguramente, e lhe pagaſſe com muita ventagem. De todos os ſeus eſcritos ſe

enten-

entende facilmente quanto temos obſervado ſobre os motivos da ſua converſaõ.

Tinha a ſenhora Infanta D. Iſabel (já do anno de 1540. viuva do ſenhor Infante D. Duarte) ſingular devoçaõ com os Religioſos da Arrabida. He boa prova o Convento, que lhe fundou, de Santa Catharina de Ribamar em 1551. Vinhaõ elles com muita continuaçaõ a caza da ſenhora Infanta, e mais que todos o Veneravel Fr. Jacome Peregrino, o *Tio*, (*) filho da villa de Pinhel na Provincia da Beira, cuja converſaõ he das mais admiraveis que ſe lem; pois naſceu da ſimples curioſidade de ir ver o ſitio da Arrabida. A eſte, a quem Agoſtinho Pimenta ouvia prégar com edificaçaõ, e tratava muitas vezes, pedio o habito da ſua Provincia, e elle, com licença da ſenhora Infanta, lho deu de muito boa vontade.

Para melhor ſe ſegurar da vocaçaõ o Veneravel Provincial mandou que

---

(*) Ajuntamos eſta circumſtancia para differença do outro que era naſcido em Oeiras, e ſeu ſobrinho, a quem o ſenhor Rei D. Joaõ o IV. eſtimou muito.

que o pertendente tomaſſe o habito, e tiveſſe o noviciado no pobre, e reformado Conventinho de Santa Cruz da Serra de Cintra. Tomou-o em dia da Vera-Cruz de 1560.

Veſtido do eſtreito, e groſſeiro habito, mettido numa pequena gruta, apertada, e falta de luz, com huma cortiça por cama, hum madeiro por cabeceira, começou a eſquecerſe do mundo, naõ dando já mais deſcanſo ao corpo no aturado trabalho de todos os dias. Os alimentos ordinarios, mal temperados, e em pouca quantidade; o jejum quaſi continuo, e muitas vezes de paõ, e agua: ſemanas inteiras paſſadas ſem accender fogo, por naõ haver para que: diſciplinas, e cilicios aſperos ſem hora de alivio: nada diſto baſtou para lhe esfriar o fogo do amor de Deos, ou lhe provocar o menor arrependimento da ſua converſaõ. Completo o anno ſe lhe deraõ uniformemente os votos pela Communidade, e profeſſou tambem no dia da Vera-Cruz de eſtoutro anno, tomando o nome de Fr. Agoſtinho da Cruz, pelo dia, e pela devoçaõ,

çaõ , e affecto áquelle final preciofo de noffa Redempçaõ. (*)

Continuou com o mefmo fervor na obfervancia de fua Reforma. E ainda que confervou algumas correfpondencias de peffoas inftruidas, julgando naõ desdizer da aufteridade do feu inftituto condefcender com os feus amigos, achando-fe nas fuas mezas, e comendo dos delicados pratos, com que eraõ fervidas; com tudo fempre fe houve com a Religiofa modeftia, e o decoro devido á mefma reforma. Efta virtuofa condefcendencia praticada huma ou outra vez, nenhuma peffoa fizuda, creio, que a haja de defapprovar: he huma parte da caridade fazer companhia a noffos irmaõs, e confolalos com a noffa prefença; muito mais quando ella poderá fervir para com a fobriedade fe lhe dar exemplo, ou com a alegria efpiritual melhor os attrahir para a virtude.

Naõ quiz já-mais aceitar cargos da

(*) Veja-fe a Ecloga que começa: *Trazes mudada a côr, mudado o rofto &c.*, onde defcreve o noviciado.

da Religiaõ; ſendo eleito algumas vezes para elles. Mas tendo de idade ſeſſenta e cinco annos; a inſtantes rogos do Provincial Fr. Antonio da Aſſumpçaõ aceitou o ſer Guardiaõ do Convento de S. Jozé de Ribamar. Naõ foi o ſeu animo encarregarſe deſte officio, para por elle ſubir aos maiores da Religiaõ, como ſem cauſa alguem ſuppunha: era vontade do Provincial, que talvez olharia, a que ſendo Fr. Agoſtinho taõ bem quiſto, ſerviſſe de muito para bem da Religiaõ nos outros maiores a que foſſe ſubindo; mas com fim muito diverſo (quaes coſtumaõ ſer os dos homens, que deveras ſe entregaõ a Deos). Aſſentou que por eſte meio facilitaria hum deſpacho, que já de tanto tempo intentava, e era que ſe lhe déſſe licença para ſe retirar á *Serra* da Arrabida, a viver ſolitario, e apartado de toda a communicaçaõ dos homens, de quem achava, que nada devia eſperar para ſi. Queria negarſe inteiramente ao trato delles, privar o corpo de todo o cómodo, e entregarſe todo ao ſocego, e paz do eſpirito, no ſilencio, e na otaçaõ,

oraçaõ, vivendo ſó em Deos, e com Deos.

Tanto que lhe pareceu tempo apreſentou a ſupplica ao Provincial, rogando-lhe com muitas lagrimas, e com o mais vivo affecto do coraçaõ lhe deferiſſe; mas como eſte duvidaſſe da perſeverança, naõ defer o. Era demaziadamente rigoroſa a vida que queria abraçar; e muito diverſa da ſociavel, ainda que obſervante, que fizera até alli. Tornou huma, e muitas vezes a repetir a petiçaõ; naõ foi ouvido: mandou-ſe-lhe que fizeſſe reflexaõ ſeria, e de mais tempo; que entaõ tornaſſe, e talvez ſeria deſpachado.

Vivia o ſervo de Deos magoado, e inconſolavel, ſendo eſcuſadas as ſuas petiçoens: porém entre eſtes diſſabores, e magoa, o recreava entender, que o Senhor por eſte modo talvez o queria purificar mais, e confirmar-lhe o ſeu eſpirito. E como Deos naõ falta aos ſeus ſervos, que com limpeza, e ſimplicidade do coraçaõ o buſcaõ: por hum caminho bem novo ſe facilitou a Fr. Agoſtinho, o que

quaſi

quaſi receava naõ poder alcançar já mais.

Vivendo o Veneravel Fr. Diogo dos Innocentes, filho da villa do Torraõ, e Irmaõ do Prior mór de Aviz D. Franciſco do Avelar, no Convento que a Provincia dos Algarves tem na Villa de Setubal, pertendeu encorporarſe na Provincia da Arrabida, e ir viver neſta Serra na caza, que havia ſido de S. Pedro de Alcantara junto á Ermida da Senhora da Memoria. Alcançou o que deſejava: a ſua vida auſtera, e o genio pouco communicavel junto com a auctoridade de ſeu irmaõ, lho facilitou; além de outros motivos.

Com eſte ſucceſſo creſceu mais em Fr. Agoſtinho, a vontade em que perſiſtia desde tanto tempo. Vendo ainda agora que ſe lhe preferia hum filho adoptivo, e eſtranho; cheio de ſanto zelo renunciou a Guardiania: lançaſe aos pés do Provincial com muitas lagrimas, e palavras tiradas do intimo do coraçaõ, que bem davaõ a conhecer a verdade do ſeu eſpirito, pedio, rogou, e o obrigou em fim. Em dia de S. Jozé do anno de 1605. lhe deu a Patente,

tente. Naõ cabia em ſi de judilo, Fr. Agoſtinho por ter alcançado eſta felicidade porque tanto ſuſpirava: na ſua alma louvava infinitas vezes ao Senhor: dava-lhe repetidas graças de o chegar a tempo, em que ſó para elle, e com elle havia de viver. Deſpedio-ſe logo no dia ſeguinte dos amados ſubditos, que deixou bem ſaudoſos: tomou a bençaõ ao Provincial, e partio.

Achava-ſe a eſte tempo o Duque D. Alvaro, e ſeu filho o Duque de Torres Novas na quinta de Azeitaõ; era Padroeiro, e ſingular devoto do Convento da Arrabida; além diſto deſde muito tempo muito affeiçoado ao Padre Fr. Agoſtinho (como diſſemos) a quem tratava com todo o carinho, e amizade. Pareceu juſto ao ſervo de Deos, antes de ſe recolher ao ſeu deſerto, viſitalo, e communicar-lhe a ſua mudança. Eſtava o Duque no jardim, quando o Padre Fr. Agoſtinho chegou. A penas o vio foi-lhe tomar a bençaõ, e com a coſtumada graça lhe diſſe: *Bem vindo, Padre Fr. Agoſtinho: E como ſe eſqueceu da Arrabida, tanto que ſe vio em S. Jozé,* *vizi-*

vizinho da Corte? Ouvio-o o ſervo de Deos; e com muita manſidaõ, e brandura reſpondeu: *Senhor, póde ſer que mais do que nunca me lembre ella agora a mim? Venho buſcala de todo, para nella acabar o reſto da vida ſó com Deos: Eſta he a minha Patente.*

Enterneceu-ſe muito o Duque, que conhecia bem o eſpirito de Fr. Agoſtinho, e o via mais prezo cada dia com Deos: Com as lagrimas nos olhos cheio de prazer, e edificaçaõ levou comſigo a Fr. Agoſtinho para o palacio.

Entretendo-ſe largamente em ſanta, e amigavel converſaçaõ lhe tornou a perguntar o Duque: *Como, meu Padre Fr. Agoſtinho, ſe póde vencer, como tomou tal reſoluçaõ? A ſua vida era religioſa; mas V. Caridade ſe inclinava naturalmente á converſaçaõ, e trato dos amigos: feſtejava com bom ſemblante a boa merenda quando a encontrava? Iſto cuſta muito a deixar: e ainda mais ſe ſe ſabe ajuſtar com as obrigaçoens de Religioſo. Aſſim he, Senhor,* (tornou Fr. Agoſtinho) *mas eu fiz de vagar as minhas contas: V. Excellencia ſabe quan*

quanto ri, quanto folguei: o pago, que me deu quem me levou os meus bons dias, foi só avizarme de quanto errava. Tinha dado tudo a Deos: só isto me faltava para lhe dar: este era o unico sacrificio que me restava; determineime a fazelo: a isso vou. Esta reposta deu bem a entender ao Duque, que naõ era levemente que Fr. Agostinho se tinha determinado ao seu novo proposito: e no seu interior admirava os efficazes effeitos da graça de Deos.

Naõ havia commodo na Serra para o servo de Deos viver solitario; a cella em que S. Pedro de Alcantara tinha vivido, estava nella o Veneravel Fr. Diogo dos Innocentes. Por esta razaõ fiado no favor do Duque lhe pedio Fr. Agostinho quizesse Sua Excellencia mandar-lhe fazer huma pequena, e pobre caza para nella se abrigar do ardor do Sol, e do frio do inverno. Prometteu lhe o Duque, que sim. Despedio-se Fr. Agostinho alegre, e consolado; e louvava a Deos Nosso Senhor por lhe facilitar com mais esta commodidade o que tinha destinado comsigo.

Che-

Chegando á Igreja da Senhora da Arrabida a fazer oraçaõ ; antes de ſe retirar para o ſeu ermo, fez o belliſſimo Soneto que começa: *Aqui Senhora minha onde ſoia &c.*, e he o quinto. Pela meſma occaſiaõ da ſua vinda fez o Soneto, que começa: *Tempo foi que paſtava neſte prado &c.*

Como o Duque ſe naõ lembrou logo da promeſſa, foi o ſervo de Deos obrigado a fazer entretanto huma pequena choupana tecida dos ramos de algumas arvores da ſerra, os quaes elle meſmo cortou, e armou por ſuas maõs. Nella paſſou quaſi ſeis mezes. As alfaias que tinha comſigo eraõ o Breviario ; humas pezadas diſciplinas que pendiaõ a hum lado da choſſa ; os cilicios com que alternadamente ſe caſtigava, hum pequeno feixe de mato aſpero que lhe ſervia de cama aos cançados membros: como aos primeiros Eremitas daquella Serra.

Continuava o Duque na ſua falta de lembrança ; e aſſim reſolveu-ſe o Padre Fr. Agoſtinho a fazer morada mais capaz de ſuportar a violencia, e deſordens dos tempos. Buſcou

os

os instrumentos accommodados para trabalhar em pedra, e foi abrindo na rocha vizinha hum bastante vaõ, onde se recolhesse: mas era o trabalho desacostumado, e duro: levantou-lhe em huma das maõs hum callo, que aggravando-se, quasi o poz a perigo de a perder.

Era já o fim do mez de Agosto, quando a noticia do estado, em que o Padre Fr. Agostinho se achava de enfermo sobre mal agazalhado, despertou o Duque a que o fosse ver, e pagasse a sua divida. Foi pessoalmente vizitalo, e pedirlhe que escolhesse logo, á sua vista, o terreno para a sua caza. Hia o Duque, e seu filho o senhor D. Jorge: chegaraõ á Arrabida, e subindo assima, toparaõ com Fr. Agostinho na pobre, e desabrigada choupana. Foi grande a alegria de parte a parte, como de quem se estimava com singeleza do coraçaõ. Tratou da escolha do terreno, e sitio. Queria o Duque, que Fr. Agostinho escolhesse: elle que tinha renunciado todo o appetite o mais innocente, protestava, que lhe naõ tocava mais do que aceitar a esmola.

Em

Em fim depois de huma ſanta porfia, tomou o ſenhor D. Jorge a enxada, e em pequena diſtancia da Senhora da Memoria, começou a demarcar o terreno, e a abrir os alicerces para a nova caza. Agradeceu-lhe o ſervo de Deos tal fineza, e lhe diſſe: *Bem me pareceu a mim ſempre, Senhor, que ninguem, ſenaõ Voſſa Excellencia me havia dar o lugar para a minha morada: he a paga de eu ter cantado nos meus Verſos o ſeu naſcimento.* Tinha-o feito aſſim na Ecloga Piſcatoria, que começa:

Queres ouvir cantar hum peſcador
Pobre, que de mariſco ſe ſuſtenta,
E ſegundo o que dizem foi paſtor? &c.

Começou a caza; e como era pouca a fabrica, acabou-ſe com brevidade. Ainda hoje ſe conſerva em memoria do ſeu primeiro morador. Aqui continuou a ſua vida penitente, e ſolitaria. Levantava-ſe antes de amanhecer para a ſanta Oraçaõ: acabada ella hia á Ermida da Senhora da Memoria a ouvir Miſſa do Veneravel Fr. Diogo dos Innocentes, que depois lhe ajudava, e ouvia a ſua tambem. Entaõ

ſe

ſe ſaudavaõ, e logo ſe deſpedia cada hum para o ſeu retiro, e para o ſeu amado ſilencio. Naõ era hora alguma deſoccupada para o ſerviço de Deos: rezava o ſeu Officio com a devoçaõ que delle he de crer: o reſto do dia o empregava ou no ttabalho, ou na ſanta Oraçaõ.

E que favores naõ recebia do Ceo neſte piiſſimo exercicio! Foi viſto muitas vezes derramar copioſas lagrimas: outras eſtar elevado, e fóra de ſi, ſem dar tino de nada exterior, e terreno. Deſte modo o achou outro ſolitario (o Padre Fr. Fernando de Santa Maria) indo-o buſcar por negocio preciſo. Corriaõ-lhe em tanta copia as lagrimas, que enſopavaõ o lenſo, ou groſſeiro panno, em que ſe limpava. Banhado em lagrimas de eſpiritual conſolaçaõ o achou tambem o Duque D. Alvaro na Capella mór do Convento, diante do Santiſſimo, e o deixou continuar naquella enchente de graça com que o Senhor lhe inundava o eſpirito, e ſe lhe via treſbordar taõ ſuavemente no ſemblante.

Nas horas de deſcanſo eſcrevia tam-

tambem os ſeus verſos, de que nos reſtaõ, os que damos á luz, e de que depois havemos fallar. Nos Domingos vinha ao Convento buſcar o paõ para os oito dias, e nos mais ſolemnes ficava aos Officios Divinos. Jejuava ſempre a paõ, e agua; mas nos dias mais ſolemnes aceitava para ſeu ſuſtento algumas frutas ou hervas; porém de tudo iſto uſava muito moderadamente. Quando o paõ eſtava ſeco, para melhor o poder levar, o molhava em agua fria; e era eſte o unico tempero, com que o fazia mais ſaboroſo.

Quando queria occuparſe no trabalho de maõs ſe entretinha em fazer bordoens, que diſtribuhia ou aos ſeus Frades, ou apreſentava aos Duques de Aveiro e Torres-Novas, e Duquezas, quando o hiaõ viſitar; o que faziaõ muitas vezes. O meſmo faziaõ varias peſſoas, que naquella ſolidaõ o procuravaõ pelo raro conceito da ſua virtude, e dom de conſelho, para que lhes dirigiſſe as ſuas conſciencias, e as encaminhaſſe no negocio da ſalvaçaõ, ou as ſoccorreſſe com as ſuas oraçoens ainda

nas

nas pertençoens temporaes em que entravaõ.

He verdade que eſtas vizitas, e cõmunicaçoens o mortificavaõ baſtantemente, alterando aquelle ſocego, e trato interior com Deos, a que de todo ſe queria dar: mas a ſua bondade, e agazalho natural, ou para o dizer melhor, a caridade benigna com o proximo, lhe fazia tal força, que a todos recebia com a meſma afabilidade, e brandura que o poderia fazer vivendo no meio do ſeculo, e eſtimando muito o ſer buſcado. Mas he que ſabia, que a caridade verdadeira faz, que o Chriſtaõ ſeja tudo para todos, como o era o Apoſtolo.

Saõ raras as coiſas que agora diremos, e por iſſo mais admiraveis: trazem nos á memoria os antigos Padres do dezerto que pela pureza, e innocencia da ſua vida permittio o Senhor, que as feras mais deshumanas, e as meſmas aves, que mais fogem dos homens com certa eſtranheza, e temor natural, os buſcaſſem, e ſe recreaſſem de lhes aſſiſtir, e os acompanhar. Todos os dias, a hora do

jantar

jantar tinhaõ cuidado de o buſcar huma cerva, e huma gineta, animaes bem pouco domeſticos da ſerra: com ellas repartia o ſervo de Deos do ſeu ſuſtento. Queriaõ ás vezes contender ſobre o melhor quinhaõ de cada huma: o ſanto velho com muita candura lhe mandava tiveſſem paz, e foſſem bem amigas, que todas eraõ creaturas do meſmo Senhor. Comiaõ: deſpedia-as com a ſua bençaõ; retiravaõ-ſe pontualmente.

Em huma noite de Natal tinha o ſervo de Deos vindo ao Convento, ſegundo o ſeu coſtume: buſcou-o a gineta primeiro na ſua caza: naõ o achou; e ſeguindo-lhe os paſſos, entrou no Convento: buſcava-o por huma parte, e outra; e naõ o topando em fim foi ſalteada dos animaes que guardavaõ a caza, e a mataraõ. Moſtrou o ſervo de Deos ſentir eſte ſucceſſo, faltando-lhe aquella creatura, que todos os dias lhe lembrava louvar mais ao Senhor, dando-lhe tambem liçoens efficazes na obediencia, e agradecimento, que lhe moſtrava. Innumeraveis vezes eſtando o ſervo de

Deos ſentado á porta da pequena cazinha, lhe vinhaõ poizar ſobre os hombros, ou no collo, os paſſarinhos que pela Serra andavaõ em bandos livremente, e em engraçada competencia ſe deſafiavaõ huns aos outros a cantar, para que deſſem prazer ao ſanto velho, e lhe avivaſſem a memoria dos ſuaviſſimos hymnos, que na eternidade havia de entoar ao meſmo Senhor, de quem agora por aquelle modo era convidado a ter huma dulciſſima ſaudade.

Para o Senhor dar mais que merecer ao ſeu ſervo, permittio que entre todas eſtas bonanças de eſpiritual conſolaçaõ ſe levantaſſe huma tempeſtade que as perturbaſſe. Os Religioſos da Provincia da Arrabida, que quizeraõ parecer mais zeloſos, offenderaõ-ſe de que os dois ſolitarios o Padre Fr. Diogo, e o noſſo Fr. Agoſtinho, ainda que homens de taõ provada virtude, e ſugeitos á obediencia dos Prelados, viveſſem fóra da clauſura do Convento. Inſtavaõ muitas vezes, e davaõ vozes nos Capitulos, para que ou ſe cerraſſe a cerca de modo,

do, que comprehendeſſe a morada dos dois ſolitarios, ou elles largaſſem eſta, e viveſſem no Convento como os mais. O Padre Fr. Diogo cedeu aos clamores: renunciou a ſua Patente nas maõs do Provincial, para que elle mandaſſe o que bem lhe pareceſſe. O Provincial a aceitou, compadecendo-ſe da muita idade do ſervo de Deos (eraõ ſetenta annos), e mais ainda das ſuas moleſtias: deu-lhe obediencia para o Convento de Alcobaça. Mas o noſſo Padre Fr. Agoſtinho conſervou-e como d'antes, ou por ter mais forças para perſeverar na vida ſolitaria, auſtera, e penitente; ou porque ſe temeu deſagradar ao Duque de Aveiro, que o naõ queria dalli fóra: o certo he que elle ſe conſervou naquelle lugar até o meio de Março de 1619.

Nos principios deſte mez foi o ſervo de Deos acomettido de huma febre aguda, cuja violencia o proſtrou logo gravemente. Levaraõ-no á enfermaria, que a Provincia tem em Setubal, e deſpedindo-ſe dos ſeus amados Religioſos, lhe pedia encarecida-

mente lhe encomendassem a alma a Deos; que o corpo estava já acabado. Foi logo vizitalo seu Bemfeitor o Duque de Torres Novas D. Jorge, que entaõ assistia naquella villa. Significou-lhe o seu grande pezar, e magoa de o ver naquelle estado; e accrescentou que as Duquezas muito desejavaõ tomar-lhe a bençaõ. Agradeceu o servo de Deos este obsequio; e quanto ao mais: *Que Suas Excellencias se naõ incomodassem; porque tempo lhe daria Deos Nosso Senhor para lha tomarem muito á sua vontade.*

Naõ cedia a febre aos remedios, antes de cada vez se ateava de sorte, que bem se via que dentro de pouco tempo consumiria o corpo secco, e mirrado do jejum, e das mortificaçoens. Declararaõ os Medicos ao Guardiaõ de Alferrara, que o enfermo morria sem duvida, e lhe pediraõ lho quizesse dizer assim. Elle lho disse; e o servo de Deos com muita alegria, e muita paz aceitou a noticia. E accrescentou: *Irmaõ Guardiaõ, Nosso Senhor lhe pague a caridade, e o amor com que me trata:*

trata: o affecto que ſempre lhe tive, bem merecia que foſſe V. Caridade quem me déſſe eſta boa nova, e para mim do maior jubilo. Ha muito tempo que me preparo para eſta hora; mas particularmente depois que vivi em a noſſa Serra. Com tudo, como a meſma hora he taõ arriſcada, e taõ importante, lembro a V. Caridade, que pelo amor de Deos diga a todos que conhece, naõ guardem para ella o ajuſtar com Deos as ſuas contas. Confio eu neſte Senhor que a minha alma vá deſta vida na ſua amizade, e no ſeu agrado; mas naõ he pelo que mereço, pois ſei quanto ſou pobre, e mizeravel; he ſim pelo que eſpero das Chagas de meu Senhor Jezus Chriſto, em que ſempre me recolhi: no patrocinio de Maria Santiſſima Noſſa Senhora, que buſquei ſempre: e na intercesſaõ de N. P. S. Franciſco, de quem ſou filho ainda que indigno. Peço de todo o coraçaõ a V. Caridade, e a todos noſſos irmaõs me perdoem o eſcandalo, e mao exemplo que lhe tenho dado, e que roguem ao Senhor me perdoe por ſeu ſangue precioſiſſimo,

mo, e aceite a minha alma no seu Reino.

Recebeu da maõ do mesmo Guardiaõ os Sacramentos com a maior devoçaõ, e piedade; e pedio, lhe dessem pelo amor de Deos hum habito, em que o seu corpo fosse envolto á sepultura. Em fim outra vez de novo pedio a todos os que lhe assistiaõ, que lhe perdoassem; e por meio destes pedio o mesmo a todos os mais que conhecia, ou o conheciaõ a elle.

Defronte da barra, em que estava deitado em humas mantas grosseiras, e asperas, tinha o Oratorio, e nelle huma imagem do Senhor Crucificado. Despedindo-se de todos, recostou a cabeça sobre o travesseiro, por naõ poder levantala: poz fitos os olhos na devotissima imagem, e com ella continuou em ternos, e cordiaes soliloquios nascidos do intimo d'alma.

Naõ se tinha apartado do pé do servo de Deos hum seu particular amigo, o Padre Antonio Netto Correa: reparou depois de muito tempo, que nem se movia, nem dava os suspiros, que costumava entre o fervor da Oraçaõ; chamou

chamou á preſſa os enfermeiros ; rezaraõ o Officio da Agonia ; acabado elle entregou o eſpirito ſuaviſſimamente ao Senhor , indo poſſuilo face a face na Eternidade : Eraõ 14 de Março de 1619.

Eſtava o corpo ſumido de carnes, quebrantado , e abatido de forças , o roſto perdida de todo a côr , em razaõ naõ ſó das penitencias , mas da gravidade , e força da doença. Com tudo a penas eſpirou ficou com hum ar taõ alegre , e ſereno ; huma côr taõ natural , e viva , que dava certos pinhores da felicidade que eſtava gozando no Ceo aquella alma , que nelle havia eſtado depozitada.

Eſpalhou-ſe pela villa a noticia da morte do ſervo de Deos , e logo pela manhãa acudio á enfermaria grande numero de peſſoas naõ ſó a veneralo , mas a cortarlhe pedaços do habito , que guardavaõ como reliquias precioſas com que remediar os ſeus perigos e moleſtias ; e chegou neſta parte a tanto o exceſſo da devoçaõ que foi neceſſario veſtir ao ſanto cadaver novo habito para decentemente ſe poder levar á ſepultura. Ex-

Expozeraõ-no na Capella Mór da Igreja da Annunciada que he vizinha da enfermaria: e para impedir qualquer defordem, ou zelo menos difcreto dos que vinhaõ a bufcar reliquias; mandou o Duque de Aveiro que eftiveffem de fen inella os foldados da fua caza: e naõ fe contentando com ifto, elle mefmo, e feu filho vieraõ tambem metter guarda.

Cumprio-fe entaõ o dito do fervo de Deos, de que ás Duquezas naõ faltaria tempo para lhe tomarem a bençaõ á fua vontade: vieraõ agora fazelo affim: e em maior final da fua piedade, e veneraçaõ ao fervo de Deos, mandaraõ a hum feu Capellaõ, que cortaffe ao fervo de Deos parte dos cabellos do cercilio, e das unhas dos pés; e eftas foraõ as reliquias preciofas que guardaraõ. Outras muitas peffoas fe contentaraõ com tocar no cadaver as Coroas, e Rofarios de que ufavaõ, naõ podendo alcançar nada ou do habito, ou das coufas de feu ufo.

Quiz o Duque, que no feu Convento da Arrabida foffe depofitado o vene-

veneravel corpo, e eſta ſabia elle fora a vontade do ſervo de Deos: tendo muita eſperança de que alli ſe lembrariaõ delle nas ſuas oraçoens ſeus ſantos irmaõs diante do Senhor; e deſejando que ſe conſervaſſe o ſeu cadaver para ſempre, onde a alma tinha ſido recreada com tantas graças, e luzes do Ceo, a que eſperava ſubir, fiado nas miſericordias ſem numero do Deos de toda a conſolaçaõ.

Como devia ſer levado por mar, mandou o Duque aparelhar ricamente guarnecida de precioſas tapeçarias, e toldada de frondoſos, e verdes ramos huma boa Falúa; e ainda que ſe naõ tinha dado noticia a ninguem da hora da partida; com tudo ao ſahir o corpo da Igreja para ſe embarcar, ſe acharaõ preſentes as Communidades, aſſim Seculares, como Religioſas, da *villa*, para o acompanharem. Até a Arrabida foraõ com elle muitos Religioſos, o Duque de Torres Novas, o Marquez de Porto Seguro, que com eſte piedoſo obſequio agradeciaõ o amor, que o ſervo de Deos ſempre lhe tinha moſtrado em vida.

Fez

Fez o Duque de Aveiro outra nova fineza, e foi mandar tirar o retrato do servo de Deos bem ao natural: confiava que com ella, tendo mais viva a memoria do servo de Deos, o obrigaria melhor a ser seu intercessor diante do Senhor piedosissimo, em cuja presença o julgava. He tradiçaõ que ao tempo, que o pintor o retratava, o cadaver se rira, e que o pintor, e os mais assistentes fugiraõ atemorizados com a rara novidade. Se he verdadeira, naõ he de caso novo: sabe-se na Historia da Igreja hum similhante successo do cadaver do Martyr S. Bonifacio (*) (escravo de Santa Aglae) a respeito de seus companheiros: No dia seguinte que foi o de 16 de Março, feito hum Officio solemne, se deu o corpo á sepultura: foi o lugar della na Igreja, fóra das grades, da parte da sanchristia. Tinha o servo de Deos setenta e nove annos de idade, cincoenta e nove de habito, quatorze destes viveu Eremita naquella Serra. Esta

(*) Fleury, Hist. Eccles. tom. 2. liv. 9. num. 16.

Eſta he em breve a vida do ſervo de Deos Fr. Agoſtinho da Cruz, cujas obras Poeticas agora ſahem á luz pela primeira vez. Os ſeus Religioſos da Arribada me communicaraõ o exemplar dellas, de que ſe copiou hum com o maior cuidado, e deſte me ſervi para as imprimir. Parece-me que fiz obſequio ao ſervo de Deos, publicando-lhe humas obras, em que ſe encontraõ todos os ſentimentos da alma verdadeiramente convertida para Deos; o reconhecimento da ſua vocaçaõ; o agradecimento deſta meſma graça ſingular; o deſengano de que tudo he vaõ, e falſo no ſeculo; e o deſapego do que nelle mais nos liſongea, e prende; dignidades, riquezas, eſtimaçoens; o dom de perſeverança bem correſpondido; huma penitencia reſoluta, e continuada, pelos defeitos proprios, e os alheios: em fim hum amor de Deos puro, e vivo, com huma perpetua ſaudade de o ir poſſuir face a face.

Ora hum Poeta que inſpira todos eſtes affectos bem merece deſculpa em algum termo mais humilde,

e me-

e menos polido ; em uſar algumas derivaçoens, e agudos jogos de palavras huma ou outra vez ; em naõ buſcar maiores enfeites, que mais recreaõ a imaginaçaõ, e a entretem ; em ſe eſquecer da pompa, e do ornato exquizito. A ſimplicidade que occupa o coraçaõ naõ deixa lugar a que buſque com eſtudo maiores enfeites que agradem ; apparece como he núa, e candida, até na expreſſaõ ſingela, e commua. O eſpirito elevado todo em Deos naõ ſolta á imaginaçaõ o paſſo para vagar mais ao largo, nem conſente que o ingenho eſteja livre para polir, e ornar com huma elegancia mais eſtudada os ſentimentos em que deſafoga.

Com tudo iſto naõ ha pinturas mais bellas que dos ſilveſtres arvoredos, que com os ſuſurros dos brandos ventos convidaõ o ſervo de Deos a procurar o Creador que os alimenta, e faz ſubir, como que vaõ em buſca do meſmo Senhor. Os livres paſſarinhos que com o ſuave canto entretem, e alegraõ ao ſervo de Deos, lhe lembraõ os doces hymnos da mo-

rada

rada eterna, onde mil annos de poſſe ſaõ como o dia de hontem que paſſou. A dilatada, e viſtoſa perſpectiva das ondas ora creſpas, e levantadas, ora manſas, e ſerenas, mas vivas, o arrebataõ a contemplar a infinita Sabedoria de quem deu aquelle movimento continuo, cuja origem he taõ occulta. Em fim os Ceos de dia brilhantes no ſeu azul engraçado com a luz do Sol, de noite com o dourado eſmalte das eſtrellas, excitaõ ſaudades daquelle ſummo Bem, que tem preparado aos ſeus fiéis ſervos delicias, e prazeres incomprehenſiveis a noſſos animos limitados, e pequenos.

E quem ſe naõ arrebatará goſtoſamente de pinturas taõ agradaveis, de ſentimentos taõ ſuaves, e de tanta conſolaçaõ? que precioſas ſaõ as bellezas da Poezia para aſſumptos taõ amaveis! como ſe empregaõ aqui bem! Já diſſe que me parecia ter feito ao ſervo de Deos obſequio particular em procurar eſta impreſſaõ: agora accreſcento ſem receio á viſta do que acabo de dizer, fiz grande ſerviço aos meus Nacionaes.

Elles

Elles conhecem já por huma experiencia de muitos annos se eu lhe desejo ser util de todo o modo que posso, e este, e similhantes serviços, parece-me naõ ser dos que menos os devem obrigar. Dou-lhe hum Poeta muito estimado desde dois seculos a esta parte, louvado igualmente com hum seu irmaõ, que pela suavidade, naturalidade, graça das suas poezias tem lugar entre os primeiros da Naçaõ Portugueza: hum Poeta, que naõ só os póde recrear, e entreter gostosamente, mas inspirarlhe huma Filosofia Christáa, e muito nobre, entre as graças da sua Poezia; e he pequeno serviço este? Eu confesso que o inexplicavel gosto que tive com a sua liçaõ me arrebatou muitas vezes; e oxalá que naõ tivesse produzido só este effeito seco, e esteril. Espero que os mais que lerem estas obras, em que se acha linguagem natural, e propria; graça, e elegancia; viveza, e ingenho de bom Poeta; naõ só admirem, e estimem estas qualidades, mas se adiantem até se deixar penetrar do que ellas tem mais nobre, e mais digno

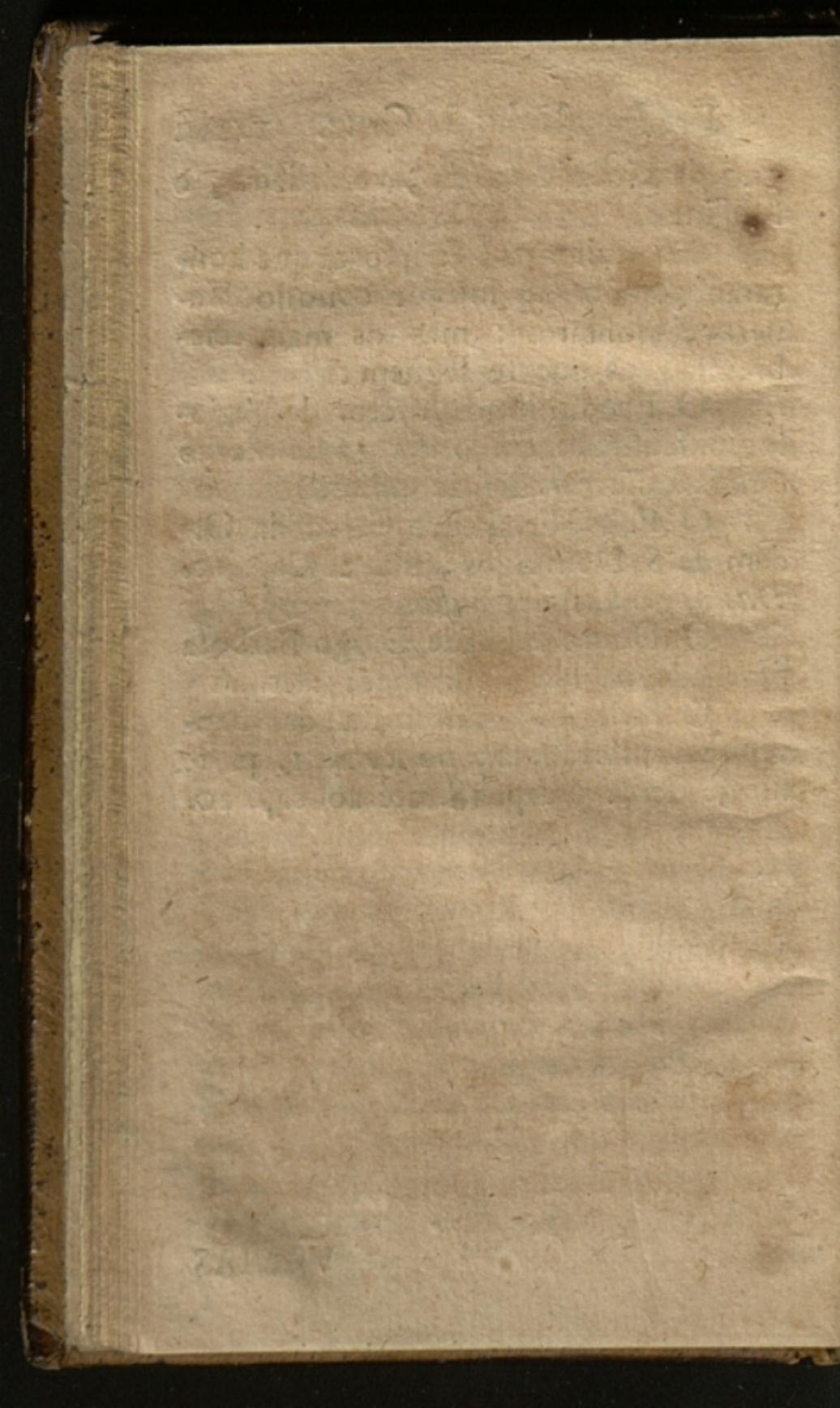
gno da piedade ſolida, verdadeira, e ſublime.

Saõ muitos os Eſcriptores que honraraõ com o ſeu louvor o noſſo Veneravel Solitario: mas os mais celebres ſaõ os que ſe ſeguem:

O Eruditiſſimo Auctor do Agiologio Luſitano em o dia 12 de Março (enganouſe no dia do obito.)

O P. M. Fr. Pedro Calvo da Ordem de S. Domingos, lib. 2. Cap. 11. *Das lagrimas dos juſtos.*

O Douto Abbade Diogo Barboſa Machado na ſua Bibliotheca: let. A.

O Religioſo Chroniſta da Provincia da Arrabida, no tom. 1. p. 1. lib. 5. deſde o cap. 18. até ao cap. 20.

VARIAS POEZIAS
DO VENERAVEL PADRE
Fr. AGOSTINHO
DA CRUZ.

SONETO I.
A quem ler.

OS Verſos, que cantei importunado
Da mocidade cega a quem ſeguia,
Queimei (como vergonha me pe-
Chorãdo, por haver taõ mal cãtado. (dia)
Se neſtes naõ ficar taõ deſculpado
Quanto o mais alto eſtilo requeria,
Naõ me podem negar a melhoria
Da mudança, q̃ fiz d' hum n'outro eſtado.
Que vai que ſejaõ bem, ou mal aceitos?
Pois os naõ eſcrevi para louvores
Humanos, pelo menos perigoſos,
Senaõ para plantar em frios peitos
Deſejos de colher divinas flores
A' força de ſuſpiros ſaudoſos?

II.
Ao triſte eſtado.

PAſſa por eſte valle a Primavera,
As aves cantaõ, plantas enverdecem,
As flores pelo campo apparecem,
O mais alto do louro abraça a hera:

As

Abranda o mar; menor tributo eſpera
Dos rios, que mais brandamente deſcem,
Os dias mais fermoſos amanhecem,
Naõ para mim, que ſou quem dantes era.
Eſpanta-me o por vir, temo o paſſado;
A magoa choro d'hum, d'outro a lembrã-
Sem ter já que eſperar, nem q̃ perder. (ça,
Mal ſe póde mudar taõ triſte eſtado;
Pois para bem naõ póde haver mudança,
E para maior mal naõ póde ſer.

III.

A' Lei de Deos.

QUe couſa mais ſuave, doce, e branda,
Que nos liberte mais, q̃ mais releve,
Que guardar hũa Lei na vida breve,
D'hum Deos, q̃ por amor amar nos mãda?
Qual he o coraçaõ que naõ ſe abranda,
Duro que pedra mais, frio que neve?
Suave o jugo ſeu, a carga leve;
Pois ella pende toda á ſua banda?
Inda que alma ditoſa naõ lograra,
O que na guarda della eſtá taõ certo,
Com iſſo ſó ficava ſatisfeito:
Quanto mais com taõ cedo ver taõ cla-
Aquella luz divina; de taõ perto, (ra
Por quem he nada tudo o que ſe engeita!

IV.

A's Chagas.

DIvinas maõs, e pés, peito raſgado,
Chagas em brãdas carnes imprimidas,
Meu

Meu Deos, que por ſalvar almas perdidas,
Por ellas quereis ſer crucificado :
Outra fé, outro amor, outro cuidado,
Outras dôres ás voſſas saõ devidas,
Outros coraçoens limpos, outras vidas,
Outro querer no voſſo transformado.
Em vós ſe encerrou toda a piedade :
Ficou no mundo ſó toda a crueza ;
Por iſſo cada hum deu do que tinha :
Claros ſinaes d' amor, ah ſaudade!
Minha conſolaçaõ, minha firmeza,
Chagas de meu Senhor, redempçaõ minha.

V.

A Noſſa Senhora da Arrabida.

AQui, Senhora minha, onde ſoía
Cantar na minha leve mocidade
O muito que de voſſa ſaudade
Deſejei d' accender neſta alma fria :
Aqui torno outra vez, Virgem MARIA,
Deſenganado já, mais de verdade,
Pois me moſtrou do mundo a falſidade,
Que a lagrimas comprei quem me vendia.
Conſelhaõ-me taõ claros deſenganos
Que comeſſe de novo nova vida
Neſta Serra deſerta, alta, e fragoſa ;
Mas ſaõ conſelhos vaõs, leves, humanos,
Que vós nunca quizeſtes ſer ſervida,
Se naõ por puro amor, Virgem fermoſa.

VI.

A S. Joaõ Baptiſta.

DAquelle, que naõ tinha inda pizado
A terra com ſeus pés, quando ſaltava
Nas entranhas da mãi, donde alcanſava
O Senhor nas da Virgem encarcerado;
Daquelle de quem Deos foi baptizado,
Daquelle que era voz do que clamava,
Daquelle Saõ Joaõ, que tanto amava
A Deos, e que de Deos foi tanto amado,
As graças infinitas, os favores,
As forças que lhe deu divino amor,
As novas liberdades, os podêres,
Mal as podem dizer os peccadores;
Baſta, que delle ſó diz o Senhor:
Que naõ naſceu maior d'ẽtre as mulheres.

VII.

Ao meſmo Santo.

NAs entranhas da mãi alumiado
Da luz, q̃ nas da Virgem dentro via,
Sentio Joaõ quamanho bem ſeria
Trocar pelo deſerto o povoado:
Delle, fugindo vai todo abrazado
Do fogo, que em ſeu peito arder ſentia,
Mais quer de animaes brutos companhia,
Que ſer de gente humana acompanhado.
A troca foi ditoſa em tenra idade,
A ſolitaria vida he mais ſegura,
Que do mundo cruel a falſidade.

Nas

Nas pedras do deſerto achou brandura,
Nas ſerpentes da Serra piedade,
E nas pelles das féras cobertura.

VIII.

A S. Joaõ Evangeliſta.

NA derradeira Céa do Senhor,
Joaõ, ceando todos, ſó dormia
Sobo-lo peito, donde elle ſabia
Que naõ ſabia couſa outra melhor:
Naquelle ſomno achou outro ſabor
Mais ſuave que quanto ſe comia,
Que em fim he differente iguaria
O repouſo de ſeu divino amor:
A dormir ſe lançou no fogo puro,
Ardendo repouſou no meio delle,
Como quem tudo o mais tinha ſeguro:
Joaõ Evangeliſta foi aquelle,
A quem diſſe o Senhor do Lenho duro
A' Virgem; que ſeu filho era aquelle.

IX.

A' Cruz.

EM ti, ſuave Cruz, inda que dura
Por ver ſangue innocente derramado,
Pregados pés, e maõs, aberto o Lado,
Donde minha eſperança ſe pendura:
Em ti de piedade, e de brandura
Doce pinhor do penitente errado,
Em ti Chriſto JESUS dependurado
A ſalvaçaõ do mundo dependura:

Em

Em ti ſe conſumou toda crueza,
Que em coraçoens humanos ſe accendia
Contra todas as Leis da natureza.
Mas em ti ſe tornou, em alegria
Da noſſa redempçaõ, toda a triſteza;
Oh Cruz defenſaõ noſſa, noſſa guia.

X.

A' meſma.

OH Cruz, que no Calvario ſuſtentaſte
Os membros de que foſte ſuſtentada,
Quando, pizados elles, tu pezada
Antes de lá chegar deſconjuntaſte.
Como ſendo inſtrumento que mataſte
Por maõs de gente cega, gente errada,
Naõ ſómente ficaſte deſculpada,
Mas ainda da culpa triunfaſte.
Se tu repreſentaras taõ ſómente
A ſalvaçaõ do mundo reſgatada
Sem ſangue do Cordeiro paciente;
Vira-me, com te ver, mais conſolado,
Porque parara em ver meu bem preſente,
Sem ver nelle meu mal repreſentado.

XI.

A Santa Clara.

OH Clara, que taõ clara reſplandeces,
Nos olhos da divina Claridade;
Clara que deſterraſtes a vaidade
Das vidas, que na vida favoreces:

As palmas cujas flores offereces
Aquelle, que na flor da tua idade
Guiou para si só tua vontade,
Te dem quantos louvores tu mereces.
Ellas a quem na terra tu mostraste
A via, que escolheste mais segura,
He justo, que te louvem, eu que tema.
Oh Clara que taõ cedo contemplaste
Segredos da Divina fermosura,
Clara, que das mais claras foste a Gema!

XII.

A Deos.

QUe lugar acharei no pensamento
Taõ aspero, medonho, triste, escuro,
Onde, meu Redemptor, estê seguro
De mais vos offender hum só momento.
Naõ digo pelo meu contentamento,
Que brando me faria outro mais duro;
Mas por naõ ser ingrato a amor taõ puro,
Que morreu por me dar merecimento.
Como vos servirei, pois vos naõ amo;
Como vos amarei, pois vos offendo,
E sempre cada vez mais gravemente.
Nestes frios suspiros que derramo
Sem servir, sem amar, Senhor, entendo
Que naõ ha poder ser viver contente.

XIII.

Da Oraçaõ.

DOce quietaçaõ de quem vos ama
Em servirvos, Senhor, q̃ tanto quanto
Ama-

Amado ſois, taõ longe o fim de tanto,
Subindo mais, e mais, mais ſe derrama:
Ardendo por arder em viva chãma
D'amor do voſſo amor, a voz levanto;
Sinto, ſuſpiro, choro, colho, e planto
Ao ſom doutra ſuave que me chama:
Onde ſe vai, Senhor, quem vos offende?
Donde levais, Deos meu, a quem vos ſe-
Onde fugir ſe póde huma de duas? (gue?
Morto por quem o mata que pertende,
Ou que extremos d' amor ha q̃ nos negue
Quem culpas noſſas chama offenſas ſuas?

XIV.

A Jezus Crucificado.

PErdoai-me, Senhor, que ſe faltara
Por os olhos em Vós crucificado,
O menos que de muito tenho errado,
Noutros maiores erros me lançara:
Triſte quanto perdi, e quanto achara
Inda aſſim de deſculpas carregado,
Se por onde Vós tendes caminhado
Guiada eſta alma minha caminhara:
Culpado fui primeiro que naſcido;
Engeitei a razaõ pela vontade;
Amiga do meu mal, do bem imiga.
Meu Deos por mim á Cruz offerecido,
Alembraivos da voſſa piedade
Taõ larga em perdoar, e taõ antiga.

XV.

A' Magdalena.

TAl luz á Magdalena alumiava
(Fermoſa desd'antaõ, dantes taõ feia)
Que naõ lhe pareceu ſer caza alheia
Aquella, onde o Senhor de tudo eſtava:
E como quem por tal o confeſſava,
Naõ teme, naõ duvida, naõ receia
Moſtrar ſinaes de dôr, de que alma chea
Taõ longe, de taõ perto ſuſpirava:
Na terra jaz lançada, eſtá regando
Com lagrimas as plantas do Senhor,
A cuja ſombra colhe doce fruito:
Muito lhe perdoou; porque amou muito;
E muito mais lhe deu depois, que amor
Em lagrimas de dôr ſe foi banhando.

XVI.

A' meſma.

DIante do Senhor eſtá lanſada
A Magdalena triſte, e vergonhoſa,
Qual na força do Sol vermelha Roſa
Dos ſeus ardentes raios traſpaſſada:
A nova, e grave dôr lhe tem roubada
(Sinal do que padece) a voz queixoſa;
Lembra-lhe que paſſou taõ perigoſa
Vida, da vida ſua deſcuidada:
Os pés que dos ſeus paſſos foraõ guia
Em lagrimas banhados alimpava
Com os cabellos de que ſe cubria:

Alli do Redemptor, a quem buſcava,
Encaminhada foi; porque queria
Que amaſſe muito mais; q̃ tanto amava!

XVII.

A' meſma indo ao Sepulcro.

DEpois que naõ achou na ſepultura
Seu Senhor a fermoſa Magdalena,
Os ſeus longos cabellos deſordena,
Vingando-ſe na ſua fermoſura:
Ingrata fui, Senhor, fui cega, e dura,
(Dizia) minha culpa me condena,
Que ſe temia dôr, tormento, ou pena,
Em que parte eſtivera mais ſegura?
Se donde vos deixei naõ me apartara,
Naõ me roubara aſſi, quem me roubou:
Tantas forças amor darme podia!
Porque me fui daqui? que mais queria
Que matarme, Senhor, quem vos matou?
Póde ſer que comvoſco me levara?

XVIII.

A' mudança da vida.

TEmpo foi que paſtava neſte prado
Bem fóra de cuidar que poderia
Tornar a verme nelle inda algum dia,
De tantos mil cuidados deſcuidado:
O Senhor, que me trouxe a tal eſtado,
Quando caſtigos graves merecia,
Dando-me muito mais do que pedia;
Para ſempre já mais ſeja louvado.

Eſtas

Eſtas agoas correntes, eſtas flores,
Eſtes boſques cobertos de verdura,
Os paſſarinhos nelles eſcondidos,
Aqui lhe dem comigo mil louvores,
Sem fim o louve toda a creatura,
Naõ ſintaõ outra couſa meus ſentidos.

XIX.

A' noite de Natal.

ERa noite de inverno longa, e fria,
Cobria-ſe de neve o verde prado;
O rio ſe detinha congelado,
Mudava a folha a côr, que ter ſoia
Quando nas palhas de huma eſtrebaria,
Entre dous animaes brutos lançado,
Sem ter outro lugar no povoado
O Minino JESUS pobre jazia:
Meu filho, meu Amor; porque quereis
(Dizia ſua Mãi) neſta aſpereza
Accreſcentarme as dôres, que paſſais?
Aqui neſtes meus braços eſtareis;
Que ſe vos força amor ſoffrer crueza,
O meu naõ póde agora ſoffrer mais.

XX.

Ao meſmo.

QUe ſaudade d'alma, e que brandura,
Virgem Senhora minha, ſe vos deve
Em tempo que pariz ó vento, á neve,
O Creador de toda a creatura!
No feno, que ficou na terra dura,
Pizado de animaes, lançado eſteve

O Minino JESUS, ah! que naõ teve
Caza, berço, lugar, nem cobertura!
Naõ ſou Rei, nem Paſtor,q̃ me appareça
Eſtrella que me guie, Anjo que chame,
Por iſſo a Vós naõ vou, de mim naõ parto:
Eu naõ tenho cordeiros que offereça,
Ouro, incenſo, mirra, amor q̃ inflamme,
Com que vos viſitar, Virgem no parto.

XXI.

A Santo Antonio.

QUe louvores direi do noſſo Santo
Antonio, pelo mundo taõ louvado,
Que ſeja ſeu louvor todo igualado
Com ſeu merecimento tal, e tanto?
Por mais livre voar de tudo, quanto
Na terra tinha já renunciado,
Depois da patria ſua ter trocado
Com S. Franciſco quiz trocar o manto:
Aſſi mais docemente aſſegurando
Com trocas taõ ditoſas, taõ ſuaves,
Amor, que por amor quer que te deixes,
Os paſſos vás na terra conformando
Com Franciſco, que nella préga ás aves,
Antonio, o que no mar prégas aos peixes.

XXII.

A Noſſa Senhora da Arrabida.

OH Virgẽ Mãi de Deos,Senhora minha,
A quẽ me ſoccorri;por quẽ chamava,
A quem ſervir minha alma deſejava
Neſta Serra do Ceo voſſa vizinha:

Tornar-

Tornarme á ſaudade que me vinha,
Quando mais docemente contemplava,
Como com favor voſſo caminhava,
Daqui donde mais livre ſe caminha:
Eſta terceira vez que determino
(Se Vós aſſim tambem determinais)
Sem mudança fazer a ſepultura,
Moſtrai-vos liberal de amor Divino,
Arça neſte meu peito tanto mais,
Quanto mais vos dotou de fermoſura.

XXIII.

A noſſo Padre S. Franciſco.

SErafico Franciſco, aſſinalado
Naquellas cinco partes, donde eſtava
Amor, quando por ſi ſe tresladava
Para moſtrar em ti o ſeu traslado:
Aſſi como na Cruz fora pregado,
Aſſi conſigo meſmo te pregava:
Das chagas de que nella ſe chagava,
Deſſas meſmas te deixa a ti chagado.
Que ſeguro te deu de gloria ſua,
Sellado com ſeu ſello, impreſſo, eſcrito
Vivendo na vencida carne tua!
Vencida entaõ conforme a teu eſprito,
Que nú ſe apartou della em terra núa,
Qual o Senhor da Cruz em ti bemdito.

XXIV.

A' ſaudade de hum rio.

QUe coraçaõ taõ duro, ſecco, e frio
Se poderá livrar do ſentimento,
Vendo

Vendo com vagaroſo movimento
Fugir as claras agoas deſte rio ?
Tamanho mal em tantos males crio ,
Que naõ fica lugar ao penſamento
Para chorar ſe quer hum ſó momento
A ſeccura , e dureza , em que me esfrio :
A corrente das agoas branda , ou teza
Mal póde desfazer minha ſeccura ,
Póde mal abrandar minha dureza ;
A ſaudade d'alma branda , e pura ,
Em que ſe ha de accender minha frieza ,
Conſiſte na Divina fermoſura.

XXV.

Da Serra da Arrabida.

DO meio deſta Serra derramando
A ſaudoſa viſta nas ſalgadas
Agoas humildes quãdo, e quãdo inchadas,
Conforme a qual o tempo vai ſoprando :
Eſtou comigo ſó conſiderando ,
Donde foraõ parar couſas paſſadas ;
E donde iráõ preſentes mal fundadas ,
Que pelos meſmos paſſos vaõ paſſando.
Oh qual ſe repreſenta neſta parte
Aquella derradeira hora da vida
Taõ devida , taõ certa , e taõ incerta !
Em quantas triſtes partes ſe reparte ,
Dentro neſt' alma minha entriſtecida
A dôr que em taes extremos me deſperta!

XXVI.

A ſeu irmaõ Diogo Bernardes.

DO Lyma, donde vim já deſpedido,
Cavar cá neſta Serra a ſepultura,
Naõ ſinto que louvar poſſa brandura,
Sem me ſentir turbar do meu ſentido:
A laã de que me vem andar veſtido,
Torcendo em varias partes a coſtura,
Os pés que nús ſe daõ á pedra dura,
Nem me deixaõ ouvir, nem ſer ouvido:
O povo cujo applauſo recebeſte,
Vendo teu brando Lyma dedicado
A Principe Real, claro, excellente,
Louvará muito mais quanto eſcreveſte:
De mim, meu caro irmaõ, menos louvado,
Louva comigo a Deos eternamente.

ECLOGAS.

ECLOGA I.

A' ſua converſaõ.

LAnçou-ſe Limabeu antre huns pene-
Donde via correr hum claro rio, (dos
Acoſtumado a ouvir os ſeus ſegredos:
Com os olhos n'um boſque alto, ſom-
A quem a primavera já pagava (brío,
A perda que lhe fez o tempo frio;
Aquillo (começou) que vos contava,
Plan-

Plantas, agoas, penedos, foi engano;
Já me desenganou quem me enganava.
Mais foi a perda sua que meu damno,
Mas (como dizem) tudo tempo cura,
Pois o q̃ perde o mez, naõ perde o anno.
Engeita-se no campo a fermosura
Do lirio já colhido que naõ cheira:
Mais ha de ter o bosque que verdura!
Inda mal pois naõ foi esta a primeira
(Como devera ser) que me levara,
Donde naõ vira mais esta ribeira.
Naõ falta nos desertos agoa clara,
A lapa que da calma me defende,
Se ventar,ou chover,tambem me ampara.
Alli tem liberdade, alli se estende
O pastor solitario com seu gado;
Naõ se offende d' alguem, ninguẽ offende.
Naõ tenho que fazer no povoado;
A razaõ me conselha que me guatde;
Eu naõ me atrevo nelle andar guardado.
Se escutar sempre quem me diz, q̃ aguar-
Nunca já buscarei,a quem me espera; (de,
E pior me será nunca, que tarde.
Ainda que mais males naõ tivera,
Quem bens na terra tem, que ser cativo
Delles, por isso só fugir devera.
Apoz d'um gosto falso, fugitivo,
Leve de noite vou, cego, ás escuras,
Sem me lembrar que para morrer vivo.
Quebraraõ-se, meu Deos, as pedras du-
Mostrou o Sol, e Lua sentimento; (ras;

E naõ voſſas humanas creaturas !
Eu ſó, meu Redemptor, vos atormento;
Eu fiz os voſſos cravos, cruz, e lança,
Por obra, por palavra, e penſamento.
E Vós encheis minh' alma de eſperança
Com taõ claros ſinais de piedade,
Que quaſi já naõ ſei temer vingança.
Longe eſtá de ſentir ſuavidade
Divina, cá na terra, quem naõ nega
Pela voſſa, Deos meu, ſua vontade.
A alma, q̃ em voſſas maõs preza ſe entre (ga,
Naõ tem de que temer nada recêa,
A nevoa deſte mundo naõ na cega.
Nas lagrimas de dôr, em que ſemêa,
Colhe ſuave fruito de alegria,
Saudoſo da ſua em terra alhêa.
Se aquelles a quem guerra naõ fazia
Nenhum dos noſſos móres tres imigos,
Porque a ſerpente entaõ pouco podia:
(Fallo daquelles noſſos pais antigos,
Que naõ lograraõ inda hum dia inteiro,
Quando livres eſtavaõ de perigos)
Que farei eu de ſua culpa herdeiro,
Com tantas ſobre tantas neſta vida,
Antes mais propriamente cativeiro.
Em peccados, Senhor, foi concebida,
Em peccados minh' alma foi creada,
De peccados taõ mal arrepeddida!
Mas pois no voſſo ſangue foi lavada
(Força de poderoſo amor Divino)
He juſto que em Vós viva confiada:
Vieſtes

Vieſtes amoſtrar ao peregrino
O caminho da ſua natureza;
Querer ir lá por outro he dezatino.
A carga que cauſou minha fraqueza
Os paſſos me detem faz-me, que deça,
E quanto deço mais tanto mais péza.
Naõ vos peço, Senhor, porque mereça
Graça para ficar antre eſta Serra;
Mas porque Vós quereis que vo-la peça.
Aqui naõ temerei a cruel guerra;
Daqui verei no Ceo fermoſas côres;
Aſſi me eſqueceraõ couſas da terra.
Naõ colhem ſem ſuar os lavradores:
Naõ naſce ſem morrer primeiro o Trigo:
Os mimoſos naõ ſaõ para paſtores.
O vigiar eſcuſa de perigo:
O padecer levou muitos á gloria:
Deſenganado em fim eſtou comigo,
Que ſem guerra naõ póde haver victoria.

ECLOGA II.

Mincio, e Flavio.

No anno do Noviciado.

M. TRazes mudada a côr, mudado o roſto,
O coraçaõ naõ ſei ſe anda mudado?
F. Eu Mincio, naõ naſci para ter goſto.
M. Folgo de te ver já deſenganado.

Nin-

Ninguem me ha de tirar de meu juizo:
No mundo ninguem vive conſolado.
Huma hora vejo pranto,outra hora ri-
E muito menos rizo do que pranto, (zo,
Em fim rirſe de tudo ſerá ſizo.
Que me dá a mim,q̃ nunca tenha,quã-
Eu deſejo de ter; pois que te vejo (to
Taõ triſte com te ver ter outro tanto ?
Depois que vim paſtar junto do Tejo,
E vi que tanto gado naõ baſtava
Para matar a fome do deſejo;
Antes cada vez mais ſe accreſcẽtava;
Diſſe comigo: Mincio, aqui naõ ſoa
O ſom, a que dançar eu eſperava.
Couſa naõ tenho viſta má, nem boa,
De que poſſa tirar honra, ou proveito,
Mas convém q̃ homem faça de peſſoa.
O bem ſó por ſer bẽ ſem mais reſpeito
Conſola a quem o faz; nunca verias
Que podéſſe ſer máo o ter bem feito.
Lembra-te quantas vezes me dizias,
Que ſe de teu tiveſſes, alguma hora,
Hum pedaço de paõ, que te ririas
De tudo quanto viſſes? pois agora
Que tens ainda mais, do que ſonhaſte,
Como teu coraçaõ ſuſpira, e chora?
F. Dize-me tu primeiro, ſe acabaſte
De fallar tantas couſas eſcuſadas?
M. De fallar as verdades te aggravaſte?
F. Verdades de que ſervem declaradas
A quem magoas preſentes entriſtecem

Na

Na lembrança de tantas mal lembradas?
Que ſe por eſtes campos nos falecem
Verdes hervas, e claras agoas, frias;
Peccados noſſos muito mais merecem.
Acabaraõ-ſe as noſſas alegrias;
Secáraõ-ſe os altivos penſamentos;
Quantas mudanças em taõ poucos dias!
Deixaraõ de ventar aquelles ventos,
Em cuja furia tantos tinhaõ póſtos
Os ſeus (já derribados) fundamentos.
Mas para q̃ he ſentir faltarem goſtos,
A quem de mim zombava, ſe me ouvia,
De quaõ falſa materia eraõ compoſtos?
Inda mal porque vemos cada dia
Deſejos ſimilhantes doutros tantos,
A quem o meſmo vento cega, e guia.
Mas pois nós naõ podemos curar (quantos
Erros o mundo tem, ſerá melhor
Deixarmos tudo a Deos, ou aos ſeus Santos
Quero-te dar razaõ do roſto, e côr
Mudado, que me viſte, quando vinha,
Sinaes de coraçaõ cheio de dôr.
Bem ſabes q̃ na vida mais naõ tinha
Para me conſolar que hum ſó amigo,
Taõ verdadeiro amigo d'alma minha.
Eſte depois que naõ pôde comſigo
Levarme, por meu mal taõ mal ſentido,
Fugindo foi de mim como de imigo.
Diſſeraõ-me que eſtava cá mettido
Junto do mar Oceano núma ſerra,
D'um

D'um novo, naõ ſei qual, amor ferido.
Por elle ſó deixou quanto na terra
Tinha,com tudo o mais que ter pudera:
Por elle anda comſigo em cruel guerra.
Se naõ chegara a vêlo, naõ o crêra.
Quaſi mudou de todo a natureza;
Que naõ he Limabeu,mas ferro, e cêra.
Nunca ſe imaginou tal aſpereza;
Naõ digo dos penedos do deſerto;
Mas da fome, do frio, e da pobreza.
Dos pés até á cabeça anda corberto
De lãa de alheas cabras, remendado
De mil cores, ſem ordem,ſem concerto.
Traz huma corda groſſa,a q̇ anda ata-
Pelo meio,deſcalſo,ſem mais nada; (do
Sem bolſa, ſem ſurraõ, e ſem cajado.
Barba, e cabeça traz, toda rapada.
Qualquer couſa que quebra, fende, ou
(fura,
No ſeu peſcoſo a leva pendurada.
Os pés ſe por compaſſo pôr naõ cura,
Quer gretados do frio, quer doentes,
Tambem nelles lhe poem hũa atadura.
Naõ póde reſponder aos mal dizentes,
Nem dar razaõ de ſi, que ſe boqueja
Atraveſſado leva hum pao nos dentes.
Os olhos ſe alevanta, ou peſtaneja,
Nem inda para quem falla com elle,
Hum panno lhe poem nelles q̇ naõ veja.
Hum principal de ſeis nas coſtas delle
De tal maneira faz ſoar as varas,

Que

Que naõ lhe queiras tu jazer na pelle.
Em fim ſe de me ouvir naõ te enfada-
Contara tanto mais do ſoffrimento,(ras,
Com que tudo padece, que paſmaras.
Porq̃ naõ fica dôr, pena,ou tormento,
De cruel invençaõ qualquer maneira
Que deixe de ſoffrer hum ſó momento.
Debaixo de hum penedo na ladeira
Do monte todos tem cada hũ ſeu ninho;
Mas o triſte ſempre anda na carreira.
M. Baſta naõ digas mais: eſſe caminho
Bem ſei adonde vai, e donde para:
O bom de Limabeu he Capuchinho.
Ah Limabeu, Limabeu! quẽ cuidara,
Que do meio de tantas vaidades.
O Senhor para ſi ſó te chamara!
Quantas vezes as noſſas novidades
Se perdem, como claramente vemos;
Que naõ quer Deos q̃ chova nas herda-
(des!
A culpa diſſo, todos nós ſabemos,
Que naõ a tem os bois, mas quẽ ſemea.
E por ventura os mais dos q̃ colhemos.
Naõ ha paſtor tam neſcio q̃ naõ crêa
Que naſcemos, aqui neſte degredo,
Deſterrados da noſſa em terra alhea.
E quem viver debaixo do penedo
Como Limabeu vive, he mais ſeguro;
Pois tudo ha de acabar ou tarde,ou cedo.
Mas ſe bens da minha alma naõ pro-
(curo,

Por-

Porque quero andar eu como Morcego
Que sẽpre anda a buſcar o mais eſcuro?
Por naõ ver o melhor me faço cego,
E por mais me cegar me faço mudo,
E quando naõ, mil ſem razoens aliego.
Que barbaro cruel ſe vio taõ rudo
Que deixe de entender que naõ acerta
Em querer dar lançada em ſeu eſcudo?
Creou noſſo Senhor alma liberta:
Conforme as noſſas forças nos obriga;
Que para todos tem a porta aberta.

F. Queres, amigo Mincio, que te diga,
De meu fraco ſaber o que comprendo?
A carne ſempre da alma foi imiga.
Eu naõ quero fazer, ſegundo entendo;
Que para me ſalvar mais me releva;
Aſſi me vou matando, aſſi perdendo.

M. He verdade o q̃ dizes, mas quẽ leva
Limabeu dantre nós, inflamma, accende,
Que no Divino amor todo ſe enleva?
Quẽ lhe faz tanta força, quẽ o rende?
Quem o rege, e governa? quem o enſina,
Quem o ſuſtenta cá, quem o defende?
Quem tal mudança fez taõ repentina
Dos ſeus, do ſeu, de ſi, de toda a vida?
Quem de couſa mundana fez divina?

F. Inda agora ha paſtor que iſſo duvida?
Naõ ſabes que o Senhor a todos chama,
Todos quer para ſi, todos convida?
Por todos todo ſeu ſangue derrama,
Pregado n'uma cruz? mas juſtamente

Alcan-

Alcança delle mais, quem o mais ama.
E por iſſo na paga he differente;
Que naõ acha capaz o perguiçoſo
Das graças, que merece o diligente.
Mas ſe mais algum pouco vagaroſo
O ſeu dourado carro governara
O filho de Latona o mais fermoſo,
Que verſos taõ ſuaves te cantara,
D'alguns que Limabeu agora canta,
Inda que minha voz pouco ſoara?

M. Antes elle naõ leva preſſa tanta,
Se naõ para que ſoltes mais depreſſa
A tua doce voz deſſa garganta.
Inda que naõ tivera n'alma impreſſa
A força da divina ſaudade;
Baſtara quanto niſſo ſe intereſſa.

F. Mandas-me? negarei minha vontade?
Meu Deos, que couſa póde ſer taõ forte
Que genero de morte, que tormento;
Que dôr, que ſentimento, que triſteza,
Que pena, ou q̃ aſpereza em toda a vida,
Que núma alma ferida de verdade
Da voſſa ſaudade, cauſa eſpanto?
Que naõ digo, por quanto niſſo alcança;
Pois núma ſó lembrança inda q̃ breve
A muito mais ſe atreve, mais deſeja;
Mas porque ſe deſpeja tanto mais
No muito que lhe dais do voſſo muito,
Que contemplando o fruito, do q̃ eſpera
Na doce primavera colhe flores
De taõ diverſas côres taõ fermoſas.
Que

Que lirios, e que roſas de contino
Semea amor divino neſta ſerra,
Onde tanto ſe enſerra, e ſe derrama!
Amor accende, inflama, amor tem tudo
Setta, lança, eſcudo; dá vida, e mata,
Cativa, desbarata, ſolta, e prende.
Amor livra, e defende, planta, e rega;
Amor fréta, e navega, amor ſegura;
Amor cria brandura na dureza,
E converte a triſteza em alegria;
A noite eſcura em dia freſco, e claro.
Amor he meu amparo, e meu deſcanſo;
Amor he brando, e manſo, piedoſo,
Suave, e ſaudoſo, doce, e puro
Forte, firme, e ſeguro, verdadeiro.
Amor poz n'um madeiro meu Senhor.
Treſpaſſado de dôr, aberto o lado;
De maõs,e pés pregado: ai! e quaõ tarde
Senti de amor,que amor por amor arde!

M. Quaõ differẽtes verſos chora,e canta
Quem dos ſuſpiros d'alma anda colhẽdo
Quanto divino amor ſemea, e planta?

F. A ſombra dos outeiros vai decendo,
O fumo das aldeas vai ſubindo,
Quero-me ir com meu gado recolhẽdo.

M. Antes iſſo te vai perſuadindo
Que fiques eſta noite aqui comigo.
Irte-has pela manhãa, o Sol ſahindo.
Temos do leite, e nata,e do paõ trigo,
Caſtanhas, e maçans, e mais da boa
Vontade de que ſei que es mais amigo.

F. Naõ

F. Naõ gafto tempo em vaõ, Mincio, per-
Que nunca faltará boa vontade; (doa,
Se naõ faltar, entaõ bafta da broa.
Naõ ha manjar melhor q̃ liberdade;
Sem ver, nem converfar mais q̃ penedos,
Que fó amigos da minha faudade
Saõ firmes, e faõ mudos, naõ faõ tredos.
Naõ te refpondo mais, fica-te embora.

ECLOGA III.

Silveftre, e Rodrigo.

S. MAis cedo te bufcara, fe naõ fora
Efte gado q̃ guardo da Madrafta,
A quem querem que falle por fenhora.
Seu avô lho fonhou, pois lhe naõ bafta
Deixar-lhe minha mãi a caza chea,
Se naõ inda com feus filhos fe agafta.
Porém fe m'ella a mim muito efquer-
(dea,
Póde fer que lhe faça huma, e boa,
Que tenha que fallar a noffa aldea.
Arrenega, Rodrigo, da peffoa,
Que primeiro que deça com cajado,
Ha de bufcar a parte que mais doa.
R. E com' ora já tenho arrenegado!
Mas q̃ lhe hei de fazer, pois a ventura
Tambem me fez paftor de alheo gado.
Aquelle que mais ferve, e mais atura,
Pagaõ-lhe fó, depois de fer desfeito,
Com

Com lhe dizer que foi ſua feitura.
Na requia eſteja a alma de Bieito,
Que fugio de paſtar junto do Tejo;
Que era homem q̃ queria andar direito.
Levem comſigo á cova o ſeu ſobejo;
Cubice quem quizer ſuas valias,
Que nunca mas Deos dê, ſe lhas deſejo.
Naõ faltaõ cá no monte as agoas frias,
Verdes hervas por donde nos lancemos,
Quer venhaõ,quer ſe vaõ,noites, e dias.
S. Se quizeres, Rodrigo, que deixemos
De querer governar vidas alheas;
Huns verſos,que hontem fiz,aqui cante-
R. Ainda tu de amores naõ receas (mos.
Cantar verſos ao ſom do leve vento?
Quaõ pouco colherás do que ſemeas?
S. Naõ ſei qual he tamanho atrevimẽto,
A quem eu naõ deſcubro meu ſegredo,
Qu' adivinhar s' atreva o penſamento?
Quantas vezes moſtrei meu roſto ledo,
Quando meu coraçaõ triſte chorava?
E quantas me movi eſtando quedo?
Mas ſe queres ouvir o que cantava,
Antes que deſte valle nos partamos,
Dirás, quaõ mal, Silveſtre, te julgava.
Eu quero-me eſconder antre eſtes ra-
E tu dalli de traz daquelle freixo (mos
Verás ſe nos amores concordamos.
R. Ora eſcuta bem de que me queixo.
Se tanto vos offendo n'um ſó ponto,
Poderoſo Senhor, de toda a vida,
Que

Que conta vos darei, pois naõ tẽ conto!
Que conta, ou que pezo, que medida?
Inda que menos dias mal gaſtara
Que pena ás minhas culpas he devida?

S. Que pena ou que dôr me atormentara,
Se nunca Deos de mim fora offendido,
Quanto pouco temera, e quanto amara!

R. Quaõ pouco cuſta andar offerecido
A ſoffrer ſem razoens, fomes, e frios,
A quem d' amor Divino anda ferido?

S. A quem boſques nos deu verdes, ſom-
Louvores infinitos ſejaõ dados (brios,
Dos brutos animaes, peixes dos rios.

R. Dos brutos, e das féras, e dos prados
Aprendamos a dar a Deos louvores,
Pois elles para nós foraõ creados.

S. Pois elle cria fruito, cria flores
Nos montes, e nos valles, nas montanhas,
Donde nunca ſe encurvaõ lavradores.

R. Donde todo paſtor veja quamanhas
Couſas nos ha de dar em noſſas terras,
Quando tantas nos dá cá nas eſtranhas.

S. Quando paz acharei em tãtas guerras
Em quantas naõ ſei que me deſafia
Ainda com viver antre eſtas ſerras?

R. Ainda me importuna, inda porfia
Comigo hum naõ ſei que, q̃ nunca cança;
Ora roſna, ora ladra, ora ſe invia.

S. Ora me fere a ſetta, outr' ora a lança;
Cançado vivo já de defenderme;
Mas ai q̃ de ferirme nunca cança. (me;

R. Naõ

R. Naõ poſſo, meu Senhor, nem ſei valer-
Peçovos por quem ſois que me ajudeis;
Pois ſem vós eſtá certo em mim per-
(derme.

S. Meu Deos, e meu Senhor, naõ me jul-
(gueis
Segundo vos merecem meus peccados
Abaſte que por elles padeceis.

R. Quantos paſtores andaõ mal julgados
Aqui por eſtes montes? quem cuidara
Que tinhas tu, Silveſtre, eſtes cuidados?
Provera a Deos q̃ o dia mais durara,
Ou que eſtivera mais perto a malhada,
Que eſta noite comtigo aqui ficara.

S. Naõ falta (a Deos louvores) na pou-
(zada
De que fazer a cêa com bom roſto.
Nelle, e nella te nunca faltou nada:
Outro dia ſerá mais a teu goſto.

ECLOGA IV.

Em que ſe queixa de hum amigo.

Limabeu, *Mincio*.

M. SE tu para taõ longe te partias;
Porq̃ razaõ (ſe quer) ficate embo-
Oh Mincio, q̃ me vou, naõ me dizias?(ra,
Quanto mais acertado, e melhor fora
Soffrer, e naõ mudar o paſto antigo,
Por

Por naõ t' arrependeres algum dia.
Se cuidas que fugindo d' hum perigo,
Noutra parte eftarás doutro feguro,
Naõ te deixes levar ati comtigo.
Que nunca foi final d' homem maduro
Dar com fua cabeça no penedo,
Para depois julgar fe he mole ou duro.
De que me ferve fer trifte nem ledo.
Ter mais leite,mais lãa,melhor cabana,
Se tudo ha de acabar ou tarde,on eedo?
Eu naõ fei que te cega,que te engana,
Limabeu; pois te move qualquer vento,
Affi como fe foffes leve cana.
Companheiro te fui no fentimento,
Nunca me viftes rir, quando choravas;
Menos chorar no teu contentamento.
Com igual amor tu o meu pagavas,
Iffo me fez fentir naõ te lembrar,
Que te partias donde me deixavas.
Mas com tudo naõ deixo duvidar
Que nunca da ribeira te partifte,
Sem algum bicho grande te ladrar.
Conta-me, Limabeu, de que fugifte,
Quem aos olhos te tem atraveffado,
Que bem fe vê nos teus quanto fentifte?
L. Que queres q̃ te conte hum magoado
Da fetta, que atirou aquelle braço,
Do qual elle devera fer guardado?
Paffara hum coraçaõ que fora d'aço,
Quanto mais efte meu que de brandura,
E de amor puro nunca foi efcaffo.

Coftu-

Coſtumava queixarme de ventura (te,
Em qualquer outro mal; mas no preſen-
Naõ ha ſenaõ morrer de magoa pura.
O que ſinto daqui principalmente
He ver que me faltou agoa num rio
Taõ claro (ao parecer) alto, e corrẽte.
Quero morrer de fome, calma, e frio
Neſta ſerra deſerta onde naõ vejo (rio.
Quem cuida mal de mim, ſe zombo, ou
Naõ faço força niſto ao meu deſejo,
Por ver que ſe cecaraõ quantas flores
Com lagrimas reguei junto do Tejo.
As ribeiras naõ ſaõ para paſtores,
Cujas palavras moſtraõ as entranhas,
Cujos olhos naõ vem fingidas cores.
Mal podera fugir de tantas manhas,
De tanto rizo leve, contrafeito,
Se naõ viera dar neſtas montanhas.
Eu naõ poſſo entender porque reſpeito
Me querem magoar; mas o que entendo,
He que me fazem mal ſem ter mal feito.
Cabras ſuas guardei, naõ me arrepẽdo,
Aſſaz vingado eſtou; porque bem ſei,
Quanto com me perder ficaõ perdendo.
Aquelle de quem mais me confiei,
Aquelle por quem mais me deſvelava
A coima, que naõ fiz, fez que paguei.
Bem mal me pareceu, mal ſuſpeitava,
Que podeſſe caber em peito humano
Couſa, q̃ nem por ſonhos me lembrava.
Ou foſſe por malicia, ou por engano,
Ou

Ou por se descuidar de ser Christaõ,
A mim me quiz ferir, asi fez damno.
Matou Cahin Abel, seu proprio ir-
Jozé d' onze q̃ tinha foi vendido, (maõ;
Naboc' apedrejado de ambiçaõ.
Foi Job de seus amigos affligido
Quando mais consolado ser devera,
Eu dos meus accusado, e perseguido.
Quantas voltas o triste Mincio dera
Com suas proprias maõs á sua orelha,
Se de falsos amigos naõ temera?
O mesmo nosso Deos nos aconselha
Doendo-se de nós, que nos guardemos
Do lobo que vestir pelle d' ovelha.
L. E como conhecer, Mincio, podemos
Que possaõ ser crueis lobos aquelles,
Que com pelles de ovelhas brandas ve-
(mos.
M. Como? diz o Senhor, do fruito delles:
Dá má planta mao fruito, bom dá boa:
As obras mostraõ cujas saõ as pelles.
L. Nosso Senhor te livre da pessoa
Que por fazer dançar mais a teu gosto
O seu proprio arrabil desencordoa.
M. Se tu me has de contar o teu desgosto
(Como deves de crer que to mereço)
Vai-se fazendo tarde, o Sol he posto.
L. Ando fora de mim, pasmo, esmoreço
Em cuidar que naõ posso consolarme
Com te contar os males, que padeço.
O que posso fazer será queixarme

Na minha rouca voz, triſte, confuſa:
Tempo virá que poſſa declararme.
M. Ora começa já, naõ dês eſcuſa.
L. Verdes campos do Tejo, claras agoas,
Se para chorar magoas me lembrais,
Quanto ſentirei mais neſte meu peito
Hum tamanho defeito de hum amigo
Que paſtava comigo taõ ſeguro!
Triſte de mim quaõ puro ſe moſtrava!
Mai ai quam longe eſtava da pureza,
Que a minha natureza merecia!
Se mal lhe parecia; bem podera
Dizerme que naõ era goſto ſeu
Paſcer o gado meu pela ribeira,
Donde naõ ha ſilveira, em que ſe fira.
E quando me nam vira ſepultar,
Para nunca tornar a povoado,
Entaõ de mim, do gado ſe vingara;
E naõ me difamara com paſtores,
Que naõ conhecem flores penduradas
D' amizades fundadas nas divinas.
Tanto podem malinas creaturas,
Que por fazer eſcuras as eſtrellas,
Dizem que falta nellas claridade!
Pouco val a verdade dos pequenos!
Tudo nelles val menos; a cubiça
Em lugar da Juſtiça reina agora.
Ah quanto melhor fora padecer
Mil mortes, que naõ ver noſſos vizinhos
Por taõ tortos caminhos poſſuir,
Roubar, e deſtruir honras, e vidas!

Aſſás de deſtruidas nos ficaraõ
Nos poucos que eſcaparaõ dos imigos.
Quantos feitos antigos, que façanhas
Por terras taõ eſtranhas ſemeadas
Vemos já ſepultadas pelas maõs
Dos filhos, dos irmaõs em tempo breve!
Aſſim paga quem deve! juſta pena
De ſeu peccado ordena, quem deſeja
Que ſeu proximo ſeja perſeguido,
Deſprezado, abatido injuſtamente!
Eſte mal naõ ſe ſente, chora, e geme,
De quem a Deos naõ teme;aſſi vai tudo.
Quem foſſe cego, e mudo que naõ viſſe,
Muito menos ſentiſſe, quanto entende!
Do pouco que me rende meu juizo
Julgo por grande avizo ſepultarme
Aqui, donde buſcarme ninguem venha.
Naõ falta aqui da lenha para o frio,
Agoa clara no rio alto, e ſuave,
Que beba, em q̃ me lave,contemplãdo
Como ſe move brando n'uma parte,
E noutra ſe reparte furioſo,
Tornando vagaroſo para cima.
Como murmura, e lima a pedra dura,
E como ſe pendura o ramo verde;
Como ſeus raios perde antes da tarde
O Sol, quando mais arde d'outra banda.
Por antre a folha branda o paſſarinho
O ſeu redondo ninho anda eſcondendo,
Mil mudanças fazendo com ſeu canto,
A cujo ſom levanto meu eſprito,
Choro

Choro, ſuſpiro, e grito: Meu Senhor
Que morre por amor de quem o mata!
Ah gente dura,ingrata,gente cega, (ro
Que prẽde accuſa,e préga n'um madei-
Hum taõ manſo Cordeiro,antre ladroẽs!
Ah crueis coraçoens! crueza minha!
Adonde triſte tinha o penſamento
Qual outro ſentimento, quaes aggravos
Se naõ Coroa, e Cravos,Lança, e Cruz,
Voſſa morte, e paixaõ, doce JEZUS.

M. Quantas mercês recebes do Senhor!
L. Ainda muitas mais do que imaginas.
M. Que poſſo imaginar do ſeu amor,
Se naõ que rozas ſaõ antre as boninas
As injuſtas cruezas dos mortaes,
Para mais apurar graças divinas.
Naõ vemos nós nos ſeus outros ſinaes
Mais claros,mais ſeguros,nem mais cer-
Para de cada vez arderem mais. (tos,
Caminhos ſaõ doCeo na terra abertos,
Por onde mais ſeguro hum paſtor anda
Sem ſe mover daqui deſtes deſertos.

L. Nós temos de paſſar eſta agoa branda
Lá por cima d'um tronco d'ũ ſalgueiro,
Que deſta s' encurvou áquella banda:
Vamos cantando ao ſom deſte ribeiro,
Quanto laſtima, e fere hũ peito ingrato;
E como acaba em fim por derradeiro,
Cabras, paſto, paſtor, cabana, e fato.

ECLOGA V.

Do tempo que trouxe hum a Religiaõ.

Gualbano, *e Laurino.*

G. QUe buſcas por aqui por eſta ſerra
Que ſegundo o que julgo vaz er-
(rado?
L. Antes quem cedo julga, ás vezes erra.
G. Perdoa-me ſe tenho mal julgado,
Que naõ me pareceu que tomarias
Mal, folgar de te ver encaminhado.
L. A quem já caminhou taõ longos dias
He neſcio quem moſtrar quer a eſtrada:
Qu'a mudança do tempo muda as vias.
G. Mais neſcio he quem traz branquea-
De taõ poucos cabellos a cabeça, (da
E dá repoſta taõ mal enſinada.
L. Ora naõ ha ninguem que ſe conheça:
E de quantos mais pretos eſſa tua
Coberta te parece que appareça?
G. Cada hum lá ſe avenha com a ſua,
Que côr naõ taõ ſómente, mas effeito
Muitas cabeças brancas tem da Lua.
L. Fallemos como dizem a bem defeito:
Porque me perguntaſte que buſcava?
Ou que te vai, que vá torto, ou direito?
G. Queres ſaber porque te perguntava?
Por ver s' era conforme o meu deſgoſto,
O que ſubir a ſerra te forçava?

L. Taõ

L. Taõ claro ſe deſcobre no meu roſto
O que no coraçaõ trago encuberto :
Pouco differe a tarde do Sol poſto.
G. Quanto mais que ninguem buſca o
(deſerto ,
Em quanto lhe parece que a triſteza
Seu coraçaõ naõ moſtra deſcuberto.
Da magoa, em q̃ aprendi eſta certeza
Naõ me pude livrar ſe naõ deixando
Nas ſuas proprias maõs a natureza.
Aſſi me fui de todo acoſtumando
A tudo quanto quiz fazer de mim ,
Que já agora me fica governando.
L. Bem fóra de contar porque me vim
Do campo para a Serra agora vinha ;
Nem menos o porque me deſavim.
Mas o q̃ eſtá por vir mal ſe adivinha ;
Poſto que quem no mato vai atento ,
Como deſatentado naõ s' eſpinha.
Folgara de ſaber o teu intento
Teu nome , tua vida , onde naſceſte,
E ſe moras aqui ſempre d' aſſento.
G. He poſſivel que tu naõ conheceſte ,
Laurino amigo meu,quem te conhece !
L. Valha-me Deos que aſſi te desfizeſte!
G. Naõ paſſa tempo em vaõ, nunca s'eſ-
(quece
De fazer mil mudanças , mil extremos:
Hum dia nos alegra , outro entriſtece.
L. O' pé deſte rochedo renovemos ,
A' viſta deſtas agoas do Oceano ,
Quan-

Quanto cantámos já, quanto tangemos.
Com tanta perda nossa tanto damno,
Com tanta sem razaõ, tamanha inveja;
Queres que tanja, e cante hum peito
(humano?
Tu vez algum pastor, que senhor seja
De comer o cabrito, que lhe nascé,
Livre da lingua má lhe pôr vareja?
Do que dentro do seu serrado pasce,
Lhe faz pagar a coima quem inventa
Armadilha a seu gosto com que cace.
A terra, já naõ sei, como sustenta
Taõ depravada gente, taõ malina,
Taõ mal acostumada, taõ praguenta.
Ora se fazem aves de rapina,
Ora lobos crueis, ora serpentes,
Monstros q̃ dos bons tem fome canina.
Os vizinhos da porta, os meus parentes
No tempo em que tusqueio, ordenho,
(e queijo
Aguçaõ contra mim unhas, e dentes.
L. Tambem, amigo meu, eu como, e visto
Do suor de meu rosto, noite, e dia,
E reparto com quem murmura disto:
E já do mal o menos tomaria
Levarem tudo já por força ou manha,
Naõ façaõ da minha honra iguaria.
Deixem-m' aqui viver nesta montanha,
Matem m' á fome, e sede na fazenda,
Pois o tomar o alheio naõ s' estranha.
Mas já que isto naõ póde ter emenda,
Fique-

Fique-ſe para o dia do juizo :
Quero quietaçaõ , e naõ contenda.
G. Se queres que fallemos mais de ſizo ;
Nota , Laurino , bem o que te digo ,
Olha por onde vou, que terra pizo.
Eu ſou o q̃ no mal ſou mais comtigo ;
Os meus peccados ſaõ cauſa de tudo ;
Eu faço todo o mal a mim comigo.
Se ſurdo me fizer , ſe cego , e mudo
A quanto ſucceder , e no meu braço
Trouxer a paciencia por eſcudo ;
Se do mundo quizer fazer retraço ,
E folgar que de mim o mundo faça ,
Que lingua temerei, que ſetta , ou laço?
L. Naõ ha mais que fallar , mas muita
(graça
Ha miſter do Senhor para comprar
Iſſo que nunca vi vender na praça.
Aſſi me queres tu ſantificar
Veſtido neſta minha fraca pelle,
Que naõ ſinta quem nella me picar ?
G. Naõ duvides que tudo póde aquelle
Que nas maõs d'hum Senhor prezo s'
(entrega ,
Que prezo , e morto foi por amor delle.
Quẽ todos ſeus deſejos nelle emprega
Sem querer mais fallar, ver, nem ouvir,
Inda bem naõ ſemea , quando ſega.
L. Confeſſo que bem poſſo deſiſtir
De tudo quanto tenho neſta vida ,
Mas naõ ſei como poſſa naõ ſentir.

G. An-

G. Antes o que naõ ſente iſto, duvida,
E naõ quem já ſentio quanta doçura
Nas ſuas couſas Deos tem eſcondida.
A dureza converte-ſe em brandura,
Florece em todo o tempo a Primavera,
Torna-ſe em claro dia a noite eſcura.
Ah ſe neſſe teu peito s' accendera
Huma faiſca ſó do amor Divino,
Quaõ docemente em ſi te convertera!
Naõ cuides que máo fado, ou máo
(deſtino,
Eſtrella em q̃ naſceſte, alegre, ou triſte
Faz hum paſtor ditoſo, outro mofino.
Na vontade de Deos tudo conſiſte:
Quem naõ lhe reſiſtir ſerá ditoſo,
Desditoſo ſerá quem lhe reſiſte.
L. Eu nunca duvidei que poderoſo
Foſſe noſſo Senhor, mas de mudança
Taõ milagroſa eſtava duvidoſo.
G. O que muito trabalha, muito alcança;
E quanto mais alcança mais trabalha,
E quanto mais trabalha mais deſcança.
Primeiro o verde campo ſe retalha,
Que faça o Lavrador a ſementeira;
Antes que colha o trigo, ſega a palha.
A negra violeta, porque cheira
Colhemos antre as mais ervas do mato:
Seca-ſe o Lirio branco na ribeira.
L. Bem ſei que naõ vendêras taõ barato
O que taõ caro cuſta, ſe tiveras,
Ainda por deixar cabana, e fato.

G. Bem

G. Bem ſei que tu tambem s' ora quize-
Poderias deixar fato, e cabana, (ras,
E fazer bom barato do que eſperas.
L. Eu naõ deixo de ver o que m'engana,
E com muito mais claros olhos vejo
Aquillo com que o mundo deſengana.
E ſabe Deos de mim quanto deſejo
Acabar de perder a ſaudade
A quantos verdes campos rega o Tejo.
Mas naõ poder lograr a ſuavidade,
Que Deos reparte ſó com ſeus amigos
Saõ culpas que plantou a mocidade.
Eu fiz taõ poderoſos meus imigos,
Que ſó noſſo Senhor póde livrarme
De laços taõ ſutís, e taõ antigos.
Mas ſe ora tu quizeres ajudarme
Com tuas oraçoens, naõ deſconfio (me;
Que venha ainda comtigo a conformar-
Naõ temendo ſoffrer calma, nem frio,
Fome, ſede, nem dôr, trabalho, ou pena,
Pois baſta herva do campo, agoa do rio.
G. Inda que Chriſto a Martha naõ con-
Occupada em ſerviço differente, (dena
Diz que eſcolheu melhor a Magdalena.
Tu podes fazer bem a muita gente,
E grangear o teu ſem damno alheo,
E ſalvarte vivendo farto, e quente.
Mas teſtimunha he Deos, quãto receio
Deſta taõ larga vida a conta eſtreita,
Poſto que menos quente, farto, e cheio.
Se mais tira da barra que mais deita,
Que

Que ſerá lá no Ceo, donde ſe paga
Cento por hum do q̇ por Deos s'enjeita?
L. Mal ſe póde curar a mortal chaga
Reputando a triaga por peçonha,
E peçonha fazendo da triaga.
A carne bem ſabemos que naõ ſonha,
Senaõ no com que mais o noſſo eſprito
Se turbe, deſordene, e deſcomponha.
Amoſtras-me por obra o q̄ tens dito,
Porque deixar quizeſte quanto tinhas
De puro coraçaõ, firme, contrito.
Pizas com pés deſcalſos as eſpinhas,
Morde-te o corpo a lãa de varias côres,
E naõ te dá q̇ o ponto amoſtre as linhas.
Divinos penſamentos dos amores,
De que teu coraçaõ anda ferido,
Nos ramos dos ſalgueiros daráõ flores.
G. Ora pois tanto tens já comprehendido,
Grave culpa ſerá naõ te ficares,
Donde naõ ficarás mal do partido. (res
L. Se tu, com ſer qual vez, me aconſelha-
Que fique, eu fico, e faço o q̇ me mandas,
E muito mais de quanto me mandares
G. Anda, que tu verás como deſandas
No mal, e deſandando, como corres,
Correndo, como voas, como abrandas
A vida, com que vives, quando morres.

ECLO-

ECLOGA VI.

A' morte de hum amigo.

Limabeu.

O Meu cordeiro branco qne ſaltava
O' ſom da minha frauta, ah meu (cordeiro!
Taõ branco como o leite, que mamava,
Em quanto vigiava o gado alfeiro,
Huma aguia mo levou atraveſſado
Nas unhas, lá de traz daquelle outeiro.
Ah fortuna cruel, ah cruel fado!
Que ſe de crueis lobos me vigio,
Das aves de rapina ſou roubado.
Se niſto ha de parar todo o que crio,
Como já ſuccedeu da minha corça,
Que ſe afogou naquelle negro rio;
Convém que a natureza faça força;
Porque naõ ſe offereça goſto humano,
Que primeiro que venha o naõ retorça.
Que maior confuzaõ, que mor engano
Ao triſte coraçaõ, que ſe affeiçoa
Para pagar tributo do ſeu damno?
O ſimples paſſarinho que ſe eſcôa
Do viſco em que cahio incautamente,
Com menos penas foge, menos voa.
Deixei de converſar humana gente
Para me affeiçoar cá no deſerto
A brutos animaiş mais brutamente?

Com

Com que composiçaõ, com q concer-
Sobre que saudades adormeço, (to,
Se com taõ leves cousas me desperto?
Como posso chegar, se naõ começo
Quando começarei como desejo;
Ou como subirei, pois sempre deço?
Se qualquer leve cousa me faz pejo
Para accender no peito amor Divino;
Porque de tudo já me naõ despejo?
Assim convém valerme de contino;
Assi fortalecer minha fraqueza;
Que naõ sinta descuido repentino.
Assi soprar de novo esta frieza,
Atiçar no madeiro, onde se atêa
O fogo, que desfaz, todo em pureza.
Nasci para lavrar na terra alhea,
Terra da maldiçaõ, de Deos maldita,
De cardos, e de espinhos sempre chea.
Tenta, move, perturba, afaga, incita
A buscar o pior, o mais nocivo,
Naõ deixa repousar esta alma afflita.
Nesta contradiçaõ, neste incentivo
De males, que me rende a minha herda-
Quasi me sinto já como cativo. (de,
Mas pois a verdadeira liberdade
Depende de trazer o pensamento
Accezo na divina saudade;
De tudo o que me for impedimento
Para poder lograr hum bem tamanho,
Determino fazer apartamento.
Experiencia tenho do que ganho;
Essas

Eſſas vezes que ſaio da cabana,
Pois q̃ no campo limpo inda m'arranho.
Muito pequena couſa turba, e dana
Huma compoſiçaõ clara, e ſerena,
Em quanto reſpirar na vida humana!
Foge do povoado a Magdalena,
Vai fazer no deſerto vida nova
Depois de ter perdaõ da culpa, e pena.
Alli mettida dentro n'uma cóva
Chora, ſuſpira, geme noite, e dia;
D'uma noutra aſpereza ſe renova.
Procure quem quizer a companhia,
Branda converſaçaõ d'outros paſtores,
Que ſó me quero a mim por outra via.
Muitas capellas fiz de muitas flores
Compaſſando nos olhos a pintura
Bella, por variar fermoſas côres.
Eſcolhendo da fruta a mais madura
Pelos boſques agreſtes m' eſpinhava,
Deixando o gado meu poſto em ventu-
Do louro laparinho que tirava; (ra.
O Tralhaõ que cahia na coſtella;
O Tordo que na vara ſe enforcava.
O Pombo que cevava na courella;
A Perdiz que picar vinha na louza;
Ou metter o peſcoço pela tela.
Em fim que naõ colhi, nem cacei couſa
Que para dar naõ foſſe; mas quem rega
Plantas a cuja ſombra naõ repouſa,
Naõ deixa de pagar quaõ mal ſe em-
(prega.

ECLO-

ECLOGA VII.

Da mudança da Arrabida.

Libameu, Mincio.

M. EU tenho para mim (segundo as (queixas,
Que na Mata do lobo me contaste)
Que naõ sem causa agora a Serra deixas.
Mas ha taõ pouco tempo q̃ chegaste,
Que darás que fallar lá na Ribeira
De quam cedo na Serra te enfadaste.
L. Bem sei que cada hum q̃ diz da feira,
Como nella lhe vai; e que naõ diga,
Naõ falta quẽ do bem mal dizer queira.
Justa desculpa tem o que se obriga
A fazer a vontade do que manda;
Que quem bem obedece naõ periga.
Acostumeime d'uma, e d'outra banda
A repousar de noite na cortiça,
E de dia a comer toda a vianda.
Nem ter,nem valer mais me faz cubi-
Tanto me dá que vá,como q̃ venha: (ça:
Por mais que este me assopra, estoutro (atiça.
Naõ tenho sobre que me desavenha,
Nem de q̃ contender muito,nem pouco;
Ora tenha razaõ, ora naõ tenha.
Eu já para cantar me sinto rouco;

E poſto que naõ fora, me fingira,
Fingira-me de todo cego, e mouco.
E quando por taes meios naõ ſentira
Poderme quietar mais facilmente,
De buſcar outros mais naõ deſiſtira.
M. Ainda que naõ fico deſcontente
Deſſas contas, que fazes taõ bem feitas,
Como ſervo de Deos, como prudente:
Folgara de ſaber o que ſuſpeitas
(Se ſe póde dizer) deſta mudança,
Que contra natureza alegre aceitas?
L. Tu cuidas que me peza, ou que me (cança,
O que tenho por vida ha tantos dias?
Ou que ponho meu goſto na balança?
Naõ vemos nós ſeccar plantas ſombri-
As flores, as boninas pelos prados, (as,
Perder o uſo ſeu as agoas frias?
Naõ vemos abater altos eſtados,
Naõ vemos levantar os abatidos,
E tornar a abater os levantados?
Naõ vemos quanto valem os validos,
Que naõ valiaõ mais, e por ventura
Menos que ſeus vizinhos conhecidos?
Naõ póde ſer maior deſaventura,
Que naõ ſaber fugir de hum fugitivo
Mundo, que em ſi naõ tem couſa ſegura.
Bem ſabes de que trato, e de q̃ vivo;
Com que folgo, que buſco, e que per-
De cuja natureza me cativo: (tendo,
A cauſa, que perguntas, naõ defendo:
Faça

Faça quem mais puder melhor ſeu fato,
Que iſſo naõ me deſcoze o meu remẽdo.
Cem mil virtudes tem hervas do ma-
Para curar cem mil enfermidades; (to
Huma naõ podem ſó d'um peito ingrato.
Rogo-te, amigo meu, q́ naõ t' enfades
De ouvir a confuſaõ deſte meu canto;
Que a dôr me deſtruío as ſaudades.
M. Eu tenho padecido, e viſto tanto
Deſſe mal incuravel, que me contas,
Que da torpeza delle naõ me eſpanto.
Trago tambẽ de longe minhas contas
Feitas para ſoffrer qualquer combate
D'outros, e deſte ſó que agora apontas.
Folgara de ſaber já, por remate,
Se tiveſte com Lauro deſavença?
Porque tambẽ ſobre iſſo houve debate.
L. Quem bem conſiderar a differença
Que vai de nós a Lauro, entenderia,
Que tomo de fallar larga licença.
O que imitar naõ ſabe a melodia
Dos doces paſſarinhos; porque imita
O rouco murmurar da fonte fria?
De ter,ou de naõ ter com Lauro dita;
Todos podem julgar a ſeu prazer;
Mas o ſeu pelo meu naõ ſe limita.
Alembra-me que já lhe ouvi dizer,
Que folgava comigo lá na Serra;
Mas o que for, ſerá, ſe houver de ſer.
Obrigaçaõ lhe tenho em qualquer ter-
Para pedir a Deos que com Liana (ra
(Liana

(Liana que lhe fez taõ cruel guerra)
Logre conformidade ſoberana:
Ambos a goſto ſeu, e tantos, tantos,
Que excedaõ quãtos ha na vida humana.
Excedam ſeus intentos todos, quantos
O Ceo na terra apura; e em tal eſtado,
Antes de lá ſubir ſe vejaõ ſantos.
Confeſſo que fui ſempre affeiçoado
A ſolitarios boſques do deſerto,
Que enſinaõ a viver deſenganado.
Do portal da choupana, que coberto
Tinha de hum verde louro, me aſſentava
A ver o largo mar ao longe, ao perto.
D'um valle noutro valle caminhava
Até á lapa de Santa Margarida,
Donde, para comer, peixes peſcava.
Andava ſuſtentando a pobre vida
Minha, ſem murmurar da vida alhea;
Por onde ſinto mais eſta partida.
M. Alma, que no deſerto ſe recrêa,
Nas ſaudades delle ſe ſuſtenta, (mea.
Das quaes recolhe mais quem mais ſe-
Sabe Deos quanto a mim me deſcon-
A má repartiçaõ do que reparte, (tẽta
Ou ſeja na bonança ou na tormenta.
Deſconſolar-ſe póde n'uma parte,
O que noutra qualquer ſe conſoláras,
Do qual deſconſolado outro ſe parte.
Finalmente que niſto ſe declara
Aquelle verdadeiro adagio antigo:
Que quando Paulo enferma, Pedro ſara.

Bem ſe ſabe de ti que es mais amigo
Da ſerra que do campo, inda que colhas
Silveſtre fruito nella, e nelle trigo.
O que te libertar para que eſcolhas,
Aſſaz de ganho fica; pois naõ queres
Os fruitos, que outros querem, mas as
(folhas.
Com tudo ſe na Serra pertenderes
Lograr quietaçaõ com mais cautella,
Convém que nas palavras te temperes.
Dizẽdo cem mil males dos bens della,
E dos males do campo bens ſem conto:
Entaõ degradarte-haõ delle para ella.
L. Como queres q̃ eſteja ſempre a ponto
Para dobrar a minha ſingeleza,
Pois naõ cozo remendos com poſponto?
Por naõ contrafazer a natureza,
Sinto tornar a verme antre paſtores,
Cuja converſaçaõ tanto me peza.
Elles querem colher no campo flores;
Eu medronhos na Serra antre penedos:
Aſſim deſconcordamos nos humores.
Elles no povoado cantaõ ledos
Os goſtos de que vivem; eu chorando
Por acabar debaixo dos rochedos.
Mas pois tudo ſe vai contrariando
Na Serra, nem na terra buſcarei
Couſa q̃ o tempo poſſa andar mudando.
Por donde quer que for, levantarei
Os meus olhos ao Ceo, de cuja viſta
Aquellas ſaudades colherei,

Com

Com que poſſa fazer nova conquiſta
Para me conſumir no fogo puro
D'amor, de cujo amor Divino viſta
Eſt' alma, caminhando mais ſeguro,
Que buſcando repouſo nas montanhas;
Pois no goſto da terra me aventuro
A naõ poder lograr couſas tamanhas
Do Ceo em toda a parte taõ fermoſo,
Que póde penetrar duras entranhas.
M. Ditoſo, Libameu, ah quaõ ditoſo
Quem ſabe temperar neſtas branduras
Os diſcurſos do tempo duvidoſo!
L. Ditoſo, Mincio meu, quantas mais (duras
Couſas de duros tempos temperaſte,
Vendo ficar a muitos ás eſcuras!
M. Aſſim como de mim já te apartaſtẽ
Aſſim tambem de ti me aparto agora.
L. Eſſa lembrança queres tu que baſte?
M. Baſte naõ poder mais: fica-te embora.

ECLOGA PISCATORIA VIII.

Libameu, Lauro.

L. EM quanto ſe dilata a peſcaria
(Pois ſerá por demais provar ven-
Moſino peſcador, maré vazia). (tura
Debaixo deſta rocha antiga, e dura
Que d'um noutro penedo ſuſtentada
Por cima deſta praia ſe pendura.

Se

Se queres ouvir novo a ſoada
D'uns verſos, q̃ cantei em Sampeneda,
Em quanto a rede ó mar tinha lançada;
Verás que vida logra quem ſe arreda
Da communicaçaõ dos peſcadores;
E qual quẽ nos conſelhos ſeus ſe enreda.

L. Ah naõ danes com verſos ſem ſabores
Huma tarde, que tarde me acontece:
Se queres cantar bem, ſeja d' amores.
E ſe de todos inda te parece
Melhor cantar do meu juſto, e ſuave
(Que do mal que me fez já ſe conhece)
Naõ queiras que com rogos mais te
(aggrave,
Nem deixes de cantar, poſto que vejas
Lagrimas derramar, em que me lave.

L. Se tu d' amor cruel ouvir deſejas
Aggravos, ſemrazoens,duros conceitos,
Cuja victoria cuidas que feſtejas,
Alembrete que em paſſos taõ eſtreitos
Te póde entriſtecer qualquer lembrãça;
Que amor tem jurdiçaõ em tenros pei-
De q̃ ſerve no tempo de bonança (tos.
Alevantar de novo tempeſtades
No mar donde eſcapou tua eſperança?
Rompendo por cem mil adverſidades
De terra em terra alhea te levaraõ
Juſtas, mal tarde pagas, ſaudades.
Quantas vezes os remos te faltaraõ
Depois das vellas rotas pelos ventos,
Que na firmeza tua ſe quebraraõ?

Pro-

Prolongaraõ-ſe os teus merecimẽtos,
De perigo em perigo navegando,
Alagado no mar dos ſentimentos.
Quantas vezes na praia murmurando
Conforme a ſeu juizo, ou ſeu deſejo
A tua cauſa andava mariſcando?
He muito de notar com que deſpejo
O neſcio peſcador ſentenciava
Aquillo que contar inda me pejo.
Em que fera, em que pedra naõ ſoava
O teu nome, Liana? que ſerpente,
Se de parir deixou, naõ te criava?
Deſviado teu nome andou da gentẽ
De Liana em Liona: nem m' eſpanto,
Pois tratavas teu ſangue cruelmente.
L. Deſejoſo de ouvir ſuave canto
Te roguei que de amores me cantaſſes,
E tu provas de amor reprovas tanto.
Se tu nas redes ſuas te peſcaſſes,
Naõ cuido que taõ pouco eſtimarias
Queixumes ſeus q̃ delles te queixaſſes.
Antes a mariſcar me ajudarias
Ameijas nas areas revolvendo,
Tirando mexilhoens das penedias.
Arrancando preſeves, que pertendo
Levar para Liana eſte ceſtinho,
Que veja ſe m' eſqueço, naõ a vendo.
L. Dart'ei q̃ leves mais hum paſſarinho
De verde, azul, e branco ſalpicado,
Que ſem pena furtei á mãi do ninho.
Dentro n'um buzio irá todo pintado
De

De pardo, e de vermelho, q̃ Palemo
Para Marfida tinha soterrado.
Naõ sei que cousa foi, naõ sei q̃ demo
Tomou tal formosura, tal avizo,
Por quem nem ter na maõ sabia o remo.
Depois que a causa foi posta em juizo,
Tambem nós démos cá nossa sentença;
Que poucas tem firmeza, menos sizo.
Que desculpas darás a taõ immensa
Culpa da fé, Marfida, que quebraste;
Se naõ se contra amor naõ houve offen-
Que negar tu naõ podes q̃ negaste (sa:
Aquelle firme teu primeiro amante,
Depois que Diamante te tornaste.
Que ser naõ póde hum ser taõ incons-
(tante,
Se naõ quem já perdeu a natureza,
Em materia d' amor taõ importante.
Mas deixemos motivos de tristeza:
O nosso cabazinho concertemos,
Lavado muitas vezes n' agoa teza;
Verdes limos debaixo lhe poremos;
O verde perrexil de cima posto,
Fazendo d' esperança dois extremos.
O presente no meio bem composto
Por ordem que lhe dê muita mais graça:
Assi de lho levar muito mais gosto.
Que queres que por ti, Lauro, mais fa-
Com desejos das forças differentes, (ça
Onde a pobreza minha m' embaraça?
Mas inda póde ser que te contentes

Muito

Muito mais de me ver peſcar á cana,
De que poſſas fazer mores preſentes;
Porque da Ponta gorda até Trezana
Hum ſó dia que vem de marulhadas
Peſco para comer toda a ſemana.
Que peſcarias fiz taõ eſtremadas!
E mais de peixe limpo em breve eſpaço
De Sardos, de Robalos, de Douradas?
Que? cuidarás qae cuido neſte paſſo
Do galardaõ, daquelles que comeraõ,
O que peſcava á força do meu braço?
L. Que poſſo cuidar eu do que fizeraõ,
Se naõ que ſeus intentos taes ſeriaõ
Na ſua ingratidaõ, quaes elles eraõ?
Mas que dirás dos que de mim fugiaõ,
Quando com menos barcos, menos redes
Sem mais afronta ſua andar me viaõ?
Eu te concederei, que tu me excedes
Agora na pobreza; ſem deſcanço
Se avantejada vida me concedes. (ço,
L. Se tu vás tanto ó mar, eu largo o lan-
Que por naõ contender com bravas on-
(das,
Com menos me contento no remanſo.
L. Nunca te faltará que me reſpondas;
Na tua propria cauſa, e nas alheas
Eſcura parte tens onde te eſcondas.
Lavadas para ti tens as aréas,
As ſaudóſas agoas Oceanas,
Onde, peſcando, a vida remedeas.
Soubeſte deſprezar couſas humanas,
Sou-

Soùbestes grangear cousas Divinas,
Desenganado assi nos desenganas.
Assás claro, e seguro nos ensinas
O caminho do Ceo, pois que naõ tiras
Da propria maõ do remo as diciplinas.
Se tu tambem comnosco repartiras
O que buscas no Ceo, como na praia,
Com differente dom tornar me viras.
L. Oh quaõ liberalmente amor espraia
Os dons da sua graça em toda a parte
Que parte n'alma tem onde ella caia.
Podera antre huns penedos amostrarte
Huma lapa redonda, lá mettida
Noutra, que dentro noutras se reparte.
Vista naõ póde ser, nem presumida
De quem na lapa grande vir entrarme,
Donde a passagem fica retorcida.
Alli depois que deixo de accusarme,
E de tomar da vida conta estreita,
Propondo na futura melhorarme:
Diante de huma Cruz, que se foi feita
Por maõs da natureza, me suspende
Na causa do porque foi taõ perfeita:
Primeiro q̃ alguns outros encomende
A Deos; dous coraçoens n'um conver-
(tidos
Minh' alma offerecer alli pertende.
Hum só sentido sintaõ seus sentidos
Na carga singular, vida serena,
D'amor celestial favorecidos.
Naõ sei que pescador de cá me acena
Da-

Daquelle batel novo ; vaite embora ;
Que ouvir muito contar tambẽ dá pena.
L. Antes de ouvir taõ pouco a ſinto (agora.

E C L O G A IX.

Galapo , Almilaõ.

Da mudança de Paſtor em Peſcador.

DUas couſas receio , duas faço
Contra quietaçaõ da natureza
Minha , que em qualquer dellas ſatis- (faço ;
Huma , pedir áquelle , que deſpreza
A petiçaõ do pobre , cuja eſtrella
Cahir nas duras maõs foi da pobreza :
Outra , que naõ differe muito della ,
He perguntar a quem dá má repoſta
Quanto lhe cuſta a boa mais do q̃ ella.
Eu fiz com dous paſtores huma apoſta,
Que já nas minhas maõs cuido q̃ tenho;
Poſto que nas alheas fica poſta.
De ſeu conſentimento agora venho ,
A que tu nos deſates a porfia :
Que porfiar naõ quero por ingenho.
E porque me criei na peſcaria
Julguei que tambem nella te criaſte ;
Pois como peſcador peſcar te via.
Elles dizem que ſempre te prezaſte

Da fruita, do ſurraõ, e do cajado,
Que poucos dias ha que deſprezaſte.
A. He verdade q̃ ſempre guardei gado
No campo, na montanha erma, deſerta,
Com cujo branco leite fui creado.
Mas quẽ guardar alheo gado acerta,
Acertar póde mal, quando ſeu dono
Para notar deſcuidos anda álerta.
Pois nunca (s'ora niſto naõ me abono)
Alguma vez perdi cabra, ou cabrito,
Antes muitas por elles o meu ſono.
Seja louvado Deos, ſeja bemdito;
Que tal mudança fiz taõ deſejada
Do ſolitario meu cançado eſprito!
Caminhei longo tempo pela eſtrada
Mais larga, e mais ſeguida dos antigos
Paſtores, que naõ deixa de ir errada.
Deſejando eſcapar d' alguns perigos,
Em que via cahir a meus vizinhos
Cubiçoſos do gado, e dos pacigos,
Determinei dos valles montezinhos
(Que da ribei a já tinha fugido,
Trocando lirios ſeus pelos eſpinhos)
Buſcar algum lugar taõ eſcondido,
Debaixo de taõ altas penedias,
Que nem pudeſſe ouvir, nem ſer ouvido:
E porque me tomou ſobe-los dias
Tal determinaçaõ, poſta em effeito,
Quero que ſaibas mais do que querias.
Póde ſer que por juſto algum reſpeito
Eſſes, que vaõ ſaber, ſe me arrependo
Do

Do que ſem parecer ſeu tenho feito.
Bem lhes pódes dizer, q̃ naõ dependo
Daquillo que diraõ; para que deixe
De remendar as redes, que remendo.
Que nunca m' arrependa, nem me
(queixe
Da differente vida, mas ſegura;
Que elles comem da carne, nós do peixe.
G. Naõ póde ſer môr dita, mór ventura
Que acertar de te ouvir para curar
Hum mal que naõ cuidei q̃ tinha cura.
Eu ſempre folgaria d' apoſtar,
Inda que mór apoſta ſe perdeſſe,
Do que eſta minha foi para ganhar.
Toda a quietaçaõ, todo o intereſſe
Cuidei que conſiſtia em ſer paſtor;
Poſto que de ſeu gado naõ tiveſſe.
E que ſer naõ podia outro pior
Succeſſo da fortuna dura, imiga;
Que naſcer junto d' agoa peſcador.
Des hoje mais convém q̃ me deſdiga
Da minha opiniaõ mal entendida,
E que por acertada a tua ſiga.
A. Affirmo-te que d'uma, e doutra vida
Seus males, e ſeus bens conſiderados
Por conta certa, aſſás pezo, e medida;
Que ficaõ ſempre bem differençados
No repouſo, no goſto, e no deſcanço,
E no mais, os enxutos, dos molhados.
Que ſe peſco, ou naõ peſco no re-
(manſo,

Ora seja com rede , ora com cana ,
Com cabra , ou cabraõ ruivo , naõ me
(canço :
Se me dezisca o peixe, e se me enga-
Quando no torto anzolo se magôa, (na,
Naõ me magôa o trigo que se dana.
A voz do rouco mar que bravo soa ,
Quando romper se vem nestes rochedos,
Naõ póde ser de lobo , que me roa.
Aqui descobrir posso meus segredos
Para desabafar meu triste peito : (dos!
Que naõ tem peitos de homens os pene-
Nesta lavada arêa , em que me deito,
Versos diversos canto dos primeiros ,
Que como pueris agora engeito.
G. Quero-me aproveitar dos verdadeiros
Conselhos , que me dás : se dás licença
Que me vá despedir dos companheiros:
Que naõ me soffre já fazer detença
O muito que desejo de saber
Fazer nos bens , e males differença.
Deixa-me só comtigo aqui viver ;
Naõ tomes mais na maõ cana , nem re-
Que peixe naõ nos ha de falecer. (de;
Logra quietaçaõ , como te pede
O teu suave esprito ; tange , e canta :
Que eu te matarei fome , frio , e sede.
Póde ser que com tua doce , e santa
Vida remediar possa esta minha ,
Que boa sombra faz a boa planta.
Seguro vai o cego que caminha
Pelos

Pelos passos da guia; que se teme (nha.
De pôr seu pé descalso em secca espi-
A. Suspira est'alma minha, chora, e geme
Por naõ ver, nem ouvir quem falle, ou
(veja:
De qualquer sombra humana pasma, e
(treme.
Abasta pouco, a quem pouco deseja:
Naõ basta muito, a quem deseja muito:
O que nos outros falta me sobeja.
D' inverno, e de veraõ sempre daõ
Os penedos da praia regadios, (fruto
Nos quaes mariscar posso a pé enxuto.
Inda que naõ tem folha saõ sombrios,
Naõ se abalaõ, nem mudaõ suas cores,
Por ventos, nem por calmas, nem por
E sobre tudo longe de pastores; (frios.
E de me constranger necessidade
A conversar ainda a pescadores. (de;
Com tudo eu t' agradeço essa vonta-
Que naõ sou deshumano, nem desprezo
As mostras que me mostras de amizade.
G. Assi me deixa a tua inda mais prezo;
Póde ser que me escutes algum dia,
De que canto tambem, e de que rezo.
Farta-te de viver só muito embora,
Que tambem viver só quero comigo,
E sem mim (se podesse!) melhor fora.
Com' haja nos trabalhos mais antigo
Pescador desta praia; naõ receio
Na baixa, ou preamar algum perigo.

Ou

Ou ſeja por atalho, ou por rodeio
A pena, a magoa, a dôr, que me laſtima,
Com muita paciencia remedeio.

A. Muito faz quem ſe esfòrça, e quem
(ſe anima
A ſoffrer, e calar, moſtrar bom roſto:
Que he contra o duro ferro a dura lima.

G. O teu verſo ſerá melhor compoſto,
Cantado muito mais ſuavemente;
Mas o meu mais conforme a meu deſ-
(goſto.

Naõ faltará do teu quem ſe contente,
Nem do meu faltará, quẽ julgar queira;
Que ſempre o neſcio cuida que he pru-
(dente.

A. Eu coſtumo peſcar com ſingeleira.

G. Pois eu vi peſcar muitos com treſma-
(lho,
Que nadando ſe vem perder á veira.

A. Naõ cuides q̃ rodeio, quando atalho
Neſte breve caminho, em que me puz,
Alegre de me ver poſto em trabalho.

Eu por dia naſci de Santa Cruz:
Em Santa Cruz troquei o pobre fato:
Nella ſem elle foi poſto JESUS,
Com cujo nó de amor tudo remato.

ECLO-

ECLOGA PISCATORIA X.

Ao naſcimento do Duque D. Jorge de Lencaſtre.

Galapo, Alportuxo, Almilaõ.

G. QUeres ouvir contar hũ peſcador
Pobre, q̃ de mariſco ſe ſuſtenta,
E ſegund' o que dizem foi paſtor?
Naõ ſei donde, nem como, ou que
(tormenta
O lanſou neſta praia ha poucos dias:
Que nem ſempre do Norte o vento ven-
Naquellas ſolapadas penedias (ta.
Huma lapa buſcou eſcuſa, e eſcura,
Que naõ ſe deixa ver d'outras ſombri-
Dalli forçado ſahe da ſome pura (as.
A buſcar o ſalgado mantimento,
Duro de ſe arrancar da pedra dura.
Depois ſobre hum penedo creſpo, e
(lento
Ao ſom d'um arrabil que traz no ſeio,
As ondas faz parar, fugir o vento.
O primeiro de Abril alli ſe veio
A cantar, e tanger taõ docemente,
Que do mar Oceano fez Lethêo.
Mas tanto mais alegre,e mais conten-
Que logo quem ouviſſe julgaria, (te,
Que feſtejava algum goſto preſente.

Alp.

Alp. Agora ſabes tu, que foi o dia,
Em que fruito nos deu a Primavera,
Fructo que ſó do Ceo cahir podia.
Do Ceo por cujo dom já ſe decera
Da ſua opiniaõ iſenta, altiva,
Mais branda agora, mais q̃ branda cera.
Mas ah! livre Liana! quaõ captiva
Te fez o juſto amor daquelle teu,
A quem tu te moſtraſtes taõ eſquiva!
Agora tu naõ tua, elle naõ ſeu;
Hum noutro ſi; de dois hum ſó formado;
Tal vos cõſerva Amor, qual elle o deu.
G. Outros muitos ſobre eſſe tem já dado,
Que tempo, nem fortuna, dura imiga
Poderaõ deſatar; perde o cuidado.
O bom ſerá cantar huma cantiga,
Em louvor deſta feſta, neſta praia.
Alp. Começa tu, ſe queres que te ſiga.
G. Eſperemos hum pouco antes que caia
A ſombra lá da Serra; póde ſer
Que tambem Almilaõ da lapa ſaia.
Alp. Eu tenho para mim q̃ ouço tanger:
Deve de ſer aquelle? vêlo vem:
Como ſe vem regando de prazer!
Alm. Ouça-me quem quizer; veja-me (quem
Folgar com bens de Lauro, e de Liana;
Que ſempre dos ſeus bens contarei bem.
Que fica mais por ver na vida humana,
Que ver dois coraçoens n'um convertidos,

De

De cuja flor taõ doce fruto mana?
Que fica por ſentir a meus ſentidos
Quando veſtida vejo Magdalena (dos?
Dos ſeus, antes dos meus, pobres veſti-
Eu tomarei na maõ hum dia a penna,
E nem remendo ſeu, nem graça ſua
Ficaraõ por cantar, grande ou pequena.
Das fermoſas eſtrellas, Sol, e Lua
As cores moſtrarei em Violante;
A dos olhos ao Ceo ſe reſtitua.
Neſſe pois paſſar quero mais avante
Convém que vá fazer o meu alforge;
Para q̃ mais cedo tanja, e melhor cante.
Amor tempere a fragoa, accenda, e
Com que feſteje dia taõ ditoſo (forge
Do novo Anjo do Ceo, ditoſo Jorge.
Detenha-ſe no boſque ſaudoſo
A verdura na planta, a flor no valle;
Naſceu Jorge, naſceu todo fermoſo.
Antes que deſta praia hoje me abale,
A fera amanſarei, o duro ſeixo
Ouſarei abrandar, farei que falle. (xo;
Já naõ ſei murmurar, já me naõ quei-
Queixe-ſe o rouxinol, murmure a fonte,
Ella de pedra em pedra, elle no freixo.
D' encarnado, e d' azul noſſo Orizonte
Se viſta neſta feſta, cujas cores
Calo: que póde ſer que inda ſe afronte.
Fazei novas capellas, peſcadores,
Nos ſalgados penedos, nas arêas,
A ſeu Principe já cobri de flores.

G. Quaes Alcioẽs na praia, ou quaes ſe-
Igualar já ſe podẽ com teu canto (reas
Em louvor deſſe Infante, que nomeas?
Naõ ſei, qual affeiçaõ te enſinou tan-
(Mas como cuidarei q̃ ſe affeiçoa (to:
Quem naõ vejo medrar n'hum pobre
(manto?)

Alm. Se tratas de intereſſe da peſſoa
Pelas partes, que tem, naõ pela renda,
A tal opiniaõ julgo por boa.
Comigo que naõ poſſo ter fazenda,
Que fazenda fará o neſcio rico, (da?
Que naõ póde emendar, nem ter emen-
Cuidarás por ventura que me pico
Deſſe juizo teu, commum juizo,
Que (como dizem) traz agoa no bico?
Sabe que com ninguem contemporizo;
Que a pelo me naõ falta na amizade
Singela condiçaõ, brandura, avizo.

Alp. Eu, pois cantar naõ ſei da ſaudade
Antre taes dois cantores, calar quero;
Por naõ cahir nas maõs da neſcedade.
Mas iſto ſó direi que naõ tempero,
Com quem deſtemperar ſe quer comigo,
A' conta de cuidar que delle eſpero.
O que quizer que ſeja ſeu amigo,
Por ſer tamanho meu, queira que ſeja;
Naõ pelo ſeu, que come ſó comigo.

G. Queres que o noſſo canto ſobreſteja,
Em quanto vou buſcar que cozinhemos;
Que feſta ſem comer naõ ſe feſteja?

Peſcado

Peſcado no batel peſcado temos :
O fogo ſahirá da pederneira :
A lenha pelo mato ajuntaremos.
De Medronho, de Eſteva, e de Aroei-
Farei curtos eſpetos aguçados , (ra
Dos quaes rodearei toda a fogueira.
De Ruivos , Salmonetes , carregados
De Vezugos , de Choupas, de Tainhas,
E com tres ſapateiros Linguados.

Alp. Ainda por cantar taes verſos tinhas!
Eu ferirei o fogo , e trarei lenha.

G. Já ſabemos de ti quaõ bem cozinhas.

Alp. Naõ haja quem de nós ſe deſavenha
De cantar , e tanger , e fazer feſta.

G. Por quẽ naõ feſtejar, má feſta venha.
Veremos Almilaõ para que preſta :
Sabei que ſe Almilaõ ſahe ao terreiro,
Que ha de fazer alguem ſuar a teſta.
Que d' arrabil , de frauta , e de pan-
(deiro
Nunca ninguem lhe teve a barba teza.
Viva Jorge mil annos , mil primeiro
Viva o Duque ſeu pai, viva a Duqueza.

Alm. Vivaõ pais , e vivaõ filhos ,
Outros deſtes , doutros mais
Vivaõ filhos vivaõ pais.
Vivaõ como viver vejo
Com taes exceſſos d' amor ,
Que nem menos , nem maior
Poſſa ſer o ſeu deſejo :
O goſto com que feſtejo

O

O ſeu naõ póde ſer mais :
Vivaõ filhos , vivaõ pais.

G. Tal amor nelles ſe veja ;
Veja-ſe ſeu amor tal ,
Taõ conforme , e taõ igual ;
Que nem mais nem menos ſeja.
A feſta que ſe feſteja
Convertida noutras mais
Feſtejem filhos , e pais.

Alp. Ditoſa foi ſua eſtrella
A meſma d'ambos ditoſa ,
A quem naõ foi poderoſa
Reſiſtir todo Caſtella ,
Naſceu Jorge delle , e della.

Alm. Elle fez quanto podia ;
Ella mais do que elle fez ;
Pois ſe fez ſua ; em que pês
A quantos na Corte havia
Igual ſer poderia ,
Firmeza em peitos Reaes ;
Mas no della muito mais.

G. Ella foi a conquiſtada ,
Ella firme , ella conſtante ,
Ella , a quem d'um ſó amante
Se quiz deixar ſer amada :
Em tudo foi eſtremada
Na firmeza muito mais :
Tal como ella poucas taes.

Alp. Acabemos de dizer
Por remate , da Duqueza ,
Que foi doutra natureza

Diffren-

Diffrente da de mulher ;
E por iſſo devem ſer
Seus louvores muitos mais :
Vivaõ filhos, vivaõ pais.

ECLOGA PISCATORIA XI.

Almilaõ.

A Parta-ſe de vós, deſapparece,
Agoas do mar azul, o Sol dourado,
Ou com meu triſte pranto s' eſcurece.
Deixa-me neſta praia treſpaſſado
O ſom daquella voz, que treſpaſſou
Os deſte meu no ſeu ditoſo eſtado.
Que força, ou que brandura penetrou
Os coraçoens daquelles peſcadores
Que do barco, e das redes os levou?
Porque foraõ mais deſtros remadores
Ou por peſcar mais peixe mereceraõ
Chamados do Senhor ſer dos Senhores?
Nós ſabemos, Deus meu, q̃ precederaõ
A quantos de peſcar nos ſuſtentamos;
Vós o porque melhor vos pareceraõ.
Quantos a pé enxuto deſejamos
Seguir a doce voſſa companhia,
Tantos na terra em ſecco nos achamos.
Entra no mar de noite, entra de dia
Deſcalſo o peſcador, entra deſpido
Por ſegurar melhor a peſcaria.
O que dos vicios d'alma anda cingido,
Como

Como nescio responde, que tambem
S'ha de salvar calçado, e mais vestido.
Bem póde ser que seja; mas porém
O que mais leue vai, melhor caminha,
E mais póde inda mais passar além.
Vai-se-me consumindo a vida minha
D'um gosto noutro falso pendurada;
Dos quaes hum me remorde, outro m'
(espinha.
Resolverme que foi mal empregada,
Determinar emenda que aproveita,
Pois a presente vai qual a passada?
Na solitaria minha lapa, estreita
(Minha naõ digo bem, antes alhea;
Pois seu dono, se quer, della me deita)
Naõ me falta que faça, escreva, e lea,
Do que foi, do que vai, e donde pára
Quem funda o gosto seu em leve arêa.
E se por tantas vezes naõ tentara
Avizar, reprender alguem por verso,
Ainda agora aqui me naõ calara.
Soffre mal coraçaõ duro, perverso
Pequena reprehensaõ de ser defeito;
Posto q̃ bem composta em brando verso.
O pescador debaixo de seu leito
Depois que deita ferro no remanso,
Manso discurso faz no manso peito.
O silencio lhe dobra seu descanço;
O pouco que deseja naõ lhe faz
Cubiçar melhor sorte em melhor lanso.
Os seus dois remos rema em sua paz,
Que

Que naõ deixa nas maõs do companhei-
Que delles mais q́ della foi capaz. (ro,
Recolhe-ſe em qualquer pequeno eſ-
(teiro ;
Que pouca agoa demanda o barco leve,
Que levemente leva hum ſó remeiro.
A mocidade minha me deteve
No paſto das ovelhas, que guardei
Ora do Sol cortido, ora da neve:
Onde por muitas partes que notei
N'um paſtor pouco a traz da minha
(idade,
Com pureza de amor me transformei.
A taes termos chegou noſſa amizade,
Que fizemos de dois hum ſó rebanho,
E de duas tambem huma vontade.
Mas eu a quem dou conta deſte eſtra-
Caſo, ſe naõ a vós duros penedos, (nho
Que com lagrimas triſtes triſte banho?
Seguro vos deſcubro meus ſegredos,
De mim, como de vós, eſtou ſeguro,
Que poſſaõ nunca ouvir coraçoẽs ledos.
Naõ porque por amor honeſto, e puro
Extremos ſôem mal noutros ouvidos;
Mas nos alegres fica o caſo eſcuro.
O paſtor, a paſtora conhecidos
Foraõ dos mais paſtores naturaes
Por jurados, ou quaſi recebidos.
Ella, naõ ſei porque, moſtrou ſinaes
De lhe quebrar a fé: tinha razaõ;
Pois nella ſó ficavaõ deſiguaes.

Em

Em fim ella foi dar, adonde daõ
Os que naõ tem remedio na ferida,
Que se dá no constante coraçaõ.
Ella depois que vio ser homicida
Do seu firme, leal, primeiro amante,
Deu nas maõs da tristeza a propria vida.
Eu dalli me parti naquelle instante,
De valle em valle vim, de monte em
(monte,
Até naõ poder mais passar a vante:
Que as agoas Oceanas naõ tem ponte:
Neste batel, que remo, qualquer onda
Em qualquer taboa faz vir huma fonte.
Aqui busquei já parte onde me escon-
Debaixo desta rocha tenho duas (da;
Furnas, huma comprida, outra redonda.
Eu já sei das marés, já sei das Luas;
Das ostras, das ameijoas, tambem sei
Dellas comer cozidas, dellas cruas.
Aqui com mais repouzo acabarei
O pouco que me fica, suspirando,
Naõ pelo verde campo em que pastei;
Mas por amor suave, doce, e brando
Daquelle Summo Bem, cuja lembrança
Da terra o coraçaõ vai desterrando
Confirmando no Ceo sua esperança.

ECLOGA

ECLOGA XII.

Mincio, Limabeu.

M. ESpera, porque foges, Limabeu?
Que naõ ſou peſcador do mar ſal-
Do doce Lima ſi, parceiro teu. (gado,
Delle por ti me venho deſterrado,
Dando gritos por ti pelo deſerto,
Perguntando por ti no povoado.
Honte, noite fechada, por acerto
(Naõ podendo acertar nunca de dia)
Achei dois peſcadores daqui perto.
Dos quaes fui avizado que devia,
Antes que tu me viſſes, eſconderme;
Porque depois em vaõ te buſcaria.
L. Pois de taõ longe, Mincio, vens a
(verme;
Pois naõ pude eſcapar, como quizera,
Quero contigo ſó deſencolherme.
Naõ val lugar no mato á brava fera,
Naõ val ao peixe na agua fundo pego;
Menos a mim, ſe nelle me eſcondera.
He verdade que fujo, naõ to nego,
De converſar a muitos; porque ſei
Quaõ mal no goſto ſeu meu tempo em-
(prego.
Bem ſabes, quanto ri, quanto folguei
De cantar, e tanger; que graça tinha,
Quantas apoſtas fiz, quantas ganhei:
Quan-

Quantos fardeis enchia do que tinha
Dentro no meu pombal, no meu polei-
Enchia de vagar, vasava azinha. (ro;
Tirava do curral, e do fumeiro
Com gosto pelo dar; donde chegava
Pezado sempre fui, tornei ligeiro.
Naõ quero dizer mais do que mais da-
Do pago que me deu quem o levou; (va;
Se naõ foi avizarme quanto errava.
Em fim lá se ficaraõ, cá me estou
Numa lapa, da qual o mar Oceano,
Depois de a ter lavrada se afastou.
Agora julga tu, qual peito humano
Me quizera largar seu apozento
Do Tejo natural, ou Limiano?
Além disto me deixa o mantimento
Pegado nos penedos; porque esteja
Seguro de mo vir levar o vento.
Tudo na sua praia me sobeja;
Tudo na vista sua me recrea;
A tudo fazer posso nella inveja.
Elle lavra, elle rega, elle semea.
Eu colho quando quero a sementeira;
Olha que amigo achei em terra alhea?
M. Bem differente doutros da Ribeira,
Que sem nunca lavrar querem colher,
Depois de limpo, e secco o trigo n' eira.
Eu naõ te posso mais encarecer
O que vai pelo mundo cubiçoso
De enganar, de danar, de mal fazer.
Que se póde esperar do vicioso,
Que

Que nunca ſoube armar louza, nem
(laço,
Ou por naõ ter ingenho,ou ſer mimoſo?
Naõ ſe corre de ter o mole braço
Mais deſtro em revolver cartas, e da-
(dos,
Que contra os infiéis as pontas d'aço!
Da-lhes pouco de ſerem apoucados
Puſilanimos, vís, baixos de eſprito,
E n'outros móres erros ſepultados.
L. Baſta, naõ digas mais do q́ tens dito;
Que te quero contar hum caſo eſtranho
Que dentro nas entranhas trago eſcrito.
Ah ditoſo ſucceſſo! bem tamanho!
Cuja doce lembrança neſta praia
As lagrimas detem em que me banho.
Mas primeiro que a voz do peito ſaia:
Dize me que ſe fez de Limiana,
Que chorando ficou ó pé da Faia?
M. Aquelle meſmo dia da ſemana,
Em que tu te partiſte, ſe partio,
E partindo-ſe poz fogo á choupana.
Finalmente que nunca mais ſe vio
Por mais que em toda a parte ſe buſcou,
Nem ſabemos adonde ſe ſumio.
L. Agora faz dois annos que chegou
O ſilencio que rendeo ſeu eſprito!
Meu nome deixo eſcrito, terra, e vida:
Se de ti for ſabida, muito embora.
Deixa-me por agora brevemente
Alevantar a mente áquelle immenſo.

Alli

Alli ficou ſuſpenſo, eu laſtimoſo:
Eſpirito ditoſo, que ſoubeſte,
Do modo que quizeſte, confundirme,
E para mais ferirme alli deixaſte
Os verſos que guardaſte até partir.
Tanto para ſentir na tua morte
A minha, e tua ſorte declarada
Na tua coſtumada letra antiga,
Eſtilo que me obriga a ficar mudo;
Toma Mincio o papel, ſaberás tudo.

Soneto de Limiana.

DEpois que conheci que naõ podia
O noſſo juſto amor ſer apartado;
Como comigo a ti te tinhas dado,
Me dei comtigo a quem darme devia.
E poſto que da minha companhia
Tanto tempo viveſte desviado;
Peregrino fui pobre agazalhado
De ti julgado tal, qual me fingia:
Foi vontade Divina, rogo meu,
Minha conſolaçaõ na vida humana,
Que vendo noſſo amor poſto no ſeu
Viſſe neſta final praia Oceana
Que ſendo conhecido Limabeu,
De Limabeu naõ foſſe Limiana.

Chamarlhe deshumana naõ m' atrevo,
Antes louvala devo além de ſanta;
Que taõ mimoſa planta, taõ ditoſa
Tanto como fermoſa aſſi creſceſſe,

Que

Que no Ceo ſe colheſſe fructo della,
Naõ planta, mas eſtrella, cujos raios
Cauſaõ cem mil deſmaios na leitura
Dos verſos que eſcrevi na pedra dura.

Epitafio de Limabeu, e Limiana.

EU vi do Ceo na terra a fermoſura
No veſtido d'hum pobre peregrino
Da terra para o Ceo voar ſegura,
Foſſe ventura minha, ou ſeu deſtino:
Por minha maõ lhe dei a ſepultura,
Pela ſua a levou amor Divino:
De Lima naturaes na Lapa Oceana
Se enterrou Limabeu com Limiana.

ELEGIA I.

A huma ingratidaõ.

SEcou-ſe para mim agoa no rio,
Secou-ſe para mim herva no prado,
Secou-ſe a folha no boſque ſombrio.
Quantas lagrimas tenho derramado
Naõ poderaõ tolher eſta ſeccura,
Que ſem cauſa me tem taõ laſtimado.
Que mal faz a ninguem haver verdura
No campo, valle, ou boſque, ou na ribeira
Regada da Divina fermoſura?
Naõ ſei quem naõ deſeje, naõ ſe queira
Aven-

Aventurar no mal, que ſe imagina,
Por amizade d'alma verdadeira.
Pouco póde empecer lingua malina;
Pouco póde morder o dente agudo
Do máo, que com tal bem taõ mal atina.
Hum Deos que tudo vê, que ſabe tudo,
Me ſeja teſtimunha da verdade,
Que naõ quero outro amparo, ou outro
(eſcudo.
Movido ſó da ſua caridade
Amei, amo, amarei quem mo merece:
Baſta que delle tenho liberdade.
Se buſco,ou ſe pertendo outro intereſſe,
No mal ſe póde ver, que me tem feito,
Quaõ pouco me perturba, e me entriſtece.
Raſguem-me pelo meio eſte meu peito,
Tirem-me o coraçaõ, vejaõ-no fóra,
Que bem fóra o veraõ deſte defeito.
Veraõ, que naõ ſuſpira, geme, e chora
Pelo muito que doem dôres tamanhas;
Mas porque nellas ſó padece agora.
Mandarem-me viver antre montanhas?
Que couſa para mim mais natural,
Que deſcobrirlhe magoas taõ eſtranhas?
Eu meſmo fui a mim o desleal;
Eu de mim meſmo fui cruel imigo;
Eu meſmo fiz a mim tamanho mal.
Eu fui o que me fui para o perigo
De tanta ingratidaõ, tanta crueza;
Eu ſó o que ſó choro a mim comigo.
Neguei a minha propria natureza;
Perdi

Perdi a liberdade, em que vivia;
E nunca (por meu mal) perdi firmeza.
Naõ fora sem razaõ haver hum dia
De quantos esperei, em que cuidara,
Que tinha nos meus males companhia.
Pelo menos se quer naõ me faltara
Saber que da ribeira me convinha
Fugir; pois para mim já se seccara.
Queixara-me de mim na magoa minha,
Dera gritos em vaõ, em vaõ gemera,
Culpara-me na culpa, a quem naõ ti-
(nha.
E naõ me desvelara, naõ temera
Que podesse passar enfadamento
Quem dos meus me livrara, se quizera.
Ora pois de tamanho sentimento
A lastimosa culpa póde ser,
Que me naõ deixe livre o pensamento.
Aqui quero fugir, quanto puder,
De todas as humanas creaturas,
Esses cançados dias que viver.
Aqui conversar quero pedras duras,
Os brutos animaes, feras, serpentes,
Que naõ sabem mudar suas figuras.
Naõ quero ouvir palavras differentes
Do que dentro do peito do malino
Se determina obrar contra innocentes.
Bem sei que julgaráõ que he desatino
Fazer em toda a vida tal extremo,
Como na que me fica determino.
Mas já nesta que vivo me naõ temo
Que

Que me poſſa mudar outra mudança;
Tanto de cuidar neſta paſmo, e tremo.
Se mal fundei a minha confiança,
Se taõ mal empreguei amor taõ puro,
Porque naõ tomarei de mim vingança?
Quanto mais cruel for, quanto mais (duro
Contra mim, tanto mais ſerei mais brando;
Pois todo o mal em mim he mais ſeguro.
Aſſi me irei de todo acoſtumando
A ſer tamanho imigo do meu goſto,
Que me fique eſta magoa conſolando.
Dous rios correraõ pelo meu roſto,
Envoltos nos meus gritos, derramados
Noite, dia, manhãa, tarde, Sol poſto.
Os triſtes verſos meus dependurados
Nos troncos deixarei das verdes plantas,
Que das ſeccas aſſás eſtaõ queimados.
Nelles eſcreverei além de quantas
Couſas já padeci, quantas padeço,
Por julgarem taõ mal muitas taõ ſantas:
Com tudo, meu Senhor, eu naõ me eſ- (queço
Que rogaſtes na Cruz por gente ingrata;
Eu por ella tambem perdaõ vos peço.
Se vós, meu Deos, rogais por quem vos
Como naõ rogarei a vós, Senhor, (mata,
Que perdoeis a quem taõ mal me trata?
Bem claro vendo eſtou, quanto melhor
He ſer injuſtamente perſeguido,
Que poder ſer d'alguem perſeguidor.

A couſa de que mais eſtou ſentido
He ver que nos meus olhos faltou viſta,
Para ver de que côr era veſtido
Hum coraçaõ devoto do Baptiſta.

ELEGIA II.

Da Arrabida.

ALta Serra deſerta, donde vejo
As agoas do Oceano d'uma banda,
E doutra já ſalgadas as do Tejo:
Aquella ſaudade, que me manda
Lagrimas derramar em toda a parte,
Que fará neſta ſaudoſa, e branda?
Daqui mais ſaudoſo o Sol ſe parte;
Daqui muito mais claro, mais dourado,
Pelos montes, naſcendo, ſe reparte.
Aqui ſobe-lo mar dependurado
Hum penedo ſobre outro me ameaça
Das importunas ondas ſolapado.
Duvido poder ſer que ſe desfaça
Com agoa clara, e branda a pedra dura
Com quem aſſi ſe beija, aſſi ſe abraça.
Mas ouço queixar dentro a lapa eſcura,
Roidas as entranhas apparecem
Daquella rouca voz, que lá murmura.
Eis por cima da rocha aſpera decem
Os troncos meio ſeccos encurvados,
Eis ſobem os que nelles enverdecem.
Os olhos meus daili dependurados;

Pergunto ó mar, ás plantas, ós penedos
Como, quando, por quem foraõ creados?
Respondem-me em segredo mil segre-
Cujas primeiras letras vou cortando (dos,
Nos pés doutros mais verdes arvoredos.
Assi com cousas mudas conversando,
Com mais quietaçaõ dellas aprendo
Que outras que ha, ensinar querem fal-
(lando.
Se pelejo, se grito, se contendo
Com armas, com razaõ, com argumentos,
Ellas só com calar ficaõ vencendo.
Ferido de tamanhos sentimentos
Fico fóra de mim, fico corrido
De ver sobre que fiz meus fundamentos.
Alli me chamo cego, alli perdido,
Alli por tantos nomes me nomeio,
Quantos por culpas tenho merecido.
Alli gemo, e suspiro, alli pranteio;
Alli geme, e suspira, alli prantea
O monte, e vai de meus suspiros cheio.
Alli me faz pasmar, alli me enlea
Quanto colhendo estou da saudade,
Que por toda esta terra se semêa.
Ora me ponho a rir da vaidade,
Ora triste a chorar com quanto estudo
Erros solicitei da mocidade.
Tudo se muda em fim, muda-se tudo,
Tudo vejo mudar cada momento:
Eu de mal em pior tambem me mudo.
Soia levantar meu pensamento

Assen-

Aſſentado ſobre eſtas penedias
Duras, eu duro mais nellas me aſſento.
Punha-me a ver correr as agoas frias
Por cima de alvos ſeixos repartidas,
Que faziaõ tremer hervas ſombrias.
As flores, que levava já colhidas,
Paſſando pelos valles engeitava
Por outras doutra nova côr veſtidas.
O livre paſſarinho, que voava,
Cantando para o Ceo deixando a terra,
Da terra para o Ceo me encaminhava.
Cuidei que ſe eſqueceſſe neſta ſerra
A dura imiga minha natureza;
Mas donde quer que vou lá me faz guer-
Oh quem vira naquella fortaleza (ra.
Rodeada de fogo de amor puro,
Daquelle amor Divino eſt' alma acceza!
Quaõ firme, e quaõ quieto, e quaõ
No campo ſe pozera em deſafio! (ſeguro
E quaõ brando ſentira o ferro duro!
Mas ſe agora de mim me naõ confio,
Se fujo, ſe me eſcondo, ſe me temo,
He porque ſinto fraco o peito frio.
Alevantaõ-ſe os mares; paſmo, e tre-
Vejo vento contrario, desfaleço, (mo:
A corrente das maõs me leva o remo.
Confeſſo minha culpa, bem conheço
Que por mais graves males que padeça
Menos padecerei do que mereço.
Mandais, Senhor, que buſque, bata,
(e peça,

Eu bufco, bato, e peço a vós, Senhor,
Sem haver coufa em mim q̃ vos mereça.
Com os braços na Cruz, meu Redemptor,
Abertos me efperai, c'o lado aberto,
Manifeftos finaes do voffo amor.
Ah quem chegaffe hum dia de mais
(perto
A ver c'os olhos d'alma effa ferida,
Que effe, coraçaõ moftra defcoberto!
Effe, que por falvar gente perdida
De tanta piedade quiz ufar,
Que deu nas fuas maõs a propria vida.
A fangue nos quizeftes refgatar
De taõ cruel, e duro cativeiro,
Vendido foftes vós por nos comprar.
Padeceftes por nós, manfo Cordeiro,
Pizado, prezo, e nú antre ladroens,
Ardendo o fogo pofto no madeiro:
Arçaõ poftos no fogo os coraçoens.

ELEGIA III

Efpiritual.

SEnhor, fe minhas culpas me endurecẽ
Para me naõ valer do fentimento,
Que voffas cinco Chagas me merecem;
Donde porei, meu Deos, meu penfamẽto,
Se naõ em meditar que efta dureza
Se abrandará com feu merecimento.
Armou-fe contra Vós toda dureza,
Mali-

Malicia, ingratidaõ de gente cega;
Quebrantaraõ-ſe as leis da natureza.
  Eis hum que vos accuſa,outro que nega;
Outro diz: crucifica; crucifica:
Eis hum dos voſſos doze vos entrega.
  Eis hum, eis outro falſo teſtifica;
Eis á *columna* dura vos apegaõ,
Que tinta do innocente ſangue fica.
  Dalli, meu Redemptor, vos deſapegaõ,
Arraſtado vos levam para a Cruz,
D'eſpinhos coroado alli vos pregaõ.
  Eu fui, eu ſou, Senhor, o que vos puz
Neſſe duro madeiro pendurado,
Donde morreis por mim, doce JESUS.
  Por falta de naõ ter conſiderado,
Ou por falta de amor, que ſe vos deve,
Naõ choro, como devo, meu peccado.
  Ah duro peito! mais frio que neve!
Que antre diverſas dôres taõ eſtranhas
Lhe falta ſentimento em que ſe enleve!
  Que vês por ti raſgadas as entranhas,
As brandas maõs, e pés atraveſſados;
E que em lagrimas triſtes naõ te banhas!
  Naõ duvido, Senhor, que meus pecca-
(dos
Com gemer, e chorar, com pôr emenda
Diante de Vós ſejaõ perdoados.
  Quereis do peccador que ſe arrependa;
Quereis que ponha em Vós a confiança,
E que peça perdaõ por mais q̃ offenda.
  Que fora, ſe naõ fora eſta lembrança!
Ai

Ai que fora de mim, ſe naõ tivera
Taõ firme poſta em Vós minha eſperança!
Se ver-vos neſſa Cruz me falecera
Donde morrer quereis por quem vos ma-
Ai triſte de mim, triſte que fizera! (ta,
A puro ſangue voſſo ſe reſgata
A minha ſalvaçaõ; cuſta-vos cara,
E Vós offereceis-ma taõ barata!
Novo caſo de amor! quem penetrara
Quanto s' enferra em paſſo taõ eſtreito!
Fere-vos, meu Senhor, o que me ſara.
A mim que tantos erros tenho feito,
A mim taõ cego, duro, ſecco, e frio
Os braços eſtendeis, abris o peito?
Pouco faço, Senhor, ſe me confio
Nos extremos de amor, que me moſtrais;
Poſto que de Vós tanto me deſvio.
Que em fim Vós me dizeis que naõ cha-
(mais
Juſtos, mas miſeraveis peccadores;
Inda que outro nenhum poſſa ſer mais.
Eu confeſſo que ſou o mor dos mores:
Accuſo-me por tal, qual Vós ſabeis:
Alembraivos da dôr de voſſas dôres:
Voſſo ſou, meu Senhor, naõ me engeiteis.

ELE-

ELEGIA IV.

Na tribulaçaõ de huma peſſoa amiga.

QUero chorarme agora aqui cercado
De plantas, e penedos neſta Serra;
Pois naõ tenho de quem ſeja chorado.
Cruel me foi a minha propria terra,
Em que naſci; cruel, e deshumano
O ſangue meu, que nella me fez guerra.
Movido de taõ claro deſengano
Deſconfiado vim de nunca mais
Tornar a confiar em peito humano.
Mas o que me faltou nos naturaes
No peito que buſquei, ah verdes plantas!
Que tal ouvís contar, que naõ ſeccais!
O Senhor me quiz dar além de tantas
Graças n'uma alma ſó em terra alhea
Naſcida d'outras mais entranhas ſantas.
Por iſſo ſe eſta minha aqui prantêa
Com taõ eſtranha dôr, taõ ſoltos gritos,
He pela ver de tantas magoas chea.
Naõ me lembraõ meus males infinitos,
Diſgoſtos nenhuns já neſte meu peito
Trago, ſenaõ os ſeus agora eſcritos.
Oh Virgem, ſe naõ foi meu rogo aceito
A Vós para aliviar de tantas dôres,
Das lagrimas, que choro, havei reſpeito.
Se Vós ſervos fazeis dos peccadores,
Como naõ cuidarei que me fareis
Voſſo, poſto que ſeja o mór dos móres.

Vós

Vós ſois a que por mim offereoeis
A quem viſtes morrer por me dar vida
Quantos dos meus ſuſpiros comprendeis.
Já vo-la tenho, Virgem, offerecida;
Peço-vos que tenhais della lembrança;
Pois naõ póde de mim ſer eſquecida.
Em Vós tenho, Senhora, a confiança
Que tudo lhe dareis quanto deſeja;
Que quem em Vós confia tudo alcança.
Naõ he juſto, Senhora, que lhe ſeja
Menos firme, fiel, menos leal,
Por mais longe que della agora eſteja.
Que bem pouco aproveita, pouco val
Naõ poderem ver olhos o que querem
Para diminuir firmeza tal.
Façaõ, desfaçaõ tudo o que quizerem;
Que tolher ſe naõ podem ſaudades
D' amor, que por amor Divino ferem.
As juſtas bem fundadas amizades,
Que ſó Chriſto JESUS tomaõ por guia,
Naõ ſe desfazem, naõ, com novidades.
Mudanças de triſteza, ou d' alegria
De tempo, de lugar, longe, nem perto
Nunca mudaraõ ſer do que ſoía.
Quantas lagrimas cá neſte deſerto
Tenho por tua cauſa derramadas
Por te enſerrar naquelle peito aberto?
Naquelles pés, e maõs na Cruz pregadas,
Naquellas cinco Chagas do Senhor,
De quem tantas mercês tens alcançadas.

Que naõ pódes teus olhos nella pôr,
Que naõ fique tua alma conſolada,
Seja a tribulaçaõ quamanha for.
Em fim ſe viver queres deſcançada,
Da lança, cravos, Cruz, e da Coroa
D'eſpinhos ſempre vive treſpaſſada.
Outra couſa na vida te naõ doa;
Noutra naõ vás buſcar contentamento,
Confuſo donde quer qu' eſta naõ ſoa.
Naõ faças doutra couſa fundamento,
Naõ deixes paſſar nunca levemente
Outra nenhuma pelo penſamento.
Qualquer pequena dôr do mal preſente
Naõ vos deixa ſentir quamanho bem
He ſoffrer por Deos tudo alegremente.
Bem cegos ſaõ os olhos, que naõ vem
Quanto podem durar goſtos humanos
Com tantos quantos ſeus deſgoſtos tem.
Paſſaõ dias, e mezes, paſſaõ annos,
A vida com o tempo vai fugindo,
E nós dos ſeus, ou noſſos deſenganos.
Aſſi ſe nos vai tudo conſumindo;
Aſſi de mal em mal imos cavando
A negra terra, que nos vai cobrindo.
Quantas vezes me deixo ir ſuſpirando
Aqui por eſta Serra ſó comtigo,
E quantas tu comigo ſó chorando!
He muito pouco tudo quanto digo;
He muito mais do que podes cuidar,
Se ſabes eſtimar tamanho amigo.
Bem póde falecer agoa no mar,

Bem podem deixar pedras de ſer duras,
Mas tu naõ deixarás de me lembrar.
 As amizades d'alma ſaõ ſeguras:
No Ceo naõ póde haver ſe naõ pureza
De couſas muito claras, muito puras.
 A rocha, que de ſua natureza
Em todo o tempo eſtá firme, e ſegura,
Naõ me faz aventagem na firmeza.
 Naſcem algumas plantas na eſpeſſura
Do boſque, que por calma, nem por frio
Nunca perdem já mais ſua verdura.
 Naõ deixa de correr o claro rio
Por encontrar com duras penedias,
Antes nellas ſe faz mais corredio.
 O Senhor te dê tantas alegrias,
Quantas aqui lhe peço de contino:
Elle nos faça arder noites, e dias
No ſeu Divino amor, amor Divino.

E L E G I A V.

Da Ingratidaõ.

CLaras agoas naſcidas das entranhas
 De taõ duras, deſertas penedias
No meio de taõ aſperas montanhas:
 Se vós me ſegurais que eſtas ſombrias
Plantas naõ perderaõ ſua verdura,
Nem vós o curſo voſſo; oh agoas frias!
 Direi o galardaõ, que da brandura
Da minha condiçaõ tenho alcançado
De toda a viva humana creatura.

Tra-

Trazia o meu ſalteiro temperado
O' ſom do goſto alheo ; aqui cantava
Sem me lembrar de mim, nem ſer lem-
(brado.
Na ribeira, no valle, em que paſtava,
Rozas, *Lirios*, *Violas repartia*;
E com menos quinhaõ me contentava.
Sabe Deos quantas vezes as colhia
Em lagrimas banhadas, ſabe quanto
Sangue das carnes minhas as tingia.
Se no boſque ſoava o doce canto
Do livre paſſarinho, longe ou perto,
Soava muito mais meu triſte pranto.
Ajudavaõ-me os montes do deſerto
A chorar, e gemer o mal alheio :
Que faraõ quando o meu for deſcoberto?
D'um mal noutro maior a tanto veio
A fera ingratidaõ d'um noutro peito,
Que deixou eſte meu de magoas cheio.
Cheguei a verme em paſſo taõ eſtreito,
Que quaſi duvidei ſe conſentira
Em me pezar do bem que tinha feito.
Ah! quem naõ tivera olhos com q̃ vira
Tomar hum coraçaõ ingrato, e duro
Armas com que de novo ſe ferira!
Bem ſei que já naõ poſſo eſtar ſeguro
De me doer do mal que outrem padece;
Porque me obriga amor por amor puro.
Mas tanto creſce a dôr, tanto mais creſ-
A magoa de trocar minha eſperança; (ce
Que, ſe me naõ perturba, me entriſtece.
Quem

Quem taõ mal empregou a confiança
Naõ se espante da dôr, que assi lastima,
Antes de haver no mal tanta tardança.
Primeiro me queixei junto do Lima;
Agora muito mais junto do Tejo:
Pouco me aproveitou mudar o clima.
Naõ soube limitar o meu desejo;
Cuidei que quanto mais, tanto melhor;
Naõ vi que do bem mao faz o sobejo.
Nas hervas nasce folha, fructo, e flor,
Nas ovelhas a lãa, na palha o trigo,
No coraçaõ ferido nova dôr.
Naõ sei para que quero ser amigo;
Pois só pura amizade me faz guerra,
E nenhum outro mal póde comigo?
Fallo da que no meu peito se enserra,
De que em lugar de fructo colho espi-
(nhas:
Ah doudo, que mais tem que dar a terra!
Daquellas esperanças, que sostinhas,
Cuja magoa de novo inda panteas,
Que menos do que vês já visto tinhas?
Porque te cegas mais, porque te enleas?
Que esperas de colher das pedras duras,
Donde plantas amor, donde semeas?
Aquellas saudosas fermosuras,
Que fazem refinar alma em pureza,
Enxergaõ-se em mui poucas creaturas.
Naõ soffre amor divino que dureza
Dure no coraçaõ, donde se accende;
Que seu he mudar nossa natureza.

O que mais puramente amar pertende
Quanto mais ama ſó, tanto mais ama;
Que em fim o repartido menos rende.
O rio, que correndo ſe derrama,
Mais tarde chega ó mar, q̃ vai buſcando:
A planta ſobe mais com menos rama.
Ah quanto mal me faz hum ſer taõ
(brando!
Que com peitos humanos toda minha
Quietaçaõ eſtou deſpedaçando,
Sem proveito, ſem cura, nem mezinha.

ELEGIA VI.

Eſtando na Arrabida.

AGora que de todo deſpedido
Neſta Serra da Arrabida me vejo
De tudo, quanto mal tinha entendido:
Com mais quietaçaõ, livre deſejo,
Nella quero cavar a ſepultura,
Que naõ junto do Lima, nem do Tejo.
Aqui com mais ſuave compoſtura
Menos contradiçaõ, mais clara viſta
Verei o Creador na creatura.
As forças creſceraõ com que reſiſta
A dizervos humanos penſamentos,
Para que dos divinos ſó me viſta.
Naquelles mais fermoſos apozentos
Repouſo buſcarei acompanhado
Doutros mais ſaudoſos ſentimentos.

De

De plantas, de penedos rodeado,
Que naõ perdem verdura, nem firmeza
Por tempo em tempo mais deſtemperado.
Renovarei motivos de triſteza,
Para mais ſuſpirar, conſiderando
A ſujeiçaõ da fraca natureza.
D'um valle noutro valle vagueando,
Hum lugar buſcarei medonho, eſcuro,
Donde comigo ſó me eſtê queixando.
Quaõ triſte ficarei, e quaõ confuſo!
De ver aves, e feras deſculpadas
De culpas, que naõ ſei, como me accuſo!
Por meio dos rochedos ſemeadas
Verei dependurar ſilveſtres plantas
Verdes em pedras duras ſuſtentadas.
Quantas couſas verei, maiores quantas
De cuja creaçaõ, de cujo objecto
Reſultaõ confuſoens tantas, e tantas?
Se aqui naõ derreter neſte meu peito
A congelada neve, em que me esfrio,
Mal, a que já de longe eſtou ſugeito;
Em qualquer outra parte deſconfio
Da minha pertençaõ; pois qualquer leve
Couſa cortar me deve o fraco fio.
Que fructo colher póde neſta breve
Vida quem para a morte vai correndo
Sem nunca deſcançar que mais releve?
Se pelo largo mar olhos eſtendo;
Se neſtas penedias os penduro,
Ora ſubindo o Sol, ora deſcendo.
Certificado mais, muito mais puro

De

De todo ſe reſolve o penſamento,
Que quanto mais deſerto, mais ſeguro;
Diſcorrendo d'um noutro fundamento,
Huma vez me perturbo, outra m' indigno;
Outra com puras magoas arrebento.
Poderoſo Senhor, manſo, benino,
Quem póde penetrar mèrcês tamanhas,
Recebidas de Vós deſde minino!
Que campos, que ribeiras, q̃ montanhas
Paſtei, paſſei, ſubi, com voſſa ajuda
Por terras naturaes, e por eſtranhas!
Oh como ſe converte, rende, e muda
Aquella alma ditoſa que treſpaſſa
De amor celeſtial a ſetta aguda!
Quaõ leve, quaõ ligeira voa, e paſſa
Pelos laços ſutís da vida humana;
E como na divina ſe compaſſa!
Na doce perenal fonte, que mana
Do Ceo, toda banhada ſe recrea,
Segura de tocar noutra profana.
O que nos largos campos ſe paſſea,
Subindo neſta Serra ſe caminha
Atalhando o que nelles ſe rodea.
Oh Serra das eſtrellas taõ vizinha,
Quem nunca de ti, Serra, ſe apartára!
Ou quando ſe partira eſta alma minha
Da terra, neſta tua me enterrara?

ELE-

ELEGIA VII.

Ao fim da vida.

COmo Cifne, que canta na ribeira,
O repoùfo da vida feftejando,
Que fente naquella hora derradeira;
Eu que da minha já me vou cercando
Aqui quero cantar (fe cantar deve
Quem deve dentro d'alma andar cho-
(rando.)
Adonde vai parar a vida breve,
Convertida a velhice em mocidade,
Huma pezada tanto, outra taõ leve?
Com quanta confufaõ fe perfuade
A noffa depravada natureza
A feguir a mundana vaidade?
Oh quaõ cega fe deixa levar preza
D'um falfo gofto feu, d'um vaõ defejo!
Qual convertido em dôr, qual em trifteza:
Eu do Lima me vim paftar ó Tejo;
Depois detraz da Serra nas falgadas
Agoas que para mim taõ doces vejo:
Ajudaõ-me a chorar culpas paffadas;
Das que fe reprefentaõ me defendem
Nas lapas, que por tempo tem lavradas.
As fuas roucas ondas me reprendem
De naõ confiderar taes apozentos,
Quaes levar, e lavrar fempre pertendem.
Convida-me a criar remordimentos

A

A limpeza daquellas penedias,
Mais limpas do que ſaõ meus penſamen-
(tos.
Em quantas couſas, mais por tantas vias
Acho tantos motivos de afrontarme
Por ſer que todas mais de entranhas frias?
Póde quem tudo póde melhorarme,
Tanto no que pertendo, inda que indigno,
Que ſinta de amor ſeu todo abrazarme.
Suave, doce meu Amor Divino,
Aqui donde vim ter, como ſabeis,
Acabar ſuſpirando determino.
Suſpiro porque nunca me deixeis
Apartarme de Vós hum ſó momento,
Nem já mais Vós de mim vos aparteis.
Bem vos poſſo allegar merecimento
Da morte, e paixaõ voſſa, antes da minha,
Da minha redempçaõ, voſſo tormento.
Inda voſſa bondade me naõ tinha
Formado, Senhor meu, quando morreſtes
Por me ſalvar na Cruz, que vos ſoſtinha.
Alli, manſo Cordeiro, offereceſtes
Nas maõs dos crueis lobos voſſa vida,
Que tirada, tirarlha naõ quizeſtes.
Abriraõ-vos no peito huma ferida;
Quatro nos pés, e maõs, depois que eſtava
Voſſa carne de açoutes já delida.
A piedade entaõ donde morava
Aquella, que quebrou as pedras duras,
Que coraçoens humanos naõ quebrava?
Eis o Sol perde a luz, fica ás eſcuras:
Rom-

Rompe-ſe o véo do Templo; a terra tre-
(me;
Os mortos vivos ſaem das ſepulturas.
Quem naõ chora, Deos meu, ſuſpira,
(e geme!
O' quem de pura dôr naõ arrebenta!
Quem toma mais na maõ remo, nem leme!
Que me colha no mar huma tormenta,
Ficando a ſalvaçaõ poſta em perigo,
Podendo lograr pobre vida iſenta?
Desn' hoje mais parente, nem amigo
Me buſque, nem me falle, nem me veja;
Tanto me dá moderno como antigo:
Tudo me cança já, tudo me peja,
E pouco baſta já para ſoſter
O pouco que da vida me ſobeja.
A praia tem mariſco que comer
Ameijoas, bribigoens na branca arêa,
Que facilmente poſſo revolver.
A pedra que dos mares ſe rodea,
Chea de lapas pardas apparece,
De negros mixilhoens inda mais chea.
A vermelha ſantola naõ falece,
Outro com ſeu pé curto revirado,
Seu naõ, antes de cabra me parece.
E quando ſe moſtrar muito alterado
O mar, que ſeu mariſco me defenda,
O boſque eſtá daqui pouco afaſtado.
Quer ſuba a planta nelle, quer ſe eſtẽda,
Eſcolherei no ramo o mais maduro
Fructo ſem dãno alheo, e ſem contenda.
E ſe

E ſe caçar quizer eu pelo eſcuro
(Deixo na arribaçaõ dos paſſarinhos)
A pouco na pobreza me aventuro.
Que bem ſei enlaçar pelos caminhos
Huns animaes que trazem na cabeça
Dois ramos cada qual cheios de eſpinhos.
E ſe na larga praia, ou mata eſpeſſa
O premio falecer do meu trabalho;
Naõ temo que de cima me faleça.
Naõ me poſſo perder por eſte atalho;
Poſto que tarde vou, que naõ perderaõ
Por tarde os deſta vinha, em que tra-
(balho,
Na qual os derradeiros precederaõ.

ELEGIA VIII.

Da auſencia juſta conjugal.

SE neſte apartamento me faltara
Hum deſejo enganado de eſperança,
A vida conſumida me deixara.
Quanto laſtima mais, quanto mais cança
Cuidar que faço offenſa a amor taõ puro,
Que naõ póde ſoffrer deſconfiança?
Inda que me naõ póde dar ſeguro
A cezo em peitos noſſos differentes,
Que ſempre o da mulher he menos duro.
Veja-ſe nos extremos dos abſentes
Quem póde reſiſtir a ſaudades,
Quem lagrimas ſeccar, triſtes correntes?
Em

Em tantas, e taõ feras tempeſtades,
Quem póde aſſocegar, para que conte
Adverſas, e diverſas novidades.
Triſtes dos olhos triſtes, que defronte
Vem branquejar d'alem huma ſó parte,
Eſcurecer d'aquem o raio ao monte!
Que licença me dá, para que aparte
A viſta, brando amor, donde m' enſerra,
Se em parte outra nenhuma ſe reparte?
Deixem-me caminhar a breve terra,
Que naõ podem tolher o penſamento;
Veraõ quaõ pouco temo Ingleza guerra.
Formara horrivel ſom fero inſtrumen-
Reluzira de perto o ferro imigo, (to,
Faltara-me da abſencia o ſentimento.
Se para me livrar de mór perigo
Se foi, e me deixou, naõ o deixando;
Errou naõ me levar antes comſigo.
Que mal ſe fica a vida ſegurando,
Quando de dôr ſe vai mais conſumindo,
Sempre n'uma ſó couſa imaginando?
Podera divertirme vendo, e ouvindo
Do mal que eſtá por vir, naõ do pre-
(ſente,
Que ſem ver nem ouvir me eſtá ferindo.
Se me concede amor taõ juſtamente
Naõ ter meu coraçaõ do ſeu divizo,
Porque lhe naõ defende eſtar abſente?
Naõ ſei para que mais contemporizo,
Temendo que diraõ quando me for:
A triſte por amor perdeu o ſizo.

Fica-

Ficarei por ventura entaõ pior,
Ficando do meu mal remediada
Pondo por obra as leis do juſto amor.
Que poſſa ſer de neſcios mal julgada,
Quero: que de prudentes reprendida
Naõ me ſerá melhor que ſepultada?
O que me dilatou eſta partida,
Naõ ſoffre dilaçaõ já neſte eſtado;
Que ſe vai eſgotando a triſte vida.
Quem fez amor igual mais libertado
Ah triſte! que naõ ſei quanto he igual;
Pois niſto o ſinto em fim deſigualado!
Que preſta, de que ſerve, que me val
No noſſo apartamento hum pinhor certo?
Por certo que inda foi para mór mal.
Que viva na cidade, ou no deſerto,
Quando lhe dei a minha maõ direita,
Naõ ſe apontou tal couſa no concerto.
Queres-me conſolar, pouco aproveita,
Uſando de palavras de brandura?
Pois a viſta naõ fica ſatisfeita.
Naõ ſei qual outra mór deſaventura
Poſſa criar em mim maior triſteza,
Que ſer firme ſem ſer de pedra dura.
Ah quem trocar pudera a natureza!
Imitando da planta a folha leve,
E da rocha mais dura mór dureza.
Que firme, e brando peito naõ ſe atreve
A poder reſiſtir a mal tamanho,
Quamanho delle a abſencia mo deſcreve.
As lagrimas de amor, em q̃ me banho,
Teſti-

Teſtimunhas me ſejaõ do que ſinto ;
Pois por obedecer naõ acompanho.
  Neſta tamanha magoa ás vezes pinto
Cruel o meu amor, ah quem pudera,
Sonhar eſte ſó bem, que naõ conſinto!
  Por ventura que aſſi me defendera:
Foſſe por breve eſpaço neſte peito,
Onde o fogo repouſa em branda cera.
  Que mal meu juſto amor te tenho feito,
Que me negas a viſta doce, e branda
Minha, e tanto minha por direito?
  Naõ vês que ſe quizer fazer demanda,
Manifeſta juſtiça me ſobeja?
Naõ vês que a Lei de Dèos aſſim o mãda?
  Manda que adonde eſtás tambem eſteja,
Tu que eſtejas adonde eſtar me mandas:
Agora ordena tu como iſto ſeja:
  Naõ queiras que antre nós haja de-
(mandas.

VILANCETE.

Que deſculpa póde dar
Amor a quem
Paſſando deixou áquem?

QUe podéra ſucceder
Por mais mal que ſuccedera,
Que menos mal naõ ſoffrera
Do mal que poſſa ſoffrer?
Que tem mais que bem querer

Quem

Quem quer bem
Sem dar deſculpa a ninguem?
Eu naõ ſei que Amor me mand
Se manda que naõ te ſiga,
Menos ſeja quem te obriga;
Pois me deixas deſta banda:
A mim ſó amor abranda,
Naõ a quem
Se foi, e deixou-me á quem.

ELEGIA IX.

A' morte de ſeu irmaõ Diogo Bernardes.

CLaras agoas do noſſo doce Lima,
Seccou no Tejo já voſſa corrente,
Onde me ſécca a dôr, que me laſtima.
Lembranças de vos ver ſuavemente
Correr ó ſom da voz, que em vós ſoava,
Naõ me deixaráõ já viver contente.
Lembra-me a tenra idade que paſſava,
Logrando-me daquella companhia,
A quem tanta brandura acompanhava.
Lembra-me quantas vezes ſuccedia
Das plantas, e das fontes convidados
Aceitar ſombras freſcas, agoa fria.
Outros mil penſamentos renovados
A magoa me offerece, imaginando
Que nunca haõ-de tornar tempos paſſa-
(dos.
Fique-ſe o mundo já deſenganado,
Que

Que naõ ſe abranda a morte com bran-
(dura ;
Pois a naõ abrandou teu peito brando.
Que mór conſolaçaõ, que mór ventura
(Antes quanto favor de Deos alcança)
Quem dá na vida á vida ſepultura!
Ah claro, e charo Irmaõ! q̃ confiança
Me fica neſte paſſo, ſaber certo
Que tinhas lá no Ceo tua eſperança!
Sabias que da morte andavas perto:
Perto tambem de Deos a deſejavas,
Como dantes me tinhas deſcoberto.
Que nem ſempre do Lima praticavas,
Nem ſempre cá do Tejo ſó comigo,
Nem tudo era Poezia o que tratavas.
Eras além de irmaõ mais meu amigo
Por me veres do mundo deſpedido,
Cujos males chorar vinhas comigo.
Tinhas chorado aſſás, tinhas gemido
O tempo vaõ da verde mocidade,
Na velhice madura conhecido.
Naõ ſe deixa ſentir a vaidade
No principio da vida grangeada,
Quando contra razaõ reina vontade.
D'um goſto n'outro falſo encaminhada,
Naõ ſoffre mais ouvir, do que deſeja,
Nem ſabe deſejar couſa acertada.
He neceſſario pois que ſe proveja
D'alheo parecer na cauſa ſua;
Porque na ſua o ſeu ſempre manqueja.
Mas porque mais naõ note, nem argua
Os

Os defeitos communs da natureza,
Dos meus quero tratar na morte tua.
Eu cuidava baſtar a fortaleza
Da ſolitaria Serra, em que eu habito,
Para fortalecer minha fraqueza.
Mas nella ſe abalou mais meu eſprito,
Que chorando naõ fica conſolado
Nas lagrimas de amor, em que ſe banha.

ELEGIA X.

Ao meſmo.

JUnto das bravas agoas Oceanas
Choro quanto cantei na mocidade
O' ſom daquellas manſas Limianas:
Daquellas, que já foraõ noutra idade
Com nome de Letheas celebradas
Por lhes faltar do curſo a liberdade.
Que eſtando tanto tempo reprezadas,
O tempo lhes deu nome d'eſquecidas,
Até lho dar Bernardes de lembradas.
Moſtraivos, claras agoas, taõ ſentidas,
Quanto vos deu Bernardes de brandura:
Vejaõ-vos de correr ficar corridas.
Deixai ſeccar nos campos a verdura,
Como já nos do Tejo ſe ſeccou,
Por darem a Bernardes ſepultura.
Moſtrai mais do que nelles ſe moſtrou;
Pois o ſer natural mais vos obriga,
Além de quanto mais vos obrigou.

Cuidai que naõ ſe achou memoria an-
Que tanto voſſo nome celebraſſe, (tiga,
Quanto naõ faltará quem melhor diga.
Ainda que ſe agora naõ deixaſſe
De lhe dar o louvor que ſe lhe deve,
Naõ faltaria quem me deſculpaſſe.
Mas quem taõ differente do que teve
A viſta dos ſeus olhos, deſencolhe,
Quanto mais quer louvar, menos ſe atreve.
Que de humanos louvores naõ ſe colhe
Outro fructo, ſenaõ remordimento
De quem ſemea, e mais de quem recolhe.
Podera-me abalar o ſentimento
Da fraca humanidade n'outra terra,
Naõ neſta, em qué ſó pobre vivo izento.
Mettido n'uma lapa deſta Serra,
Que tenho que eſperar ou que temer
Nos ſucceſſos da paz, ou nos dn guerra?
A morte já naõ tem que me empecer,
A vida pouco já deve durar,
A conta naõ me fica por fazer.
Poderaõ-ſe os Gentios quietar,
Sem goſto da Chriſtãa Filoſofia,
Com goſtos deſta vida deſprezar:
Quanto mais o que delles ſe deſvia,
Eſcolhendo o melhor, e mais ſeguro,
Por outra mais ſuave, e doce via?
Onde ſe faz mais claro o mais eſcuro,
Onde muito mais leve o mais pezado,
Onde muito mais brando o que mais duro.
Onde ſe o pé deſcalſo he magoado,

Se

Se cura com lembrar que ſeu Senhor
O foi nos pés, e maõs, cabeça, e lado.
A tanto ſe eſtendeu o Redemptor,
Que pelo meu trocou ſeu amor, ſendo
O ſeu de Deos, o meu de peccador.
Daqui naõ ſei paſſar, aqui ſuſpendo,
Quanto poſſo alcançar, quanto ſentir;
Pois que me vejo amar de quem offendo.
Donde poſſo acabar de concluir,
Que quando naõ puder chegar amando,
Suprirei com deſejos de ſervir.
Póde ſer que ſe abrande, deſejando,
Tanto no peito meu minha dureza,
Que de duro ſe venha a fazer brando.
Para que ſinta eſta alma em fogo ac-
(ceza
Tanto quanto mais nelle arder deſeja,
Sem mais contradiçaõ da natureza,
Da que Divino amor quizer que ſeja.

EPIGRAMMA.

A' morte de hum moço.

ALma já taõ ditoſa entre as ditoſas,
Em paz goza de quem lá te levou,
Livre das mortaes ondas furioſas,
Que poſto que eſta minha ſuſpirou
Por ti com muitas outras, ſaudoſas,
Naõ ſe eſquece de dar a Deos louvores,
Por naõ fiar do vento as brandas flores.

Outro ao meſmo.

TAmanha foi a dôr, a magoa minha,
Que me queixei do Ceo;porq̃ levava
O ſeu, que para ſi na terra tinha:
Havelo de levar naõ duvidava;
Mas ſoffre mal amor ſer taõ azinha:
Levar o Ceo o ſeu naõ foi crueza,
Mas que farei ás leis da natureza?

O D A I.

A's mudanças do tempo.

LArgos campos do Tejo,
A cuja viſta creſcem
Triſtes queixumes de crueis lembranças:
As flores que em vós vejo
Alegres me entriſtecem,
Por ver que ſaõ ſugeitas a mudanças
As minhas eſperanças,
Que tinha por ſeguras,
Já naõ tornaraõ mais;
Que como vos ſeccais
Aſſi me deixaõ ellas ás eſcuras.
Ah leves fundamentos!
Flores que ſeccas levaõ leves ventos!
O mal que naõ ſe eſpera
Traz outro mór comſigo,
Que naõ póde ſer bem remediado.

Co-

Conheço que devera
De imaginar comigo
Que ſécca agoa na fonte, herva no prado;
Mas inda neſte eſtado
Todas as magoas minhas
Me naõ deixaõ morrer:
Naõ vemos nós naſcer
Roſas muito fermoſas nas eſpinhas!
Aſſi na mór crueza
Se apura muito mais toda firmeza.
Se taõ ſuavemente
O paſſarinho canta,
Movido ſó da ſua ſaudade;
Que fará quem ſe ſente
Magoado de tanta
Miſturada com faltas de amizade?
Mudanças da vontade,
Que pena mereceis
Por ſereis argumento
D'um novo ſentimento
Maior qme quantos males me fazeis?
Triſte de quem ſe engana
Com folha, q̃ o Sol ſecca, o vento abana!
Se no valle, ou na ſerra,
Povoado, ou deſerto
Minha alma ſem o bem d'outra deſeja
Algum goſto na terra,
Quer ſeja longe, ou perto,
Sem quantas cabras tenho inda me veja;
Por mais verde que ſeja,
Se ſeque a verde planta,

O

O Sol me ſeja frio,
Naõ ache agoa no rio;
Se quero mais que ver huma alma ſanta,
Buſcando de contino
Com taõ puro deſejo amor Divino.
Confio ſó naquellas
Chagas, que padeceu
Por todos meu Senhor liberalmente,
Que por cima de eſtrellas
No Empiréo Ceo
Viveremos com elle eternamente.
Meu Deos Omnipotente,
Vós ſó por noſſa guia,
Sem viva creatura,
Na voſſa fermoſura
Abrazai duas almas noite, e dia;
Por vós arçaõ, Deos noſſo,
Arçaõ no puro fogo d' amor voſſo.
Naõ julgue mal ninguem,
Naõ ſerá condemnada
A tençaõ, com que julga o que naõ deve;
Veja primeiro bem,
Se tem tençaõ damnada
Aquelle que julgar outrem ſe atreve.
Faz o juizo leve
Da verdade mentira;
Faz muitas differenças,
Torcer muitas ſentenças;
Faz amolar o ferro, faz que fira.
Ditoſo quem padece
Alegremente, quanto ſe offerece!

ODA

O D A II.

A D. Diogo Lopes de Lima.

SEnhor, ſe me eſquecera
Da minha natureza,
A quem nunca ſe nega o que ſe deve,
Ainda que correra
Com ſua agoa mais teza
O Lima, que de ſeu taõ branda a teve;
Naõ paſſara taõ leve
Por elle o penſamento,
Que naõ fora forçado,
Sentindo-me obrigado
A pagar o devido ſentimento
A' minha ſaudade;
Pois para amar naõ falta liberdade.
Daqui d'antre eſtes montes
Taõ pobres de verdura,
Como nunca vos vejo, de alegria,
Dos novos Orizontes
Antiga fermoſura
Ora me inflama todo, ora me esfria:
Naõ ha noite, nem dia
Na vida, que tornaſſe;
Inda que deſviado
Do curſo acoſtumado
O carro de ſeu pai já governaſſe
Faeton, deſejoſo
De fazer ſeu imigo mentiroſo.

Naõ

Naõ ſei para que cança
Quem ſempre mais deſeja,
Se naõ morre de fome, nem de frio?
De que ſerve a privança
Por mais alta que ſeja,
Se nunca com os meus olhos me rio?
Por força corto o fio,
Porque outrem me naõ corte
Do meu proprio goſto,
Todos me daõ de roſto,
Té que vem a quebrar pelo mais forte:
Entaõ me deſengano,
Que baſta pouco paõ, e pouco panno.
He muito differente
Do que ó longe apparece
O verde boſque viſto de mais perto!
Nem para toda a gente
Mais fermoſo apparece
O dia pelos valles do deſerto!
Quantas vezes deſperto
Gritando o noſſo Lima;
Porque ſe naõ conſuma
No mar como coſtuma
Pois livre correr póde para cima?
Quem vos viſſe apartadas,
Doces agoas do Lima, das ſalgadas!

O D A III.

A Franciſco Barreto de Lima.

O Tempo que fugindo
Com tamanhas mudanças
Deſengana quem nelle ſe confia
Abatendo, e ſubindo
Diverſas eſperanças,
Me faz, Lima, cuidar o que faria
Se faltaſſe agoa fria,
Se me eſcuſaſſe a tua,
Por mais clara que ſeja!
Quem me tolhe que veja
Claro de dia o Sol, de noite a Lua,
Buſcando a fermoſura
De quem fez taõ fermoſa a creatura?
Confias na corrente
Com que te vás ó mar,
Lima, meu doce Lima, onde feneces?
Olha quam brevemente
Salgadas vás tomar
As doces agoas nelle, com que deces!
Se do tempo te eſqueces,
Em que te faltou agoa
Para livre correr;
He muito de temer
Que chores outra magoa,
E por ventura quando
Naõ tenhas quem comtigo eſtê chorando.

Poſto

Pofto que por ribeiras
De verdes arvoredos
Por cima d'alvos feixos vás correndo,
As arêas primeiras,
Que por antre penedos
D'huns noutros murmurando vás volvẽdo,
Em montes vaõ crefcendo,
As hervas afogando,
Que naõ deixaõ dar fruito:
A mim cufta-me muito
Andar defareando,
Vendo por culpa alhea
Os triftes olhos meus cheios de area.
Por mais claro que faias
Da tua fonte clara,
Lima, tambem de limo vás coberto:
O campo donde efpraias,
Seu fruito naõ negara,
Se de todo ficara defcoberto
Rufticos lavradores
Colhem o que Deos cria;
Eu naõ duvidaria
Que fruito deffem flores
Orvalhadas de cima;
Pois quanto a terra dá no Ceo fe lima.
Aquelle que defeja
O que por fi naõ póde,
Aquillo ha de bufcar com que fe alcança.
Naõ póde fer que feja
O que mais tarde acode,
Pelo menos fem culpa de tardança.
Quem

Quem ſobre outrem deſcança
Mil vezes ſe arrepende :
Outras tantas ſe queixa
Que em maõs alheas deixa
Aquillo , que alcançar tanto pertende.
Erra quem ſe grangea ,
Devendo ſer a ſua á cuſta alhea.
Que me preſta que faça
Por mim , por almas ſantas ,
Ainda muito mais do que me pedes ?
Póde ſer maior graça ,
Que chorar quando cantas ?
E que para ti peça o que m' impedes ?
Alembre-te que médes ,
E que has de ſer medida ;
Regiſta com a vida
O que tenho pedido ,
Verás que ſe dilata
A petiçaõ , que pedes taõ barata.
Orou o Sacerdote
No templo do Senhor
Por Anna reprendida , e mal julgada ;
Orou ella de ſorte ,
E com tanto fervor ,
Que ſua petiçaõ foi outorgada :
Oraçaõ ajudada
De quem n'ade lograr
He muito mais aceita.
Quem a dormir ſe deita
Que eſpera d'alcançar ?
Alma , que eſtá diſpoſta ,

As merces do Senhor tem por respoſta.
A força do deſejo,
Que naõ ſoffre razaõ,
Sepultada no goſto a que ſe entrega,
Ordena mal ſobejo,
Que dôr de coraçaõ
E naõ poder valer a quem deſejo.
A vaidade pega,
A malicia creſce,
Adulaçaõ governa,
Gloria, e pena eterna
Na vida ſe merece.
Dũas almas n'um Lima!
Biſogna queſta mia ſalvar prima.
Vai confiado, vai donde te mando,
Duro papel, ou brando;
Que no fogo de amor tudo ſe apura,
E noutro muito pouco ſe aventura.

O D A IV.

Da condiçaõ da vida humana.

VErdes boſques da Serra
Por antre penedias
Por maõs da natureza repartidos:
Que me fica na terra
No fim já de meus dias
Triſtes taõ neſciamente conſumidos,
Se naõ dobrar gemidos
Envoltos na lembrança

De

De tamanha cegueira ;
Pois que na flor primeira
Trabalhei por cortar minha eſperança ?
Ah quem ſe conſumira
Deſta magoa primeiro que cahira!
Por mais que ſe combata
Com furioſos ventos ,
O mar fóra naõ ſahe do limitado ;
A creatura ingrata
Com leves movimentos
Se deſmanda do que lhe eſtá mandado !
Oh deſventurado
Triſte modo de vida !
Imiga liberdade !
D' amor ſuavidade ,
Que meus peccados deixaõ deſtruida !
O mar guarda a lei ſua ;
Mas eu,Senhor,naõ guardo a minha,e tua.
Os montes levantados ,
Os valles abatidos
No ſeu lugar antigo permanecem ;
Em parte avantejados ;
Pois que naõ compungidos
Do ſentimento d'alma que carecem :
E com tudo obedecem
Com nunca ſe mover ,
Movendo-me á triſteza :
Diverſa natureza
Da ſua , a que naõ turba obedecer !
Livres montes , e valles
De ſentir , e gemer , de chorar males.

Nas

Nas feras, e nas aves,
Posto que sensitivas,
Alheas de sentir perda tamanha,
Acho cousas taõ graves,
Taõ desconsolativas,
Que a mesma confuzaõ me desentranha
Tanto, que na montanha
Por tudo quanto vejo
Me desejo trocar,
Por ver melhor guardar
A lei que contradiz o meu desejo;
Criado nestas feras
Entranhas d'aves mais, mais que de feras
Inda nas pedras duras,
Na sorte differentes
Da minha, muito mais dest'alma imiga,
Naõ se criaõ branduras
Passadas, e presentes,
Onde por hum descuido se periga:
A sua lei antiga
Guardando firmemente
Sem mais contradiçaõ
Da sua condiçaõ
Desta minha me fazem descontente,
Que sendo no bem dura,
No mal só por meu mal cria brandura.
Ai triste que desculpa!
Ou qual fingida escusa
Darei da vida minha mal gastada!
Eis o mar que me culpa;
A terra, que me accusa,

Mos-

Moſtrando merecer pena dobrada;
Toda couſa criada
Me afronta, e me reprende
Com juſtiça ſobeja.
Toda me faz inveja,
E toda finalmente me ſuſpende
Vendo-me, e nella vendo
Que louva o Creador, a quem offendo.
Oh quanto mais ſe aggrava
Aqui neſte deſerto
A triſte confuzaõ da culpa minha!
Pois quando imaginava
Tamanho deſconcerto
Poder remediar, quamanho tinha;
Deſte lugar me vinha
Huma doce lembrança,
Que me dava ſeguro
Deſte meu peito duro,
Que como dantes inda aqui me cança.
Que lugar, ou que parte
Acharei, que de mim meſmo me aparte!
Que preſta, que aproveita
Fazer-ſe mil mudanças
No trajo, na feiçaõ, e no pacigo?
Que faz quem tudo engeita,
Quem perde as eſperanças
Do mundo, ſe ſe perde aſſi comſigo?
Se acabara comigo
Fazer apartamento
De mim, como fizera
Se mais força puzera

Na

Na defcompoziçaõ do penfamento
Quamanho bem lograra ?
Em quantos graos d' amor me levantara ?
Mas pois que tal me finto,
Que naõ finto refguardo
Em mim para efcapar do que mereço :
Que fe prometto, minto ;
E fe naõ minto, tardo ;
E tardando, de todo desfaleço :
A Vós, meu Senhor, peço
Graça, favor, ajuda,
No que tanto me vai ;
Pois a folha, que cahe
No chaõ, da verde planta naõ fe muda
Sem voffa permiffaõ ;
Quanto mais hum pezado coraçaõ ?
Como pai piedofo
Em tudo liberal,
Facil em perdoar, manfo, benigno,
De mim taõ viciofo,
Fero bruto animal,
De cada vez mais fero, e mais maligno,
De toda pena dino,
Vos mova á piedade
O muito que foffreftes
Veftido defta noffa humanidade,
Pregado n'um madeiro,
Antre lobos crueis manfo Cordeiro.

EPITAFIO.

A huma fermoſa n'alma, e no corpo.

AQui debaixo deſta pedra dura
Hum corpo ſe converte em terra fria
Da mais ſuave, e branda creatura
De quantas me moſtrou a luz do dia:
Bem claro ſe vio nelle a fermoſura
D'alma, que para o Ceo ſempre ſubia,
Sem nunca na tormenta, ou na bonança
Faltar á paciencia, ou temperança.

CARTA I.

Em repoſta á de ſeu irmaõ Diogo Bernardes.

SE tanto penetrou toda a dureza
O ſom do teu ſuave, e doce canto,
Que fará n'uma branda natureza?
Culpas o meu amor, e dizes quanto
Me tinhas; muito foi; naõ ſei ſe diga,
Que tenho agora mais ſempre outro tanto.
A Lei do Redemptor naõ deſobriga,
A quem a profeſſou, ſer obrigado
Daquillo, que a razaõ humana obriga.
Se quiz que noſſo imigo foſſe amado,
Como naõ quererá que noſſo amigo
Seja no meſmo amor avantejado?
Naõ ſinto que paſſaſſe mór perigo
Para

Para carecer desta liberdade,
Que desejar viver só lá comtigo:
Tamanha força tinha a saudade
De leve mininice bem gastada
Apôs da tua grave mocidade.
Entaõ só foi de mim mais estimada
Sobre todas as mais esta esperança,
Quanto d'altos espritos cubiçada.
Trazia-a pendurada da lembrança,
Que na vista dos bosques naõ parava:
Oh gosto d'outra firme confiança!
Assi tinhas de teu, o que buscava
N'outros que se moveraõ de interesse,
Cuja nodoa na vida mal se lava.
Ah claro, e charo irmaõ, quem te (cá désse
Com essa tua voz antre esta Serra,
Que taõ altos conceitos naõ perdesse!
Ora suave paz, outr' ora guerra
Cruel, mas necessaria, contarias
A quem divino amor busca na terra.
No pasto da tua alma sentirias
Doçuras de tamanhas novidades,
Que tu mesmo de ti te esquecerias.
Nascem no sentimento estas verdades:
Mal as póde dizer quem as naõ sente,
E pior quem sentir taes saudades.
Das plantas, que regou tua corrente,
Outro fructo naõ tens, outro naõ colhes,
Senaõ queixarte em vaõ da esteril gente.
Acolhe-te a quem sempre te recolhes,
Naõ

Naõ faças d'outra couſa fundamento :
Mais boninas do campo naõ desfolhes.
  Guardar a Lei de Deos he mantimento;
O ter menos do mundo, mais ſeguro ;
O ſuſpirar por Deos , contentamento.
  Naõ temas que te falte no futuro
A provizaõ daquelle , que manteve
Com paõ Celeſtial povo taõ duro.
  Muito mais tem de ſeu , quem tanto
  (teve ,
De quem lhe deu fugir dos que confiaõ
Naquillo de que mais fugir ſe deve.
  Os Lirios do campo , que naõ fiaõ ,
Veſtidos de tamanha fermoſura
Vejamos com os olhos que naõ viaõ.
  Do que naõ ſemeou na terra dura
O paſſarinho colhe com licença
Do Creador de toda a creatura.
  Tardar quero que julgues por offenſa
E naõ (ſem to dizer) pôr em effeito
Teu proprio parecer tua ſentença.
  Que guardados trazia no meu peito
Muitos conſelhos ſaõs , que tu me deſte ,
Para no torto andar ſempre direito.
  Lembraõ-me aquelles verſos , q̃ eſcre-
Naquella Egloga antiga ſaudoſa , (veſte
Onde tanto a pobreza enriqueceſte.
  Pois olha agora quanto mais ditoſa
Hum' alma por ſeu Deos pobre ſeria ;
E quanto nos ſeus olhos mais fermoſa !
  Neſta noſſa Chriſtãa Filoſofia

O Senhor, que de graça nos ſuſtenta,
Diante foi de nós por noſſa guia.
Quem apôs elle vai na mór tormenta;
Maior quietaçaõ, forças maiores
Para mais o ſeguir mais accreſcenta.
Verdes plantas ſombrias, alvas flores,
Agoas, que manſamente is murmurando,
Fermoſos Orizontes, novas côres;
Amor, que por amores ſuſpirando
Naõ podes repouzar ſe naõ ardendo,
Amor, Divino amor, meu Amor, quando
Em ti, por ti, comtigo irei ſuſtendo
Nos hombros da minh'alma minha cruz,
O Lima no Lethêo convertendo,
Chamarei por MARIA, e por JESUS.

CARTA II.

A Dona Branca.

COmo queres que negue a teu eſprito,
Branca, ſerva da branca Virgem
(pura,
Moſtrar o que me pedes por eſcrito?
Naõ ſei eu por qual outra creatura
Os triſtes verſos meus deſenterrara
Debaixo de taõ alta ſepultura.
Mas pois de branca queres fazer clara,
Aquella luz Divina te eſclareça,
Que nunca a bons deſejos deſampara.
Naõ imagines couſa que te deça

Do

Do caminho do Ceo breve, e ſeguro,
Por mais que trabalhoſo te pareça.
  Com penas immortaes do Reino eſcuro
Naõ te quero eſpantar; pois ſeguir queres
A Cruz de teu Senhor por amor puro.
  Que podes eſperar, por mais que eſpe-
Do mundo, que te tem deſenganada (res,
Que te póde faltar, ſe a Deos te deres.
  Se vires que por tudo deixas nada,
Por nada deixarás o que deſcança
No curſo deſta vida taõ cançada.
  A tanto ſubirás neſta mudança,
Que naõ haverá dôr, por mór que ſeja,
Na qual naõ creſça mais tua eſperança.
  Aſſim de culpas minhas eu me veja
Taõ longe, como perto eſſa alma tua
Daquillo, que eſta minha ver deſeja.
  Que vás apôs de quem á cuſta ſua
Por nos levar ó Ceo, donde nos chama,
Na terra padeceu morte taõ crua.
  Hum firme coraçaõ, que em Vós ſe in-
(flamma,
Ardendo por ſe ver de Vós amado,
Por vos amar, Senhor, tudo deſama.
  Do tempo, que gaſtei taõ mal gaſtado,
Dera melhor razaõ, do que daria
De vos ſeguir, Senhor Crucificado;
  Mas nunca a fraca voz me faltaria
Para dizer do mundo a falſidade,
Como quem nelle andou cego ſem guia.
  Levanta os olhos teus á ſaudade

Do

Do Summo Bem dos bens, e nella aprende
Aquillo que mais for ſua vontade.
  A Fenis, que do tempo ſe defende,
Antes que lhe faleça força, e vida,
No fogo ſe renova, em que ſe accende.
  Naõ ſe poem mais a Rola, carecida
Do ſeu primeiro amor, em verde ramo;
Foge da fonte clara aborrecida.
  Teſtimunha me ſeja por quem chamo,
Da verdade que eſcrevo brevemente
Nos verſos que por ſeu amor derramo.
  Que naõ pódes ſem elle ſer contente,
Sem elle, que dilata ſeu caſtigo,
Por naõ negar perdaõ ao penitente.
  Buſca falſas razoẽs o duro imigo,
Para nos impedir que de mais perto
Poſſamos contemplar tamanho amigo.
  Ah braços eſtendidos, Lado aberto!
Quanto ſe ſentem mais as voſſas dôres
Neſta quietaçaõ deſte deſejo!
  Naſcem neſta aſpereza brandas flores,
E nella taõ ſuave doce fruito,
Como tu colherás, como lá fores,
Amando muito mais quem amas muito.

CARTA III.

A Franciſco Barreto de Lima eſtando prezo.

ANdei de mez em mez, de dia em dia
Buſcando hum' hora ſô deſoccupada
Para ſatisfaçaõ do que devia.
E quando m'a pintou facilitada
A força do deſejo em minhas maõs,
Nas alheas a vi renunciada.
Más ſe naõ pude ſer dos temporaõs,
Dos ſerodios ſer poſſo differente,
Pois delles huns ſaõ pobres, outros ſaõs.
Quanto padece mais, quanto mais ſente
O que naõ póde ver o que deſeja,
Deſejando de ver o que eſtá auſente?
Cauſa póde ſer tal, que a meſma ſeja,
A que dous peitos mova a ſaudade;
Mas que n'um delles ſó mór parte eſteja.
Naõ foi eſcaſſo amor de liberdade,
Quanto de forças foi a natureza;
Pois ſem ellas ſenhor he da vontade.
Ou ſeja n'alegria, ou na triſteza
De mui varios ſucceſſos da ventura
Aventurar naõ deixa a fortaleza.
A barbara, infiel, ingrata, e dura
Terra de Berberia, que negou
A tantos esforçados ſepultura;
Inda que deſta noſſa te apartou,

Apar-

Apartar nunca póde o ſentimento
De quem ſempre de cá te acompanhou.
  Podera deſculpar o penſamento,
Se neſta conjunçaõ ſe deſcuidara,
Por ſer o mal de pouco ſoffrimento;
  Podera, s' inda agora me calara,
Naõ danar outro eſtilo merecido,
De quem melhor nas armas te louvara.
  Nas armas onde eſtava conhecido
Esforſo em tenra idade, anticipado,
Nos campos Africanos repartido.
  Aquelle esforſo teu dos teus herdado,
Que dos campos do Lima ſe eſtendeu
A vencer os que o Ganges tem regado.
  Ah quanto neſte paſſo ſe moveu
O meu coraçaõ triſte a ſuſpirar!
Mas ſeja taõ ſómente pelo Ceo;
  Pois que ninguem na terra limitar
Póde, quanto de nós mais determina;
Quem póde quanto quer determinar?
  Em quanto eſta alma noſſa peregrina,
Com taõ mal inclinada carne unida,
Que de mal em pior ſempre ſe inclina:
  Convém que ſe regiſte a breve vida
Pela morte por quem ella ſe mede,
Naõ reſpeitando ſer deſconhecida.
  A quantos impedió matar a ſede,
Que tinhaõ de fartar crueis intentos
Que a Lei juſta de Deos taõ pouco im-
(pede?
  A quantos derribou os fundamentos
De

De ſeus vaõs appetites derivados?
A quantos outros tantos penſamentos?
Quaõ ditoſos, quaõ bem conſiderados
Os dias ſaõ daquelles, que fugindo
Pelos deſertos vaõ deſpovoados!
Agora do Coelho vaõ ſeguindo
Os paſſos que lhe moſtra o Caõ ligeiro,
Que buſca, corre, ſalta, e vai latindo.
Ora ſe vai trepar no ſovereiro,
Donde, ſem ſer ferido, o porco fira,
Que por ferir eſcuma no terreiro.
Ora no campo razo onde ſe eſtira
O Galgo apoz da Lebre fugitiva,
No cançado Rocim ſe ponha á mira.
Ora tome caçando a Perdiz viva
Das maõs do ſeu Açor, ou do ſeu laço,
Ficando a preza d'um, d'outro captiva.
E ſe de condiçaõ for mais eſcaço,
No rio vá peſcar peixes á cana,
Que Marateca tem como bagaço.
Alli póde caçar toda a ſemana,
Onde naõ póde ver andar á caça
Contra Divina Lei malicia humana.
Nem deve parecer mal eſta traça
A' rara, clara, e chara companheira
D'alma, que Deos conſerve em ſua graça,
Ou ſeja em Azeitaõ, ou na Landeira.

MARTYRIO, E VIDA
DE
S.TA CATHARINA.

PEnas, tormentos, dôr, e fortaleza
Cantar quero de Santa Catharina,
Dotada de ſciencia, e de pureza,
D'amor Celeſtial, graça Divina:
Cujo favor invoco neſta empreza;
Porque danar naõ poſſa ao verſo rudo,
De rodas de navalhas fio agudo.
No tempo que Maxencio Imperador.
Exercitava ſua tyrannia,
Imigo dos amigos do Senhor
Chriſto JESU, quem elle perſeguia;
Procedendo de mal para pior,
Poſto no Tribunal de Alexandria
Mandou que a todo povo ſe eſcreveſſe,
Que certo dia todo alli vieſſe.
Com ſomma de diverſos animaes
Correm a ſacrificar ſolemnémente
No templo de ſeus Deoſes immortaes,
Adonde elle queria eſtar prezente
Com todos de ſeu Reino principaes
Por ſer o ſacrificio differente
De quantos tantas vezes feitos tinha;
Aparelha-ſe o mais como convinha.
Havia na cidade huma Donzella

De

De rara perfeiçaõ, de bello roſto;
Mas na pureza d'alma inda mais bella,
Prudente Virgem, filha d'ElRei Coſto,
Que vendo prepararſe para aquella
Feſta vizinhos ſeus com tanto goſto,
O verdadeiro quiz buſcar á cuſta
Da vida com diſputa clara, e juſta.

E como muitas vezes deſejara
Sacrificar a vida a quem lha dera,
E depois de lha dar inda a comprara,
Quando na Cruz por todos padecera:
Com tanto fervor d'alma ſe prepara
A darlhe cem mil outras ſe as tivera,
Que naõ póde encobrir naquelle inſtante
Quaõ leda dalli parte, e quaõ conſtante.

Da ſua gente vai acompanhada,
Antes em companhia mais ſegura
D'amor, com quem ſe tinha deſpozada,
Que branda lhe fazia aquella dura
Maõ do cruel Tyranno alevantada,
Para dar melhor córte á formoſura:
Que tal naõ tinha viſta n'outro eſpelho,
Qual naquelle cutello aſſi vermelho.

Paſſa por animaes brutos atados,
Que pondo os olhos nella eſtaõ bramando
De verem com ſeu ſangue venerados
Aquelles, que ſem fim eſtaõ penando:
Adonde tendo já conſiderados
Quantos nos erros ſeus ſe eſtaõ culpando,
A Maxencio mandou dizer da porta
Do templo: que fallar-lhe logo importa.

Reſpondeu-lhe Maxencio q̃ importava
Muito mais acabar o começado
Sacrificio dos Deoſes, em que eſtava
Degolando naquelle manſo gado:
Mas pois a meſma cauſa a convidava
A feſtejar o dia feſtejado,
Que entraſſe a pôr por obra o ſeu intento
Por naõ perder o ſeu merecimento.

A Virgem, que levava outro conceito
Differente do que elle prezumio,
Entrou naquelle templo, açougue feito
Do ſangue, em que o Tyranno ſe tingio:
E revolvendo dentro no ſeu peito,
O que ſeu doce Eſpoſo lhe imprimio,
Com brando parecer, ſereno, e grave
Começou levantar a voz ſuave.

Oh barbaro, cruel, endurecido,
Fero, bruto, animal, cego tyranno,
Que naõ tens nos teus erros conſentido
Por deixar de entender o teu engano
Taõ manifeſtamente conhecido,
Se naõ por te prezar de deshumano;
Pois quando neſcio foras na verdade
Deras moſtras ſe quer de piedade.

Por onde podes mal diſſimular
A tua natureza dura, e fera
Exercitada em taõ ſujo lugar
Qual outro a piedade naõ movera;
O goſto que tu levas de matar,
Oh que matando mais ſe embravecera!
Chamas te Imperador, e naõ attentas
Que

Que figura matando repreſentas?
  Mas pois tua malicia aſſim te cega
Para naõ poder ver idolatrando,
Como quem ſeu juizo cego entrega
A cego, que ſeus paſſos vai guiando:
Manda vir á diſputa quem te préga,
E verás como venço diſputando,
Moça de tenros annos, ſabedores;
Eſcolhe de teus Reinos os maiores.
  Verás quaõ pouco baſta para crer
Que naõ ſoffre razaõ ſerem honrados
Por Deoſes homens maos de mao viver,
Nem menos nos altares levantados
Os idolos, que tu mandas fazer
De pedra, de metal, ou pao lavrados:
Adora quem te fez, deixa o madeiro
Que tu mandas fazer ao Carpinteiro.
  A gloria, o louvor, a adoraçaõ
A Deos Omnipotente ſó ſe deve,
Que por perfeiçoar a Redempçaõ
Univerſal, na Cruz pregado eſteve:
Sem cuja ſempiterna permiſſaõ
Naõ ſe move na planta folha leve:
Poem nelle os olhos, tem da maõ o ferro
Envolto em ſangue, mais neſſe teu erro.
  Perturbado, e confuſo eſtá no meio
O Tyranno daquelles argumentos,
Da dura reprenſaõ que, darlhe veio
A Virgem reprovando ſeus intentos;
Sem mais outro reſpeito nem receio
Delle, nem dos ſagrados apozentos:

Naõ

Naõ ſoube como della ſe livraſſe,
Se naõ com lhe mandar que ſe calaſſe.
Recolhido já dentro no ſeu Paço,
Depois da funeral feſta acabada,
Mandou que a Virgem foſſe em breve eſ-
Da ſua Imperial parte chamada; (paço
A qual com roſto alegre, e grave paſſo
Honeſta, e vergonhoſa preſentada,
Com muita confiança eſcuta, e cala
O neſcio Imperador, que aſſi lhe falla:
Quero ſaber que letras aprendeſte,
Teu nome, cuja filha es, como ouſaſte?
Se ſabes ponderar o que fizeſte
Quando taõ ſoltamente reprendeſte,
E dos immortaes Deoſes blasfemaſte?
Que por elles te juro que naõ ſei,
Como comtigo a mim me naõ matei?
Sou filha d'ElRei Coſto (Catharina
Reſpondeu) desn'o berço doutrinada;
Mas logo deſprezei a tal doutrina,
Como me vi com Chriſto deſpozada:
Porque em comparaçaõ do q̃ elle enſina
Todo o ſaber do mundo fica nada:
Elle criou o Ceo, criou a Terra;
E tudo quanto mais nelle s' enſerra.
As letras q̃ aprendi d' homens humanos
Contradizer ſe podem diſputando;
Mas naõ taõ manifeſtos deſenganos,
Como no templo eſtive declarando:
Devias deſiſtir de teus enganos,
Falſas ſuperſtiçoens abominando
Deſſes

Deſſes teus falſos Deoſes condemnados,
Das furias infernaes atormentados.
Eſpantou-ſe o Tyranno da reſpoſta,
Que da boca da Virgem tinha ouvida,
Avizada, ſubtil, e bem compoſta,
Com tanta liberdade repetida:
E como vê que a tudo eſtava poſta
Até perder por Chriſto a propria vida;
Começou a dizer mil deſvarios,
Que a Virgem reprovou como ſandios.
E por naõ ſe atrever a mais contenda,
Vencido finalmente por razoens;
Eu, diſſe, buſcar quero quem te renda,
Que a mim me naõ convem tratar queſ-
Antes privar da vida, e da fazenda (toẽs:
Quem ſuſtentar quizer opinioens
Em deſprezo dos Deoſes poderoſos,
A quem chamaſte falſos, mentiroſos.
Entre tanto mandou que lha puzeſſem
No carcere até quando ſe juntaſſem
Os móres ſabedores que pudeſſem,
Para que com a Virgem diſputaſſem,
E que da ſua parte lhe diſſeſſem,
E dos immortaes Deoſes exhortaſſem,
Que niſto conſiſtia ſeu Imperio,
Ganhar honra perpetua, ou vituperio.
Chegando já graõ numero daquelles,
Que para diſputar foraõ buſcados,
Maxencio começou tratar com elles
Aquillo para que foraõ chamados:
E que conſideraſſem pender delles
Serem

Serem ſeus proprios Deoſes deſprezados;
O ſeu Imperador poſto em ventura
De mais alegre, ou triſte creatura.
E como quem deſeja de vencer
Na guerra, lhe parece duvidoſo
Tudo quanto lhe póde ſucceder,
Imaginando mais induſtrioſo
Aquillo de que mais ſe ha de prover
Para ficar em fim victorioſo;
Aſſi quiz o Tyranno aſſegurarſe,
Como quem naõ queria aventurarſe.
Dizendo a todos juntos, que teriaõ,
Vencendo, largos premios; mas vencidos
Com graviſſimas penas pagariaõ
Ficarem os ſeus Deoſes abatidos,
E que por eſta cauſa ſe deviaõ
Aparelhar com todos os ſentidos;
Pois elle tambem nella ſe perdera,
Se o mandala calar lhe naõ valera.
Hum de todos aquelles que ſe tinha
Por mais avantejado na ſciencia
Diz ao Imperador que muito azinha
Tomaria do caſo experiencia:
Poſto que diſputar lhe naõ convinha
Com quem tinha taõ fraca reſiſtencia;
Mas que elle proporia taõ profunda
Queſtaõ, que naõ houveſſe outra ſegunda.
Feſtejou o Tyranno taõ immenſa
Soberba do Filoſofo, cuidando
Abaſtar eſte ſó para que vença
A Virgem ante o povo diſputando:

E

E por iſſo mandou que ſem detença
Se foſſe ſua vinda abreviando
Deſejoſo de vêla qual ſe vira,
Quando vencido della ſe partira.

Mas antes que chegaſſem á cadêa,
Aonde Catharina tinhaõ preza,
De luz Divina foi a caſa chea;
Ella de mais ſciencia, mais firmeza,
A diſputa dos ſabios naõ recêa;
Que de vencelos já tinha certeza
Por hum Anjo do Ceo, que lhe mandou
Aquelle, em cujas maõs ſe encomendou.

Oh Catharina (diſſe) teu Eſpoſo
Por mim ſeu Anjo manda viſitarte
Para contra eſte numero odioſo
De ſabios, antes neſcios, confortarte,
E depois por martyrio glorioſo
Com elles no ſeu Reino apozentarte;
Dando-te graças taes, taõ eminentes
Que de neſcios fazer poſſas prudentes.

Alegra-te, que tens a Deos propicio;
Alegra-te de ſeres taõ ditoſa,
Que fazendo da vida ſacrificio
Faraz eſs' alma tua mais fermoſa:
Alegre-te tamanho beneficio,
Oh Virgem Catharina glorioſa;
Lá te vou eſperar no Ceo Impirio,
Onde tens a coroa do martyrio.

Eſta viſitaçaõ Celeſtial,
Que aſſi deixou a Virgem transformada
Naquillo, que dizer ſe póde mal,

Naõ

Naõ deu lugar Maxencio a ſer lograda;
Que logo ſe ſubio no Tribunal,
Mandando que alli foſſe apreſentada
Catharina antre aquelles eſcolhidos,
Que vinhaõ a vencer, naõ ſer vencidos.
Aquelle principal mais arrogante,
Que da victoria fez larga promeſſa,
Moſtrando-ſe mais deſtro, e mais conſtan-
A diſputar primeiro ſe arremeça: (te,
Propondo, e concluindo n'um inſtante
Maravilhas dos Deoſes, que profeſſa,
De Jupiter, Apollo, de Neptuno,
Venus, Minerva, Ceres, Thetis, Juno.
Catharina que eſtava ſobre avizo,
Além do natural, outro Divino,
Alegre de ſe ver poſta em juizo
Daquelle Imperador cego, malino;
Taõ claramente prova de improvizo
Hum Deos Eterno, ſó ſer Uno, e Trino;
Que naõ ſómente deixa convertido
O ſabio, mas á morte offerecido.
Os outros, que na Virgem contemplaraõ
De raras perfeiçoens altos extremos,
Todos juntos por terra ſe lançaraõ
Dizendo: Nós tambem nos convertemos
Dos erros, em que os noſſos nos criaraõ;
Abaſta o que com noſſos olhos vemos;
Que ſó na Lei de Chriſto verdadeira
Póde lobos vencer huma cordeira.
O Tyranno que vio como perdera
Diante do ſeu povo a confiança;

E

E como diſputando ſe atrevera
Huma moça fazer leve mudança ;
Naquelles cincoenta , que eſcolhera ,
Determinou fazer cruel vingança ,
Mandando que queimaſſem todos quantos
Por hum ſó Deos quizeſſem perder tãtos.
Os verdadeiros ſabios, que entaõ viraõ
Aparelharſe o fogo , naõ s' esfriaõ ,
Antes por padecer nelle ſuſpiraõ
Accreſcentando mais outro, em q̃ ardiaõ:
Alegres todos juntos ſe partiraõ
Da Virgem , que ficar alegre viaõ ,
Dizendo : Por nós roga. Ella dizendo :
Encomendai-me a quem vos encomendo.
Depois que para o Ceo purificadas
Se partiraõ aquellas cincoenta
Almas , por Catharina encaminhadas ,
O Tyranno de novo prova , e tenta
Com palavras de amor affeiçoadas ,
(Que ſeu deſejo vaõ lhe repreſenta)
Se póde por qualquer via que ſeja
A Virgem converter , como deſeja.
Ella que nada mais delle pertende ,
Martyrio , que favor , morte , que vida ;
Com taõ duras palavras o reprende ,
Que lhe faz vomitar a concebida
Furia de huma paixaõ, em que s' accende
Pela ver cada vez mais atrevida ,
Dizendo : Quero ver ſe com tormentos
Abrandar poſſo teus atrevimentos.
Seja com duras vergas açoutada
Até

Até que das blasfemias ſe deſdiga,
Em que perſeverou, como obſtinada
Dos Deoſes immortaes cruel imiga:
Amoſtra-ſe da lei deſobrigada?
Da piedade a lei me deſobriga:
Naõ fique membro ſaõ, nem ſangue nelle,
Nem ſobre ſuas carnes fique pelle.

Quaes lobos vigiando dos outeiros,
Que viraõ ſem paſtor a manſa ovelha,
Famintos, furioſos, e ligeiros
Da pelle branca vaõ fazer vermelha:
Taes foraõ os Algozes carniceiros,
Tanto que a voz ſoou na ſua orelha
Da boca do Tyranno, que naõ cança
De bradar contra aquella ovelha manſa.

Mas ella nos tormentos florecendo,
Como lirio nos valles regadios,
Tanto mais na firmeza vai creſcendo,
Quanto de ſangue mais creſcem os rios:
Eis o Tyranno vai desfalecendo
Do furor, desfalecem os ſandios
Miniſtros ſeus, cançados de ferir
Quem mais ferida os faz mais confundir.

Vendo Maxencio já forças, e manhas,
Deſprezadas daquella, que lançava
Pela rotura fóra das entranhas
Aquelle reſplendor, que dentro eſtava;
Obrando maravilhas taõ eſtranhas,
Que todo aquelle povo ſe abalava:
Mandou que par' o carcere tornaſſe,
Até que algum martyrio ſe inventaſſe.

A

A fama que voava deſte peito
Auguſta Imperatriz moveu contrita
A viſitar naquelle carcer' eſtreito
Catharina, que n'alma tinha eſcripta:
E para poder pôr iſto em effeito
O Capitaõ Porfirio ſolicita,
Que com duzentos ſens ſecretamente
Auguſta a Catharina s' apreſente.

Entrando na prizaõ, antes ſoltura,
Adonde Catharina ſe recrea,
Contemplando naquella formoſura,
De cuja ſaudade eſtava chea:
Tamanho reſplendor, tanta doçura
Naquelles circumſtantes ſe ſemea,
Que confeſſaõ a Lei, cujos effeitos
Saõ brandura de amor em duros peitos.

Oh diſo a Senhora, quaes amores
Em taõ duras prizoens, taes aſperezas,
Auguſta diſſe, criaõ brandas flores
Creſcendo, quanto mais no fogo accezas!
Quaes olhos podem ſer merecedores
De ver á ſua luz couſas defezas,
Naõ vos tendo ſervida por Senhora,
Serva de outro Senhor que vos namora?

De mim, e deſtes voſſos, que comigo
A verdadeira Lei ſeguir queremos,
Convertidos do noſſo error antigo,
Que com ſuſpiros d'alma lavaremos,
Vos alembrai, Senhora, que naõ digo
O goſto, com que todos morreremos;

Mas

Mas que outro mór tyranno tomaria,
Se n'outro póde haver mór tyrannia?
Augusta Imperatriz, e todos quantos
(Respondeu Catharina) t' acompanhaõ,
Ditosos escolhidos entre os Santos,
Que por seu Deos no seu sãgue se banhaõ:
Os Tyrannos crueis naõ podem tantos
Tormentos inventar, quantos se ganhaõ
Eternos bens, morrendo, e desejando
Que cresçaõ penas, gloria accrescentando.
Antes de poucos dias lá naquellas
Celestiaes moradas vivireis,
Passeando por cima das Estrellas,
Adonde mais fermosas vos vereis,
Que quanta formosura creou nellas
Aquelle, por quem vós padecereis
Com tanta fortaleza, esforso tanto,
Que seja gloria a Deos, ó mundo espanto.
Firmes, e consolados se apartaraõ
Da Virgem, que no carcere onze dias
Sem mantimento as guardas enserraraõ;
Mas o Senhor mandou por outras vias,
Que por suas, humanas naõ serraraõ:
Huma pomba lhe traz taes iguarias,
Que quando foi levada ao Tribunal
De quaes ellas seriaõ deu final.
O doce Esposo seu, que naõ se esquece
De quem nas suas maõs se sacrifica,
Taõ claro, e taõ fermoso lhe apparece,
Consola, esforça, anima, e fortifica;
Que naõ carcer, mas gloria lhe parece
Aquelle

Aquelle, onde de amor mais preza fica,
Deſejando de verſe no tormento
Hum naõ, mas q̃ d'hum ſó ſe façaõ cento.
Porfiando outra vez, prova tentala
Com palavras Maxencio, com branduras,
Pois naõ pődem tormentos abrandala.
Que tentas, ou que intentas, que procuras
Mover hum coraçaõ, que naõ ſe abala
Por amor ou temor das creaturas?
(Reſpondeu Catharina) taõ iſenta;
Que elle ſó darlhe morte prova, e tenta.
Hum dos ſeus cubiçoſo de privança,
Conforme a ſeu ſenhor na natureza,
Prometteu de fazer leve mudança
Naquella conſtantiſſima Princeza,
Aſſegurando ſua confiança
N'um tormento inventado da crueza,
Composto d'umas rodas rodeadas
De navalhas eſpeſſas aguçadas.
Poſta já no tormento que moveraõ
Os Algozes, porque ella ſe moveſſe,
Em pedaços as rodas ſe fizeraõ,
Sem que tocar algum nella podeſſe;
Matando aquelles neſcios, que quizeraõ,
Que no tormento a Virgem feneceſſe;
O povo que eſperava a prova diſto
Confeſſa por ſeu Deos a JESUS Chriſto.
O Tyranno blasfema, grita, e brama
De ver ficar a Virgem taõ ſerena,
Deſtruindo dos Deoſes honra, e fama,
E zombando de quanto elle lhe ordena:
A

A furia no ſeu roſto ſe derrama ,
Encobrindo no peito quanta pena
Lhe dá ver o ſeu povo alvoroçado ,
A riſco de perder o ſeu eſtado.
E querendo ſeguir a morte injuſta
Na Virgem , que nas penas ſe deleita ;
Eis Porfirio lhe clama, eis clama Auguſta
Dizendo: Imperador , que te aproveita
Atormentar a Santa pia , e juſta
Nas obras , e palavras taõ perfeita ?
Pede-lhe , que te enſine , como poſſas
Saber o que enſinou ás almas noſſas.
O furioſo entaõ Maxencio volta
Contra ſua mulher a furia ſua ,
E contra o Capitaõ Porfirio ſoltá
Palavras com pregaõ de morte crua :
Eis recrece no povo outra revolta ,
Com que o triſte Tyranno mais ſe encrua,
Por ver duzentos inda no martyrio
Companheiros de Auguſta , e de Porfirio.
A Virgem , que da terra para o Ceo
Tantas almas primeiro vio ſubir ;
Da ſaudade dellas ſe venceu
De modo , que naõ ſoube reſiſtir
(Ao bem,que dos bens dellas pertendeu,)
A's queixas de mais tarde ſe partir ;
Mas o ſeu doce Eſpoſo, a quem ſe queixa,
Dilatar ſua morte mais naõ deixa.
Permittindo que fóra da Cidade
Logo foſſe levada a degolar ,
Achando nos Algozes liberdade

Facil-

Facilmente de tempo para orar ;
Onde pede á Divina Mageſtade
Que ſeu corpo lhe mande ſepultar
Naquelle ſanto monte , donde deu
A Lei ſanta a Moiſés privado ſeu.
Depois qae ſe acabou aquella breve ,
E final oraçaõ da Virgem Santa ,
O Miniſtro cruel naõ ſe deteve
Em ſepultar o ferro na garganta ,
Do qual correndo leite branco eſteve ;
Milagre de que o povo mais ſe eſpanta
Por ver hum corpo morto , que criava
Com leite aquel as almas , que guardava.
Do ſeu fermoſo corpo degolado
Aquella alma ditoſa deſpedida
Nos braços repouſou do ſeu Amado ,
Em cujo amor ſe tinha derretida :
O Corpo foi dos Anjos ſepultado
Na parte , que lhe fora concedida
Por Virgem , e por Martyr , e por Sabia,
No monte de Sinai , monte de Arabia.

Sobre o Flevit amare.

AQuelle bom Paſtor , que conhecia
Na fraqueza do ſeu medroſo gado ,
Como dos crueis lobos fugiria
Quando ficar o viſſe prezo, atado :
Seus olhos , quando já mais naõ podia ,
Negar naõ quiz áquelle , que negado

O tinha, porque nelles enxergasse
Qu' inda o receberia, se tornasse.
Ah Pedro, quanto mais te magoou
Daquelles claros olhos a brandura
Que chorar teu peccado te ensinou!
Ensinou-te a buscar a cova escura,
Que d'outra mais escura te livrou,
Onde tambem cahiras por ventura
Assim como cahio teu companheiro,
Hum por cubiçar vida, outro dinheiro.
Que vida foi aquella que cuidavas
Que vivendo melhor conservarias?
Pois pelo mesmo caso que negavas
A verdadeira vida, te perdias:
Mal podias viver, pois te matavas,
E mal matarte já, pois naõ vivias:
Dizia Pedro triste, arrependido,
Na cova donde estava já mettido.
Ah triste velho, triste, inda mais triste
No triste fim de quantos ter poderas
Que podestes deixar a quem seguiste,
Que podestes negar a cujo eras!
Que medo foi aquelle, em que te viste,
Para te naõ lembrar que prometteras
Que inda que visses todos fugir delle,
A ti veria só morrer com elle?
Elle delle me vio tambem fugir,
Como delle fugio toda a manada;
Depois me vio tornar, mas a mentir,
Mentira com tres juras affirmada:
Mas se fugindo errei, tornando a vir

A fugida emendei com a tornada;
Que ſe por huma vez naõ fui fugindo
Conſtante, por tres vezes fui mentindo.
Jurei, menti, neguei ſumma verdade,
Erro grave, mortal, enorme, e feio,
Crime contra Divina Mageſtade,
Culpa d'um naõ ſei qual leve receio
Naſcido já no fim da minha idade,
Que neſte miſeravel parar veio,
Por naõ dar por reſpoſta áquelles perros,
Prezo ſou, diſſe, prezo por meus erros.
Prezo de ſeu amor, naõ ſeu captivo,
A morte que lhe dais, naõ ma tireis;
Eſcondei neſte peito o ferro eſquivo,
A matar por amor começareis:
Matai-me, que naõ quero ficar vivo;
Matai, cujo Senhor matar quereis:
Iſto devera entaõ de reſponder,
E deixarme matar para viver.
Deixar o barco, e redes que preſtou,
Daquella voz levado, que levara
O mar de Galiléa, onde me achou,
Cuja força ſe bem conſiderara,
Quando o Senhor primeiro me avizou
Que havia de negalo, naõ negara;
Mas diſſera tres vezes: *Já pequei*:
Daime perdaõ de tres que vos neguel.
Que poſto que por elle eſtava dito,
O que dito por elle eſtava feito;
Se, como agora, entaõ me vira afflicto,
Algum remedio dera a meu defeito;
Criara

Criara em mim de novo hum novo eſprito,
Com que fortalecera o fraco peito ;
Porque ſe fraco fora da primeira ,
Naõ fora da ſegunda , e da terceira.
Oh lingua mentiroſa , que diſſeſte ?
Deſenfreada lingua , que cauſaſte ?
Quanto tempo paſſou que prometteſte ?
Quantas horas havia que affirmaſte ?
E porque eauſa aſſi te desdiſſeſte
Com teſtimunho falſo , que juraſte ,
Que tal Meſtre , e Senhor naõ conhecias,
Pois a tal , e em tal tempo lhe fugias ?
Fugiom' o coraçaõ que dantes tinha ,
Quando meu Senhor nelle repouſava ,
Fugindo , me fugio a lingua minha ,
Que minha covardia governava :
Bem claro ſe moſtrou, com quanta vinha;
Pois baſtaraõ perguntas de huma eſcrava
Para negar alli ſem mais tormento ,
Além daquellas tres , tres vezes cento.
Que menos ſe eſperava da fraqueza ,
Que aſſi ſe foi de mim ſenhoreando ,
Depois que vi levar atada , e preza
Por cima das calçadas arraſtando
A huma Soberana fortaleza ,
Que de longe ſegui , naõ me lembrando
Quanto mais refinada no preſente
Se moſtrava em moſtrarſe paciente.
Moſtrou-ſe tal por obra , qual diſſera
Por palavra na Cea derradeira ;
Ah ditoſo ſe nunca anoitecera

Neſt' alma minha aquella quinta feira!
Ditoſo fora entaõ, ſe entaõ morrera!
Que já naõ ſinto morte, que me queira;
Pois daquella fugi taõ deſejada
De quem morrer deſeja morte honrada.

Que mór ventura minha, ou que maior
Honra podera ſer naquelle inſtante,
Que ver ſeguir o ſervo a ſeu Senhor?
Com o nome de fiel, firme, conſtante;
E naõ do que ganhei de ſer traidor,
Que nunca deixará de ſer baſtante
Para me magoar além da magoa,
Que já lavar naõ podem rios d'agoa.

Que aſſi me aproveitei de huma doutri-
D'uma converſaçaõ taõ amoroſa (na,
Taõ branda, e taõ ſuave, e taõ benina,
D'uma viſta das viſtas mais fermoſa:
Ah ſaudade minha, luz Divina!
Ah velhice mofina desditoſa!
Qual te fora melhor deixar de vêla,
Ou ver que te perdeſte com perdela!

A perda que meu mal me repreſenta
Naõ tem conto, nem pezo, nem medida;
Que tanto cada vez mais ſe accreſcenta,
Quanto mór culpa tenho commettida:
Naõ ſei como eſta cova me ſuſtenta;
Poſto que ſua luz tem eſcondida,
Ou por m' aborrecer, como culpado,
Ou por ſe eſcurecer com meu peccado!

Aquelles crueis lobos, que chegaraõ
A prender o manſiſſimo Cordeiro,

De

De quanta piedade entaõ uſaraõ,
Se provaraõ ſeu ferro em mim primeiro?
Que com ſuas palavras me provaraõ
Para fazerme dellas companheiro;
Ai quaõ brando ſentira o ferro duro
No peito antes de ſer falſo, perjuro!

Qual outro ſe vio nunca já naſcido,
Ou por naſcer eſtá, que tal ſe veja,
Que depois de taõ alto ter ſobido,
Em taõ baixo, e taõ vil eſtado eſteja!
Nem baſta haver tambem outro cahido,
Porque d'ambos a culpa a meſma ſeja;
Qu' elle naõ o vendeu mais d'uma vez,
Mas eu antes do Gallo o neguei tres.

Antes d'ouvir cantar o Gallo, digo,
Que ſe naõ fora termo limitado,
Que meu Senhor quiz pôr a meu perigo,
Tantas vezes de mim fora negado,
Quantas de qualquer ſeu mais fraco imigo
Eſte mais fraco fora perguntado:
Em fim, que ſe tres vezes naõ ouvira
Cantar o Gallo, mais de tres mentira.

De quẽ me queixarei em mal tamanho;
Pois queixarme de mim pouco aproveita?
Pouco; ſe em triſtes lagrimas me banho,
E pouco a pouco dôr, que a morte engeita:
Oh culpa nunca viſta, caſo eſtranho!
Qual ruſtica naçaõ barbara feita
Sòffre quebrantar fé, por guardar vida,
Que guardada naõ fique mais perdida?

Como ſe póde ver na que naõ vejo,

Se naõ para chorar taõ triſte ſorte
De mal taõ deſeſtrado, taõ ſobejo,
Que fea me pintou fermoſa morte,
Sem dar ſatisfaçaõ a meu deſejo
Para ſaber ſe fui fraco, ſe forte:
Que ſe fraco, devera emudecer;
E ſe forte, devera naõ temer.

Mas eu, que forte fui para negar,
E para confeſſar fraco, covarde,
Em qual outra prizaõ me poſſo achar
Por mais que eſpere já, por mais q̃ aguar-
Que como forte poſſa confeſſar, (de?
E como fraco ſó de mim me guarde,
De mim, que ſe de mim ſó me guardara,
Nunca taõ cego povo me cegara.

Ah! que me naõ cegou, quando tentei
Matalo todo junto, o meu cutello,
Que de ſeu ſangue tinto embainhei;
Mas eu que forte fui em comettelo,
Taõ fraco em reſponderlhe entaõ fiquei,
Que fiquei deſculpado de offendelo,
Tanto que ninguem pode preſumir,
Que eu pudeſſe arrancar, menos ferir.

Deſte n'outro ſucceſſo differente
Dei na mór perdiçaõ que inda té gora
Nunca foi dar paſſado nem preſente,
Nem dar outro ſe naõ ſó Pedro fora;
Pedro que neſta cova já naõ ſente,
Já naõ prantea, naõ ſuſpira, e chora
Pelos bens que perdeu, mas pela offenſa
Feita contra ſeu Deos, bondade immenſa.

Eſta

Eſta, que neſte eſtado me tem poſto
Para nunca affrouxar hum ſó momento
D' em lagrimas banhar meu triſte roſto,
Meu falſo peito em novo ſentimento;
Aqui deſconſolado, e deſcompoſto
Onde vivo me deu enterramento,
Morto me deixará ſem terra nova
Cobrir meu corpo dentro neſta cova.

Que veja quem por erro ou por acerto
(Erro qual foi o meu naõ digo tal)
Chegar a ver meu corpo deſcoberto,
Que ficou para mais fraco ſinal
De naõ querer a terra ter coberto
Quem para com ſeu Deos foi desleal;
Que ſe niſto mór pena me naõ dera,
Já ſe abrira comigo, e me ſorvera.

Da pena me dá pouco, que padeça,
Da culpa nada baſta a conſolarme,
Que naõ póde acabar donde começa,
Nem póde começar para acabarme;
Nem menos póde ſer que culpa eſqueça,
Culpa, em que por tres vezes fui culpar-
(me,
Aſſim triſte de mim n'um,noutro extremo,
Da pena me naõ da, da culpa gemo.

Gemer,e ſuſpirar em magoa,em pranto,
Manjar ſerá deſt' alma minha, ingrata,
Deſt' alma, que da carne tratou tanto
Para tratar de ſi quaõ pouco trata:
Diſto ſe manteraõ ambas em quanto
Sua fraca prizaõ naõ ſe deſata,

Atadas no ſeu erro ambas padeçaõ,
Ambas deſconhecidas ſe conheçaõ.
Aſſás deſconhecido eſtou de mim
Para naõ deſculpar meu deſatino!
Que fugi, que tornei, que fui, que vim,
Que de velho me vim fazer minino:
Perdendo ai! que perdi poder no fim
Trocar o ſer humano por Divino:
Se trocar naõ quizera huma verdade
Tamanha por tamanha falſidade.
Ora pois deſta troca ſuccedeu
A quem ſeu proprio Deos foi em peſſoa
Chamar do mar á terra para o Ceo,
Perder do meſmo Ceo huma coroa;
Que Amor nas ſuas maõs lhe offereceu
Couſa, que aſſi laſtima, aſſi magoa!
Naõ quero dilatar o fim que eſpero;
Por naõ deſabafar, calar me quero.

M O T E.

Antre as couſas mais formoſas
Buſca a mais fermoſa dellas;
Mais que o Sol, Lua, e Eſtrellas,
Mais que Lirios, e que Roſas.

BUſca a ſumma Formoſura,
Que tudo faz, tudo cria;
Só daquella te confia,
Que ſempre dos ſempres dura:
Se vires couſas formoſas,
Como ſaõ Sol, Lua, e Eſtrellas,

Paſſa tu por cima dellas,
Pizarás Lirios, e Roſas.

Naõ te envolva o penſamento
No goſto da vida humana;
Que a folha que o vento abana
Naõ ſe defende do vento.
Ha couſas muito fermoſas,
Muito claras, muito bellas,
Huma ſó muito mais que ellas,
Mais que Lirios, mais que Rozas.

Quanto mais formoſa for
A couſa que pódes ver,
Verás que naõ póde ſer
Sem ſer mais o Creador:
Se vires Lirios, e Rozas,
O Sol, a Lua, as Eſtrellas,
Buſca no Creador dellas
Outras muito mais formoſas.

Quem tudo fez para nós
Fazernos quiz para ſi.
Poem os teus olhos em ti,
Verás quem os em ti poz:
Que Lirios viſtes, que Rozas,
Que Sol, que Lua, que Eſtrellas,
Que naõ venhas a ver nellas
O Senhor das mais formoſas?

MOTE.

Quem muito deſeja amar,
Muito tem do que deſeja,
Sem que ſinta, ſem que veja.

AMor por mais ſer amado
No peito, donde s' accende,
Docemente lhe defende
Saber ſe tem começado:
Porque aſſi mais esforçado
Muito mais amar deſeja,
Sem que ſinta, ſem que veja

Naõ ſe deixaõ comprehender
Effeitos de amor Divino;
Mas deſejar de contino
He claro ſinal de arder:
Donde ſe póde eſconder
Amor porque ſe naõ veja
Se naõ donde ſe deſeja!

Naõ ſe queixe o coraçaõ,
Se ſentir em ſi ſeccura,
Que a lenha que muito dura
No fogo, faz-ſe carvaõ:
Nem cuide que ſopra em vaõ;
Poſto que arder naõ ſe veja;
Que quem ſopra arder deſeja.

VOLTAS.

A Tra los Montes.

POr longe que vá
Donde quer que for,
Quem tiver amor,
Lá me buſcará;
Pouco me dará
De me naõ buſcar
Quem me naõ amar.

Se mal empreguei
O meu bem querer,
Lá poſſo ſaber
O que cá naõ ſei:
Deſenganarm'ei
De me naõ amar
Quem me naõ buſcar.

Quem me quizer bem
Quando me naõ vir,
Naõ ha de ſentir
Paſſar inda além
Dos montes; mas quem
Naõ quizer paſſar,
Naõ me vá buſcar.

Se lá vir perdida
A minha eſperança,

Naõ terei mudança
Que fazer na vida:
Com eſta partida
Me poſſo acabar
De deſenganar.

Que perco perdendo
Cuidados humanos,
De cujos enganos
Me vou acolhendo?
Quanto me arrependo
De me deſcuidar
Do que devo amar!

REDONDINHAS.

A Noſſa Senhora.

O Maria
Doce porto, certa guia,
Glorioſa Virgem pura,
Qual Mãi ſua vos faria,
Quem fez toda a formoſura?
Naõ me atrevo
A louvarvos quanto devo
Antre duras penedias;
Porque borro, quanto eſcrevo
Nas minhas entranhas frias.
De que Rozas
Farei capellas formoſas,

De

De que Lirios, de que flores
Com que versos, com que prosas
Cantarei vossos louvores?
Sois aquella,
Que do mar se chama Estrella,
Dos tristes consolaçaõ,
Roza que se criou nella
Toda a nossa Redempçaõ.
Sois Rainha
Do Ceo; mas nossa vizinha,
Taõ solicita de nôs,
Que menos tarda a mezinha,
Do que chamemos por Vós.
Sois Senhora,
Que d'um' alma peccadora,
Que vos tem por avogada,
Do mesmo Deos, que em Vós mora,
A quereis fazer morada.

ENDECHAS.

O Meu nascimento
Que tal sér devia
Nunca hum só momento
Tive de alegria.

A estrella minha
Qual devia ser
O bem que naõ tinha
Me póde tolher.

Fortu-

Fortuna que fere,
Que ſente ferido,
Naõ ſoffre que eſpere
Cobrar o perdido.

Tudo me magoa,
Tudo me laſtima,
Huma dôr em cima
D'outra que mais doa.

He mui differente
A minha triſteza,
De quanto ſe ſente
Noutra natureza.

Alma entriſtecida
Façamos concerto;
Vamos fazer vida,
Vida n'um deſerto.

Àntre penedias,
E valles medonhos,
Onde nem por ſonhos
Lembrem alegrias.

Naõ haja mais ver
Quem falle, quem veja;
Tudo, tudo ſeja
Chorar, e gemer,

Claros defenganos
Daõ neftes extremos,
Quantos viftos temos
Em taõ poucos annos.

Chorei faudades;
Criei penfamentos;
Fiz mil fundamentos
De mil vaidades.

Os dias naõ cançaõ;
Cança a vida nelles:
Que ferá daquelles,
Que nella defcançaõ?

Que bufco, que quero!
Que choro, que rio!
Em que me confio!
Que tenho, que efpero!

Que prefta, que val
Quanto o mundo tem?
Como terá bem
Quem efcolhe mal!

Se choro, fe canto,
Se calo, fe grito;
Falta-me o efprito
Para fentir tanto.

Que

Que guerra taõ crua,
Que esforſo, que manhas,
As ſuas entranhas
Contra huma alma ſua!

Que forças as minhas,
Com que armas pelejo
Contr' o meu deſejo,
Coberto de eſpinhas?

Alma magoada,
Se tanto deſejas
Viver deſcançada,
Naõ ouças, naõ vejas.

Fujamos, fujamos,
Donde reſtauremos,
Quanto mal choramos,
Quanto bem perdemos.

Vamos ver da Serra
Do monte deſerto
O Ceo de mais perto,
De mais longe a terra.

Vamos acabar
N'uma lapa eſcura;
Sem mais alembrar
Viva creatura.

No monte, no valle
Tenho onde me eſconda;
Sem ter com quem falle,
Nem quem me reſponda.

O bruto animal,
A fera ſerpente,
Por bem naõ faz mal,
Como faz a gente.

Plantas, e penedos
Moſtraõ o que tem,
Sem tér mais ſegredos
Do que os olhos vem.

AO NASCIMENTO

De Noſſo Senhor.

Tanta formoſura
N'uma eſtrebaria
JESUS, e MARIA?

CHove, venta, e neva,
Congela-ſe o rio,
Meu Senhor ao frio
Com' os filhos d' Eva!
Pelo que releva
N'uma eſtrebaria
JESUS, e MARIA?

Naſce

Naſce a nova Luz ;
Naſce a flor das flores ;
Amor dos amores,
No berço, e na Cruz
MARIA, e JESUS?
N'uma eſtrebaria
JESUS, e MARIA?

Deshumana gente,
Que naõ agazalha
A quem ſó na palha
Ficará contente.
Ai ! quaõ pobremente
N'uma eſtrebaria
JESUS, e MARIA?

Fermoſo Menino,
Meu Senhor eterno,
Por tempo de inverno
Pobre peregrino ;
O amor Divino
N'uma eſtrebaria
JESUS, E MARIA?

Por terras eſtranhas,
A voſſa pouzada
Tem o tempo armada
De têas de aranhas?
Naſce das entranhas
JESUS, e MARIA
N'uma eſtrebaria?

F I M.

J'ai acheté ce grand poëte ! 15 cent.
le Samedi 30 Octobre 1852. c'est
à ne pas y croire ! Agostinho da
Cruz est mis au rang des Classiques
et c'est ce qui vaut mieux, un homme
vraiment inspiré.